



**Universidade do Minho**  
Escola de Economia e Gestão

Maria João Ribeiro da Silva Lopes

**O voluntariado universitário na elaboração  
de candidaturas de apoio social africano - Um  
estudo de caso em Cabo Verde**

Maria João Ribeiro da Silva Lopes **O voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano - Um estudo de caso em Cabo Verde**

UMinho | 2019

abril de 2019



**Universidade do Minho**  
Escola de Economia e Gestão

Maria João Ribeiro da Silva Lopes

**O voluntariado universitário na elaboração  
de candidaturas de apoio social africano - Um  
estudo de caso em Cabo Verde**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Economia Social

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria Cristina Guimarães  
de Almeida Moreira**

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### *Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição  
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

*A educação é a arma mais poderosa que podes usar  
para mudar o mundo”*

Nelson Mandela, julho 2003

*“Os voluntários não são pagos, não porque não tenham valor, mas  
antes porque o seu valor é incalculável”*

Madre Teresa de Calcutá (s.d.)

*“Às vezes sentimos que o fazemos é apenas uma gota no mar,  
mas o mar seria menos se faltasse uma gota”*

Madre Teresa de Calcutá (s.d.)

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

“O voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano - Um estudo de caso em Cabo Verde”

## **Resumo**

Atualmente, o voluntariado é um tema facilmente ouvido em todo o lado. Desde as organizações lucrativas, às não lucrativas, esta prática tem crescido e contribuído para o desenvolvimento das sociedades. Nos países pouco desenvolvidos, as ações altruístas apresentam um impacto ainda mais significativo, sendo muitas vezes, responsáveis pela resolução ou melhoria de algumas carências. No entanto, um dos grandes dilemas desta ajuda é a criação não intencional da dependência destes países face ao exterior. A presente investigação centra-se no estudo da necessidade de uma resposta social no bairro do Fonton, um dos bairros mais pobres da Cidade da Praia, em Cabo Verde. A mesma dará suporte à elaboração de uma proposta de um projeto de um centro de estudos, onde será contemplada a perceção do voluntariado universitário, enquanto catalisador do desenvolvimento nos PALOP. Deste modo, a questão que se coloca passa pela perceção de ameaças e oportunidades de resposta social, onde o voluntariado é o principal impulsionador.

A realização de inquéritos por entrevista e por questionário, e da análise bibliográfica e documental, permitiu colocar um carácter científico no projeto em estudo, sustentando a necessidade e viabilidade do mesmo.

Estes métodos de investigação suportaram a questão de partida, permitindo perceber que alguns dos problemas do bairro poderiam ser solucionados com a implementação do projeto referido. Todos os entrevistados afirmaram que seria uma mais valia para o bairro e que ajudaria a criar perspetivas de futuro. Quanto aos inquiridos, aqueles que se mostraram interessados em colaborar no projeto já tinham realizado ações de voluntariado, sendo por isso, movidos por sentimentos mais altruístas.

**Palavras-chave:** autonomia, desenvolvimento, voluntariado, voluntário

"University volunteering in the preparation of applications for African social support - A case study in Cape Verde"

## Summary

Nowadays, volunteering is a topic easily heard everywhere. From profitable to non-profit organizations, this practice has grown and contributed to the development of societies. In less developed countries altruistic actions have an even more significant impact and are often responsible for solving or improving some needs. However, one of the major dilemmas of this aid is the unintended creation of these countries' dependence on the outside world. The present research focuses on the study of the need for a social response in the Fonton neighborhood, one of the poorest districts of Cidade da Praia. This investigation will support the preparation of a proposal for a project of a study center, where the perception of university volunteering will be contemplated as a catalyst for development in the PALOP. In this way, the question that arises is the understanding of threats and opportunities for social response, where volunteering is the main driver.

The conduct of surveys by interview and by questionnaire, and bibliographical and documentary analysis, allowed to place a scientific component in the project under study, sustaining the necessity and feasibility of the same.

These research methods supported the starting point, enabling us to realize that some of the problems of the neighborhood could be solved with the implementation of the referred project. All the interviewees said that it would add value to the neighborhood and that it would help create perspectives for the future. As for the respondents, those who showed interest in collaborating on the project, had already carried out voluntary actions, and were therefore moved by more altruistic feelings.

**Keywords:** autonomy, development, volunteering, volunteer

## Índice

Resumo .....	v
Índice.....	vii
Índice de figuras .....	x
Índice de tabelas.....	x
Índice de gráficos.....	xi
Lista de abreviaturas .....	xiii
Capítulo I- Introdução .....	1
Capítulo II- Revisão de literatura.....	3
2.1 O voluntariado .....	3
2.1.1 Definição do conceito .....	3
2.1.2 Características do voluntariado .....	4
2.1.3 Aspetos a ter em consideração no voluntariado.....	5
2.2 Breve história do voluntariado .....	6
2.2.1 Origem do conceito .....	6
2.2.2 Voluntariado antigo versus novo voluntariado .....	7
2.3 O voluntariado nas diversas áreas de atuação .....	8
2.3.1 O voluntariado universitário .....	8
2.3.2 O voluntariado social .....	9
2.3.3 O voluntariado internacional .....	11
2.3.4 O voluntariado comunitário.....	12
2.3.5 O voluntariado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa .....	13
2.3.6 O voluntariado intelectual .....	14
2.4 Fundamentos explicativos do voluntariado.....	15
2.4.1 Determinantes do voluntariado .....	15
2.4.2 A importância do voluntariado na sociedade .....	17
2.4.3 O compromisso e a formação no voluntariado.....	18
2.5 O que é ser voluntário? .....	18
2.5.1 Definição do conceito .....	18
2.5.2 Motivações dos voluntários .....	18
2.5.3 O papel do voluntário nas organizações .....	20
2.6 Síntese do capítulo.....	20
Capítulo III- Metodologia .....	21
3.1 Investigação na área social .....	22
3.2 Questões de partida e objetivos.....	22



3.3 Processo de investigação .....	24
3.3.2 Análise qualitativa.....	27
3.3.2.1 Estudo de caso .....	28
3.3.2.2 Método de amostragem snowball .....	28
3.3.2.3 Análise documental e bibliográfica.....	29
3.3.2.4 Observação.....	30
3.3.2.5 Trabalho de campo .....	30
3.3.1 Análise quantitativa .....	31
3.4 Síntese do capítulo.....	32
Capítulo IV- A educação.....	33
4.1 A educação em Cabo Verde .....	33
4.1.1 A educação antes da independência .....	33
4.1.2 A educação depois da independência .....	34
4.1.3 O sistema de ensino atual .....	35
4.2 A Educação no bairro do Fonton .....	40
4.3 Síntese do capítulo.....	40
Capítulo V- Objeto de estudo – Projeto preliminar do Centro de Estudos no bairro do Fonton .....	41
5.1 Cabo Verde.....	41
5.1.1 Breve caracterização do Concelho e Cidade da Praia .....	45
5.1.1.1 Breve caracterização do bairro do Fonton .....	49
5.2 Centro de Intervenção Comunitária .....	50
5.2.1 Associação Comunitária de Fonton .....	53
5.3 Síntese do capítulo.....	54
Capítulo VI- Análise e interpretação dos resultados.....	55
6.1. O voluntariado universitário na realização de projetos sociais.....	55
6.1.1 Seleção da equipa .....	55
6.2. Análise do questionário .....	57
6.3 Análise das entrevistas.....	66
6.3.1 Envolvimento dos membros da direção da Associação Comunitária de Fonton, no projeto preliminar do centro de estudos.....	67
6.3.2 A perceção de uma professora e de uma assistente social do bairro do Fonton .....	68
6.3.3 O <i>Harambee</i> em projetos sociais .....	69
6.4 Síntese do capítulo.....	75
Capítulo VII- Candidatura do projeto em estudo ao <i>Harambee África Portugal</i> .....	76
7.1 Formulário em curso da candidatura a financiamento do Projeto <i>Surisu na Rôstu</i> .....	76
7.2 Síntese do capítulo.....	87

Capítulo VIII- Conclusão.....	88
Referências bibliográficas .....	90
<i>Sitografia</i> .....	96
Anexos .....	97
Anexo I .....	98
Anexo II .....	100
Anexo III .....	102
Anexo IV .....	103
Anexo V .....	105
Anexo VI .....	108
Anexo VII .....	109
Anexo VIII.....	111
Anexo IX .....	114
Anexo X .....	118
Anexo XI .....	120
Anexo XII .....	121
Anexo XIII .....	128
Anexo XIV .....	130
Anexo XV .....	131
Anexo XVI .....	132
Anexo XVII .....	133
Anexo XVIII.....	134
Anexo XIX .....	136
Anexo XX .....	138

## Índice de figuras

Figura n.º 1- Determinantes do voluntariado .....	16
Figura n.º 2- Processo de investigação em ciências sociais .....	25
Figura n.º 3- Organograma do Sistema Educativo (alteração à Lei de Bases de 1990) .....	37
Figura n.º 4- Localização do Centro de Intervenção Comunitária.....	53
Figura n.º 5- Nuvem de palavras.....	71
Figura n.º 6- Evolução do projeto em Tete e meios de acompanhamento.....	73
Figura n.º 7- Meios utilizados para se alcançar a autonomia.....	74

## Índice de tabelas

Tabela n.º 1- Conceito de voluntariado .....	4
Tabela n.º 2- Objetivos específicos das entrevistas ao presidente e tesoureiro da ACF, docente da escola Capelinha de Tira Chapéu e assistente social do bairro do Fonton .....	23
Tabela n.º 3- Objetivos específicos da entrevista à presidente da Associação Dignity Non Profit People .....	24
Tabela n.º 4- Informações gerais sobre Cabo Verde .....	41
Tabela n.º 5- Faixa etária das crianças e jovens residentes no bairro do Fonton.....	49
Tabela n.º 6- Áreas de formação dos inquiridos.....	55
Tabela n.º 7- Organização administrativa e áreas de formação da equipa Intelectual Bridge.....	56
Tabela n.º 8- Atividades de voluntariado desenvolvidas.....	62
Tabela n.º 9- Principais entraves do progresso do aproveitamento escolar .....	66
Tabela n.º 10- Benefícios da criação de um centro de estudos no bairro do Fonton .....	67
Tabela n.º 11- Importância do CIC no bairro do Fonton .....	68
Tabela n.º 12- Equipamentos eletrónicos do CIC.....	68
Tabela n.º 13- Meios necessários para o desenvolvimento das crianças e do bairro .....	69
Tabela n.º 14- Início do projeto .....	72
Tabela n.º 15- Problemas sociais das raparigas em Tete .....	72
Tabela n.º 16- Etapas da criação do projeto .....	72
Tabela n.º 17- Principais dificuldades na implementação do projeto .....	73
Tabela n.º 18- Promoção do projeto.....	74
Tabela n.º 19- Formas de angariação dos 10%.....	75
Tabela n.º 20- Identidade da associação.....	76
Tabela n.º 21- Dados bancários (dados confidenciais).....	77
Tabela n.º 22- 1º Projeto: Projeto Bem-estar Comunitário e Promoção de Qualidade de Vida (II), 2017 .....	77

Tabela n.º 23- 2º Projeto: Inclusão Digital na Comunidade: promovendo conhecimento sem fronteiras, 2017 .....	78
Tabela n.º 24- Beneficiários diretos do projeto .....	80
Tabela n.º 25- Horário das explicações .....	82
Tabela n.º 26- Calendarização do projeto .....	83
Tabela n.º 27- Plano financeiro .....	86
Tabela n.º 28- Fundos arrecadados pela equipa Intellectual Bridge (u.m.:Euros).....	86
Tabela n.º 29- Financiamento do projeto <i>Surisu na Rôstu</i> . síntese (u.m.:Euros) .....	87

## Índice de gráficos

Gráfico n.º 1- Evolução da taxa de alfabetização na população com 15 anos ou mais em percentagem (1970-2013) .....	35
Gráfico n.º 2- Distribuição percentual da população segundo o nível de instrução .....	37
Gráfico n.º 3- Nível de instrução da população por sexo em percentagem.....	38
Gráfico n.º 4- Percentagem de professores com formação (2012-2016) .....	38
Gráfico n.º 5- Taxa de abandono escolar no ensino básico entre 2012 e 2017 .....	39
Gráfico n.º 6- Taxa de reprovação no ensino básico entre 2012 e 2017 .....	40
Gráfico n.º 7- Evolução da população e dos agregados familiares entre 1990 e 2017 .....	43
Gráfico n.º 8- Dimensão média dos agregados familiares entre 1990 e 2017 .....	43
Gráfico n.º 9- Distribuição percentual da população por sexo.....	44
Gráfico n.º 10- Distribuição percentual da população por faixa etária .....	44
Gráfico n.º 11- Evolução da taxa de emprego da população de 15 anos ou mais em Cabo Verde....	45
Gráfico n.º 12- Evolução da taxa de desemprego da população de 15 anos ou mais em Cabo Verde .....	45
Gráfico n.º 13- Distribuição percentual da população por sexo no concelho da Praia.....	46
Gráfico n.º 14- Distribuição percentual da população por faixa etária no concelho da Praia .....	47
Gráfico n.º 15- Distribuição percentual da população com 4 anos ou mais segundo a frequência e o nível de instrução no concelho da Praia .....	47
Gráfico n.º 16- Número médio de anos de estudos da população com 4 anos ou mais segundo a faixa etária no concelho da Praia .....	48
Gráfico n.º 17- Evolução da população de 15 anos ou mais desempregada no concelho da Praia ...	48
Gráfico n.º 18- Disposição para colaborar no projeto do centro de estudos .....	57
Gráfico n.º 19- Sexo.....	58
Gráfico n.º 20- Idade .....	58
Gráfico n.º 21- Local de residência .....	59
Gráfico n.º 22- Instituição de Ensino .....	59
Gráfico n.º 23- Curso.....	60

Gráfico n.º 24- Ano escolar .....	60
Gráfico n.º 25- Grau académico .....	61
Gráfico n.º 26- Realização de atividades de voluntariado .....	61
Gráfico n.º 27- Motivações para ações de voluntariado .....	63
Gráfico n.º 28- Tempo disponível para dedicar ao projeto semanalmente .....	64
Gráfico n.º 29- Possibilidade e facilidade em assistir às reuniões através de videoconferência.....	64
Gráfico n.º 30- Disponibilidade e interesse em participar num programa de formação de voluntariado e empreendedorismo social, com a duração de 15 minutos semanais, via Internet .....	65
Gráfico n.º 32- Áreas envolvidas no desenvolvimento do projeto .....	65

## Lista de abreviaturas

ACF- Associação Comunitária de Fonton

ATL- Atividades de Tempos Livres

CIC- Centro de Intervenção Comunitária

CV- Cabo Verde

EBI- Ensino Básico Integrado

ECV- Escudos Cabo-Verdianos

HAP- *Harambee África Portugal*

IMC- Inquérito Multi-objetivo Contínuo

INE- Instituto Nacional de Estatística

INECV- Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

ISCSP- Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas

ISEG- Instituto Superior de Economia e Gestão

LBSE- Lei de Bases do Sistema Educativo

PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

SD- Sem Data

UM- Unidade de Medida

## Capítulo I- Introdução

A presente investigação pretende aliar o voluntariado universitário, ao desenvolvimento de um projeto de um centro de estudos, a ser implementado no bairro do Fonton, em Cabo Verde. O objetivo é incentivar a Associação Comunitária de Fonton, a submeter uma candidatura ao *Harambee África Portugal*, associação sem fins lucrativos, que apoia projetos educativos em África.

O desenvolvimento do trabalho assenta na análise de diagnóstico de resposta social, bem como do contributo do voluntariado universitário para a mesma. Este divide-se em oito capítulos. Após o capítulo introdutório segue-se no capítulo II a revisão de literatura sobre o voluntariado, estudando-o nas diferentes formas de ação e refletindo sobre o que é ser voluntário.

Posteriormente, no capítulo III é abordada a metodologia do presente estudo que contempla a pesquisa bibliográfica e documental, e os métodos selecionados para análise do estudo de caso. Em relação ao estudo da necessidade de resposta social no bairro do Fonton, apresenta-se a informação recolhida, através dos inquéritos elaborados pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e documentados cedidos pela Associação Comunitária de Fonton, a fim de se compreender os principais problemas e carências do bairro, bem como o impacto e a importância do Centro de Intervenção Comunitária junto da comunidade, aplicando um projeto que contribua para o desenvolvimento da mesma. Neste capítulo, inclui-se um conjunto de entrevistas realizadas à população local, nomeadamente ao presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton, a uma docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu, escola básica frequentada pela maioria dos alunos do bairro e a uma assistente social do Fonton. Acresce ainda, a entrevista aplicada à presidente da Associação *Dignity Non Profit People*, associação que impulsionou, e acompanhou a submissão de uma candidatura ao *Harambee África Portugal*, por parte da Associação *Dignity Moçambique*. O projeto financiado denomina-se projeto de Artesanato e foi implementado em Tete, Moçambique. Quanto à inclusão do voluntariado universitário no presente estudo, é elaborado um questionário submetido a 50 jovens universitários, com o objetivo de formar a equipa que acompanhará o projeto.

O capítulo IV centra-se na perceção da educação em Cabo Verde. De seguida no capítulo V é abordado o objeto de estudo, proposta em curso de um projeto de um centro de estudos no bairro do Fonton, fazendo uma análise sociodemográfica do país e do meio envolvente do projeto em estudo, percebendo a importância do Centro de Intervenção Comunitária no bairro, assim como as condições físicas e dinâmicas do mesmo. No capítulo seguinte dá-se a conhecer a análise e interpretação dos resultados. Para além da compilação e estudo de documentos referentes ao

Centro de Intervenção Comunitária, são analisadas as entrevistas e o questionário aplicado, que serviram de base para a percepção da importância do projeto referido, enfatizando a necessidade de resposta social neste bairro. No capítulo VII apresenta-se a candidatura em curso do projeto delineado. Por fim, aponta-se as considerações finais da investigação, bem como sugestões futuras.



## Capítulo II- Revisão de literatura

A revisão de literatura terá como base o conceito de voluntariado, que será posteriormente estudado como fator de desenvolvimento nos PALOP, identificando a importância e o papel do voluntário nas organizações e no desenvolvimento económico e social de uma comunidade.

### 2.1 O voluntariado

#### 2.1.1 Definição do conceito

O conceito de voluntariado tem sido estudado por vários autores e a sua definição não é homogénea. Carson (2000) afirma que é improvável que uma única definição possa cobrir as diferentes manifestações de voluntariado em todas as culturas. Com as mudanças que se têm verificado a nível social, o voluntariado deixou de ser apenas realizado por questões intimamente ligadas aos valores e às crenças daqueles que o praticam, e passou a ser entendido como uma vantagem para os mesmos, bem como para as empresas que os acolhem. Para Lyons e Wearing (2008) o voluntariado, além de gerar benefício para o próprio voluntário, contribui económica e socialmente para os objetivos da sociedade, sendo reconhecido como um auxílio para o “bem maior” da mesma.

De acordo com a Lei Portuguesa, o voluntariado pode ser definido como o

“Conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas” (art.º 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de novembro, 1999: 5694).

Um dos conceitos intimamente ligado à prática do voluntariado é a solidariedade. Para Espinoza (1985, in Soler, 2007) o sentimento de solidariedade está intrínseco àqueles que praticam ações voluntárias. O voluntariado não é um conceito uniforme e estático e, apesar da multiplicidade de ideias que giram em torno do mesmo, este pode ser classificado consoante o seu nível de atuação. De acordo com Carson (2000) existem dois tipos de voluntariado, o formal e o informal. O primeiro diz respeito às atividades realizadas por meio de uma organização formal, ou de um programa do governo. O segundo refere-se ao envolvimento dos voluntários em atividades que não estão orientadas ou subjacentes a uma organização formal.

Um estudo realizado pelo INE em 2012 refere, para além daqueles acima mencionados, mais dois tipos de voluntariado, o voluntariado ocasional e o regular. O primeiro corresponde a uma tarefa de curta duração, por um período pré-determinado. O segundo, pressupõe uma rotina periódica que pode ser diária, semanal ou mensal.

Deste modo, a prática do voluntariado agrega um conjunto de atividades que podem ser realizadas em diversos contextos e sob diferentes circunstâncias. Para Roca (1994, in Libório, 2015) hoje em dia, dispor de informação significa em diversas circunstâncias ter poder social. O voluntariado passa a ser o mediador da informação, entre o território dos incluídos, que tem acesso à informação, e o dos excluídos a quem esta está vedada. O objetivo é reduzir o espaço entre as duas realidades. Outra das potencialidades do voluntariado é o desenvolvimento da cidadania, enquanto exercício de solidariedade. Na tabela seguinte encontram-se algumas definições do conceito de voluntariado segundo vários autores.

Tabela n.º 1- Conceito de voluntariado

Ano	Autor	Descrição do conceito
1994	Roca	“Processos de tradição operária, militância e autogestão e de tradição eclesial, compromisso e entrega” (Roca, 1994: 10)
2000	Wilson	“Qualquer atividade em que o tempo é dado de forma livre para beneficiar outra pessoa, grupo ou causa” (Wilson, 2000: 215)
2000	Barbosa	“Ação organizada que coordena e apoia as pessoas que colaboram com os técnicos para o melhoramento das pessoas, através de uma ação humanizante e humanizadora” (Barbosa, 2000: 196)
2004	Parboteeah, Cullenb e Lim	“Voluntariado informal: inclui comportamentos como por exemplo ajudar os vizinhos ou idosos. Voluntariado formal: comportamentos semelhantes, mas que se enquadram no âmbito de uma organização” (Parboteeah, Cullenb e Lim, 2004: 432)

Fonte: elaboração própria

### 2.1.2 Características do voluntariado

Apesar da prática do voluntariado ser cada vez mais frequente e organizada, é importante perceber os valores e os ideais que estão subjacentes à mesma. Deste modo, e de acordo com Barbosa (2000, in Santos, 2011) enquanto prática, o voluntariado agrega um conjunto de características chave, que permitem que o mesmo seja reconhecido enquanto tal:

- A espontaneidade (o voluntariado é uma opção livre);
- A gratuidade (no voluntariado não há gratificação monetária nem vínculo de trabalho);
- A continuidade (quando se fala em voluntariado fala-se de uma ação continuada e não esporádica);
- A disponibilidade (o voluntariado não é motivado pela satisfação egoísta, mas pela vontade de prestar um serviço ao outro).

Para o mesmo autor, as características supramencionadas não só acrescentam valor à definição inicial, como confirmam a forte interligação com os valores. Os valores são presença fundamental e obrigatória no voluntariado. Só através deles se explica a sua existência e/ou manutenção. De acordo com Soler (2007) as características gerais que definem o conceito de voluntariado são:

- Escolha livre;
- Caráter altruísta;
- Ação solidária cujo objetivo é ajudar os outros;
- Estrutura organizacional para o desenvolvimento de programas de intervenção coordenados por um profissional.

### 2.1.3 Aspectos a ter em consideração no voluntariado

Apesar do trabalho voluntário não ser remunerado, há valores que não podem ser esquecidos e que apresentam uma elevada importância para o mesmo. Para Soler (2007) o compromisso é um elemento fundamental da ação voluntária, uma vez que a sua continuidade permite à associação programar as suas atividades e assegurar efetividade das mesmas. A este, juntam-se o respeito mútuo e o reconhecimento do outro, potenciando a liberdade de valores e a capacidade da pessoa ou dos grupos se desenvolverem por si mesmos.

Em qualquer ação, quer seja ela voluntária ou não, o trabalho em equipa é fundamental e por isso é essencial que cada voluntário tenha presentes os valores acima descritos, de um modo muito profundo e consciente. Para isso, é necessário que cada um saiba o que é ser voluntário, bem como o papel que irá desempenhar na organização, ou na equipa. Deste modo, Soler afirma que a preparação dos voluntários é essencial e não deve ser vista como uma formação académica, mas sim como a aquisição de uma série de conhecimentos gerais sobre o voluntariado, bem como o desenvolvimento de habilidades específicas para as tarefas que irão desenvolver.

Outro aspeto a ter em consideração é o limite dos próprios voluntários e das organizações. O primeiro refere-se às habilidades que definem o tipo de atividade que melhor pode ser

desenvolvida. O segundo é o voluntariado de oportunidades ou de barreiras, que impedem muitas vezes o comprometimento do voluntário por vários motivos. A ação voluntária deve ser realizada com reciprocidade, onde há um crescimento de ambas as partes, mesmo que as suas contribuições para a relação de ajuda sejam de natureza diferentes. É importante saber aceitar a ajuda do outro e ter a consciência de que o trabalho desenvolvido deve ser realizado com profissionalismo e seriedade (Soler, 2007).

Para González (2007) e Soler (2007) a ação voluntária, cuja finalidade não é a de preencher espaços vazios que os governos possam deixar, mas antes aumentar progressivamente a qualidade de vida e consciencializar a população da necessidade de construir um mundo mais solidário, tem de ser criativa, mas ao mesmo tempo muito metódica. Deve basear-se numa metodologia que ajude a alcançar os objetivos propostos e por isso, não pode ser feita com critérios puramente sentimentais que envolvam medidas mais ou menos desordenadas, mas antes baseada em estratégias flexíveis e planos de ação que se possam adaptar em todos os momentos a novas circunstâncias.

## **2.2 Breve história do voluntariado**

### **2.2.1 Origem do conceito**

O conceito de voluntariado não é recente e são muitos os autores que debatem a sua origem. Soler (2007) afirma que de uma forma genérica os discursos sobre a origem do voluntariado se introduzem na tradição judia-cristã, na ação voluntária dos primeiros cristãos e do nascimento do movimento operário.

Segundo Magraner e Hernández (1983, in Soler, 2007) a orientação judia-cristã concretiza-se no exercício de determinados atos externos, como consequência das suas crenças, entre as quais se destacam a caridade e o amor entre os homens. Já para Zubero (1994, in Soler, 2007) o voluntariado começou com o desenvolvimento do movimento operário, cujos ideais eram a melhoria da qualidade de vida para todos. Em contrapartida, Callejo (1999) associa o conceito de voluntariado à Revolução Francesa e afirma que foram os burgueses os primeiros voluntários nos finais do século XVIII, onde contavam com o apoio das massas populares. Foi nesta altura que existiram as maiores consequências a nível das estruturas feudais, como a aprovação da declaração dos direitos dos Homens e do Cidadão (1789), onde era consagrada a igualdade perante a lei. Martin Bosch (2000, in Soler, 2007) situa o início do voluntariado no século XIX, com a atuação das ordens religiosas dedicadas, de forma gratuita, a cobrir necessidades básicas

baseadas no princípio da fraternidade entre os homens.

Os autores Amaro (2002) e Catarino (2004) afirmam que a Igreja teve uma grande importância nos principais períodos históricos do voluntariado, nomeadamente no período pré-industrial, com a criação das Santas Casas de Misericórdia. Serapioni e Lima (2015) acrescentam ainda as obras das conferências vicentinas.

### 2.2.2 Voluntariado antigo versus novo voluntariado

Atualmente, o voluntariado é um assunto que está na “moda”. Apesar das diferenças entre o voluntariado antigo e o novo voluntariado, o objetivo é sempre o de desenvolver económica e socialmente uma comunidade. De acordo com Rehberg (2016), o voluntariado “antigo” está intimamente ligado a certos meios sociais, como as comunidades religiosas ou políticas, envolvendo um compromisso de longo prazo, onde as motivações altruístas desempenham um papel fundamental para o envolvimento dos indivíduos. Por outro lado, o “novo” voluntariado é mais orientado para o projeto, e os voluntários têm expectativas específicas quanto à forma, ao tempo e ao conteúdo do seu envolvimento. O “novo” voluntariado começa agora a descobrir a força que tem a organização, assumindo-se formal ou informalmente com o estatuto de grupo organizado. (Roca, 1994, in Libório, 2015). O voluntariado atual, é o resultado do contexto social em que cada época está inscrita (Soler, 2007) e surge como uma peça fundamental para o desenvolvimento económico e social de muitas comunidades. São vários os aspetos que rodeiam a realidade e os contributos do trabalho voluntário nas sociedades modernas (Moreno e Yoldi, 2008).

“Cabe assinalar em primeiro lugar, as mudanças na cultura do voluntariado, marcadas pelas mudanças sociais orientadas para a individualização e incerteza no ambiente social, como o surgimento de novas necessidades sociais, que impõem novas formas de socialização e formação de voluntariado. Em segundo lugar, as mudanças nas formas de financiamento da atividade voluntária, que se orienta para a definição de um novo contrato entre as diversas instâncias da administração pública e as organizações do Terceiro Setor, a fim de assegurar simultaneamente autonomia e independência, como sustentabilidade no tempo de ação das organizações voluntárias. Em terceiro lugar é explicitada a necessidade de fortalecer o trabalho em rede nas próprias organizações do Terceiro Setor, com o objetivo de evitar o trabalho isolado, que permita uma visão ampla do trabalho voluntário, com reconhecimento dos espaços locais, com acesso a uma tecnologia informal apropriada, e ao mesmo tempo que permita poder compartilhar os recursos que têm à sua disposição” (Moreno e Yoldi, 2008: 193).

## 2.3 O voluntariado nas diversas áreas de atuação

### 2.3.1 O voluntariado universitário

Para além de um espaço de partilha e aquisição de conhecimentos, a universidade deve ter um papel social exercendo-se como um mediador entre as necessidades existentes e os profissionais com conhecimentos técnicos, de modo a suprir algumas das carências encontradas na sociedade. Tolentino (2006) afirma que a universidade promove competências transversais como a comunicação oral e escrita, gestão, liderança, trabalho em equipa e empreendedorismo, essenciais para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Apesar de não resolver todos os problemas da sociedade, o investimento que a mesma faz só valerá a pena se contribuir eficazmente na resolução de alguns dos grandes problemas, de modo a “representar um motor da renovação intelectual (Mattoso, 1997:305).”

De acordo com Taveira (2001) a universidade deve ser considerada como um período transitório na vida de um estudante, que acarreta impactos a nível académico, social, emocional e pessoal. A mesma autora defende que estar na universidade exige a conquista de um espaço social, mas também a afirmação de uma mais valia intelectual e pessoal, através de atitudes e comportamentos positivos de trabalho e de relacionamento. O voluntariado surge como uma alavanca para a transição da vida adulta, em particular, na aprendizagem em saber lidar com novas situações. Este não está necessariamente de acordo com um plano estratégico, antes relaciona-se com a identidade dos alunos, para além de lhes dar a oportunidade de fazer algo diferente e desafiador, enquanto se divertem e fogem dos rigores do estudo ou do trabalho (Holdsworth, 2010).

Em Portugal, o processo de integração na União Europeia trouxe novos desafios e recursos financeiros. A título de exemplo, a Universidade do Porto encarou essa realidade como uma forma de se tornar parceira em múltiplos projetos. Para Pimenta (2018) alguns núcleos da Universidade do Porto começavam a sentir que a cooperação internacional era inevitável e indispensável, que a cooperação no espaço de língua portuguesa lhes poderia ser particularmente profícua e que o estreitamento de relações com os PALOP lhes poderia trazer um importante valor acrescentado. No entanto, não há cooperação institucional sem envolvimento das pessoas, e este tem de ser feito com paixão e entusiasmo.

Os alunos que realizam voluntariado fazem-no através de uma escolha deliberada e pensada, questionando-se acerca do porquê de se voluntariarem. Muitos são os motivos que estão por

detrás da mesma, e de acordo com Holdsworth (2010) estes podem mudar com o tempo. Para muitos alunos, o voluntariado não é necessariamente parte de um objetivo estratégico para enriquecer os seus currículos, ou mesmo só para “fazer o bem”.

O mesmo autor realizou um estudo na *Keele University*, com o objetivo de perceber quais as motivações que levavam os estudantes a realizarem ações de voluntariado. Através do mesmo, foi possível retirar as seguintes conclusões:

- Empregabilidade;
- Aquisição de habilidades ou de experiências específicas;
- Oportunidade de aprender algo novo, ou com as experiências de outras pessoas;
- Oportunidade de passar habilidades para outros;
- Destacar-se da multidão;
- Enriquecimento do currículo;
- Fé;
- Oportunidade de fazer novos amigos;
- Oportunidade de fazer algo divertido.

De acordo com Holdsworth (2010) todos os alunos identificaram como o voluntariado estava associado à construção da autoconfiança, interagindo com outras pessoas e lidando com situações difíceis. Para além disso, reconheceram o vínculo que existe entre voluntariado e empregabilidade, embora procurem colocá-lo num contexto das suas próprias experiências individuais. Para alguns ganhar vantagem no mercado de trabalho é um fator motivador, para outros, é uma consequência não intencional e muitos reconhecem razões menos estratégicas para o seu envolvimento contínuo, à medida que as suas experiências de voluntariado se aprofundam. Poucos foram os estudantes que expressaram o que poderiam ser considerados motivos puramente “altruístas” para o voluntariado, embora a maioria dos entrevistados estivesse consciente do impacto que o mesmo tem em si e nas suas crenças. Os estudantes com experiências mais extensas de voluntariado afirmaram que se pode assumir ingenuamente, que a participação em ações voluntárias significa necessariamente “fazer o bem”.

### 2.3.2 O voluntariado social

A preocupação pelo bem-estar pessoal e social mobiliza muitas pessoas a realizarem ações altruístas em prol dos outros. Embora os seus fundamentos tenham mudado de uma atitude paternalista para uma democrática e participativa, onde o indivíduo é o protagonista da sua própria

transformação (Soler, 2007), muitos são aqueles que assumem uma postura ativa face aos problemas sociais.

De acordo com Soler (2007) a ajuda social apresenta uma série de características, que a distinguem de outros tipos de comportamentos não sociais:

- Beneficiam pessoas ou grupos;
- A temporalidade do benefício do auxílio é observada a médio ou longo prazo;
- A ajuda é direta e vivencial;
- A comunicação é fundamental na relação de ajuda;
- É um relacionamento bidirecional, há um *feedback* no relacionamento, um dar e receber;
- Os beneficiários da ajuda cooperam ativamente na solução dos seus conflitos;
- A ajuda é indissoluvelmente de três tipos: assistência, prevenção e reabilitação.

Soler (2007), afirma que existe uma série de qualidades essenciais do voluntariado social, onde as características pessoais são valorizadas:

- Responsabilidade e compromisso de dedicação do tempo definido;
- Ausência de preconceitos de natureza social;
- Habilidade para relacionamentos interpessoais;
- Afetividade e empatia;
- Discrição, prudência com as informações recebidas e capacidade de manter a confidencialidade;
- Capacidade em manter um distanciamento emocional dos problemas dos destinatários dos projetos;
- Disposição para dar e receber;
- Estabilidade emocional;
- Facilidade para trabalhar em equipa;
- Disponibilidade para receber formação;
- Capacidade de resposta perante situações de conflito.

Aqueles que praticam este tipo de voluntariado são humanamente muito afetivos e pessoais, uma vez que lidam com pessoas marginalizadas ou em situações desfavorecidas e por isso, Soler (2007) afirma que são essenciais o compromisso e a perseverança estabelecidos entre o voluntário e aquele que beneficia da sua ação.



### 2.3.3 O voluntariado internacional

O voluntariado internacional apresenta uma importância crescente junto dos países em desenvolvimento. O objetivo do mesmo é trabalhar com a comunidade local, capacitando-a de modo a torná-la autossuficiente. Para isso, o respeito e o compromisso são valores essenciais, que estão intimamente ligados a esta prática de voluntariado.

Soler (2007) identifica três características que diferenciam o voluntariado internacional das outras práticas de voluntariado:

- Beneficia pessoas, grupos ou instituições de diferentes países;
- A temporalidade do benefício de ajuda observa-se a médio- longo prazo;
- As comunidades locais devem cooperar ativamente nos projetos de desenvolvimento, para que estes sejam eficazes.

Para além dos voluntários trabalharem diretamente com a comunidade local, esta prática acarreta qualidades essenciais para o bom desenvolvimento da mesma:

- Não requer o contacto direto com os beneficiários do projeto, para motivação dos voluntários;
- Sentido de justiça e solidariedade;
- Tolerância e ausência de preconceitos de caráter social, político ou religioso;
- Visão humanitária e capacidade para combinar as diferenças culturais e sociais numa perceção global dos problemas humanos;
- Capacidade de organização;
- Pensamento criativo;
- Disposição para o trabalho em equipa.

Os voluntários devem ser capazes de trabalhar de forma altruísta, tendo sempre presentes o sentido de justiça, solidariedade e respeito. A colaboração é o pilar do desenvolvimento de projetos em países em desenvolvimento, e por isso, há qualidades que não se podem descurar. São elas a capacidade de organização, pensamento crítico e trabalho em equipa. Para além disso, é também necessária a participação ativa da comunidade local no desenho de projetos, captando recursos para a prossecução do mesmo (Soler, 2007).

#### 2.3.4 O voluntariado comunitário

A interação social esteve sempre presente nas relações interpessoais dos membros de uma comunidade. Fazer parte desta, implica ter um papel ativo como transformador e empreendedor social. Deste modo, o voluntariado comunitário surge como um catalisador entre as necessidades locais e a participação ativa da população local na resolução dos problemas.

Segundo Soler (2007), o voluntariado comunitário contribui para a eficácia de qualquer programa de desenvolvimento ou promoção cidadã das agências municipais, uma vez que liberta os recursos humanos da comunidade, estimulando a capacidade de solidariedade dos seus membros, enriquecendo o tecido associativo e criando um clima de identificação com as necessidades, expectativas e potencialidades da comunidade.

Este tipo de voluntariado envolve uma dinâmica própria e enriquecedora, visto que o objetivo é a integração de todos os cidadãos na vida social, onde cada um coloca ao dispor da comunidade as suas valências e conhecimentos. Soler (2007) distingue 5 características diferenciadoras da ação realizada pelo voluntariado comunitário:

- O seu raio de ação é limitado à comunidade do bairro;
- Surge da vida quotidiana da comunidade para estimulá-lo e fortalecê-lo;
- Apresenta uma abordagem global da ação sociocultural;
- O benefício das atividades reverte diretamente na própria comunidade;
- É promovido por Instituições Municipais, mas com alto grau de independência operacional.

Para o bom desenvolvimento do voluntariado comunitário, é necessário um conjunto de características que sejam capazes de o sustentar e levar adiante (Soler, 2007):

- Ser parte integrante da comunidade;
- Interesse em responder às procuras e necessidades emergentes da própria comunidade, melhorando a qualidade de vida da mesma;
- Capacidade em interpretar a realidade em que o voluntariado comunitário está a operar;
- Criatividade para promover novas atitudes e fórmulas de ação e serviços que se adaptem às mudanças sociais;
- Habilidade para trabalhar em equipa.

De acordo com Soler (2007), o envolvimento da comunidade é fundamental, uma vez que somente eles têm a capacidade de interpretar a realidade em que vivem. Para a mesma autora, a criatividade dos voluntários é um instrumento essencial na procura de novos canais de participação, criando um espírito coletivo que encontre soluções para as dificuldades vividas. Para que o voluntariado comunitário seja eficaz e cumpra o propósito para o qual foi concebido, é fundamental o trabalho em equipa, onde cada pessoa aprende a valorizar os seus próprios conhecimentos e habilidades, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Para que o voluntariado comunitário seja implementado e consolidado é necessário um conjunto de infraestruturas materiais, como instalações e equipamentos que facilitem a organização e a mobilidade operacional dos voluntários, apoios institucionais ou municipais e um suporte técnico associativo e profissional, que contribua com eficiência para a execução dos programas propostos (Soler, 2007).

### 2.3.5 O voluntariado nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Para Libório (2015), a ajuda que é dada aos PALOP é apenas um fator entre muitos, que podem influenciar o desenvolvimento de um país. Nas suas diferentes vertentes, a ajuda é um elemento catalisador do desenvolvimento, embora se destine na maioria das vezes a ocorrer em situações de emergência ou a resolver problemas em curto prazo, cuja relação com o desenvolvimento é muito direta. Este impacto de ajuda, que é diretamente destinada ao desenvolvimento, só se faz sentir muito tempo depois, e além disso, varia muito em função da sua natureza e dos setores a que se destina. Nesta perspetiva, é importante um reforço a nível do desenvolvimento e da autossuficiência dos países, pois a partir dos conhecimentos e dos ensinamentos que lhes são transmitidos, e das aprendizagens que são recebidas pelos locais, conseguem com o passar do tempo tornar-se mais autónomos e maximizar a utilização dos seus recursos. No entanto, há muitos fatores que influenciam o progresso dos PALOP, um deles é o governo. Se este estiver mais “disponível” para receber estes ensinamentos e esta ajuda, e se com isso, conseguir desenvolver os intervenientes locais, dotando-os de capacidades e conhecimentos, para sozinhos conseguirem progredir, então, neste caso, “as portas estão abertas” ao desenvolvimento (Libório, 2015).

### 2.3.6 O voluntariado intelectual

O voluntariado pode ser expresso de várias formas. Há quem doe dinheiro, bens, tempo e até conhecimento. A última prática tem sido estudada por vários autores, apresentando a importância da mesma nos dias de hoje. O voluntariado tradicional deu lugar a um novo voluntariado, onde as qualidades e valências de cada um são colocadas ao serviço dos outros, criando um ambiente de partilha e aprendizagem mútua. Como refere o Banco Mundial (1998), os voluntários desempenham um papel crucial através do seu conhecimento e experiências.

Relacionado com este tipo de voluntariado surge o conceito de capital intelectual, definido por Edvinsson e Malone (1997a, in Kong, 2003) como a posse de conhecimento, aplicando a experiência, tecnologia organizacional, relações com os clientes e competências/ qualidades profissionais que providenciam a linha de competitividade no mercado.

Stewart (1997, in Kong, 2003) sustenta que em termos de recursos organizacionais, o capital intelectual está relacionado com a criação de riqueza, através do investimento em conhecimento e para Mouritsen et al. (2005, in Pace et al., 2012) o capital intelectual narra os recursos da organização e gera valor através do conhecimento, habilidades e talentos dos funcionários.

As organizações sem fins lucrativos são pautadas por valores que as diferenciam das restantes. O seu foco principal são as pessoas e o bem-estar social das mesmas. De acordo com Kong (2003) o capital intelectual ajuda a encontrar soluções que melhor sirvam estas organizações sem nunca se esquecerem do seu valor principal e diferenciador, mantendo sempre os seus valores e a sua identidade. Mouritsen et al. (2005, in Kong e Ramia, 2010), argumentam que a estratégia está no centro deste conceito e que é importante para as organizações, não só porque transforma o conhecimento individual em conhecimento coletivo e vice-versa, mas porque dá ênfase à transferência e conversão do conhecimento interno e externo. O papel essencial do capital intelectual não é apenas o de ajudar na formulação de estratégias para alocação de recursos, como também o de partilhar conhecimento entre funcionários e voluntários nas organizações sem fins lucrativos. Para além disso, é importante na atração de novos voluntários e profissionais (Kong e Ramia, 2010).

O conhecimento é muitas vezes visto como um fator chave e preponderante. No relatório do Banco Mundial (1998) é focada a importância e o papel do mesmo na ajuda aos países em desenvolvimento, onde se alega que o conhecimento é uma das melhores e essenciais práticas. O relatório mostra que a ajuda externa tem tanto a ver com conhecimento, como com dinheiro. É

a capacidade de conhecimento local criada, que permanece depois de todo o dinheiro gasto. Para além disso, o conhecimento é um dos fatores mais importantes para o sucesso do desenvolvimento de projetos.

O artigo 14 (c) da declaração da Organização Mundial do Turismo sobre as metas de desenvolvimento do Milénio (2005) declara que:

“Existe uma necessidade premente de capacitação ao nível do destino local, incluindo, ... disseminação de *know-how* e boas práticas através de sistemas aprimorados de gestão do conhecimento” (Organização Mundial do Turismo, artigo nº14 (c)).

Num mundo cada vez mais globalizado, onde as novas tecnologias assumem um papel crucial, a partilha de conhecimento pode e deve ser alargada a todos os cantos do mundo. Para esta existir, é muito importante que haja uma boa rede de comunicação, entre os colaboradores voluntários e não voluntários. Como afirmam Lyons e Wearing (2008) a comunicação é uma componente fundamental para a gestão e transferência do conhecimento.

## **2.4 Fundamentos explicativos do voluntariado**

### **2.4.1 Determinantes do voluntariado**

São muitos os autores que se questionam acerca dos fatores que influenciam a prática do voluntariado. Sendo este um meio de coesão e desenvolvimento social, que está em constante crescimento, é importante perceber as razões que levam tantas e tantos a tornarem-se voluntários. Um dos modelos que apresenta as determinantes do voluntariado é o modelo proposto por Wymer e Starnes (2001), que se encontra representado na figura nº1.

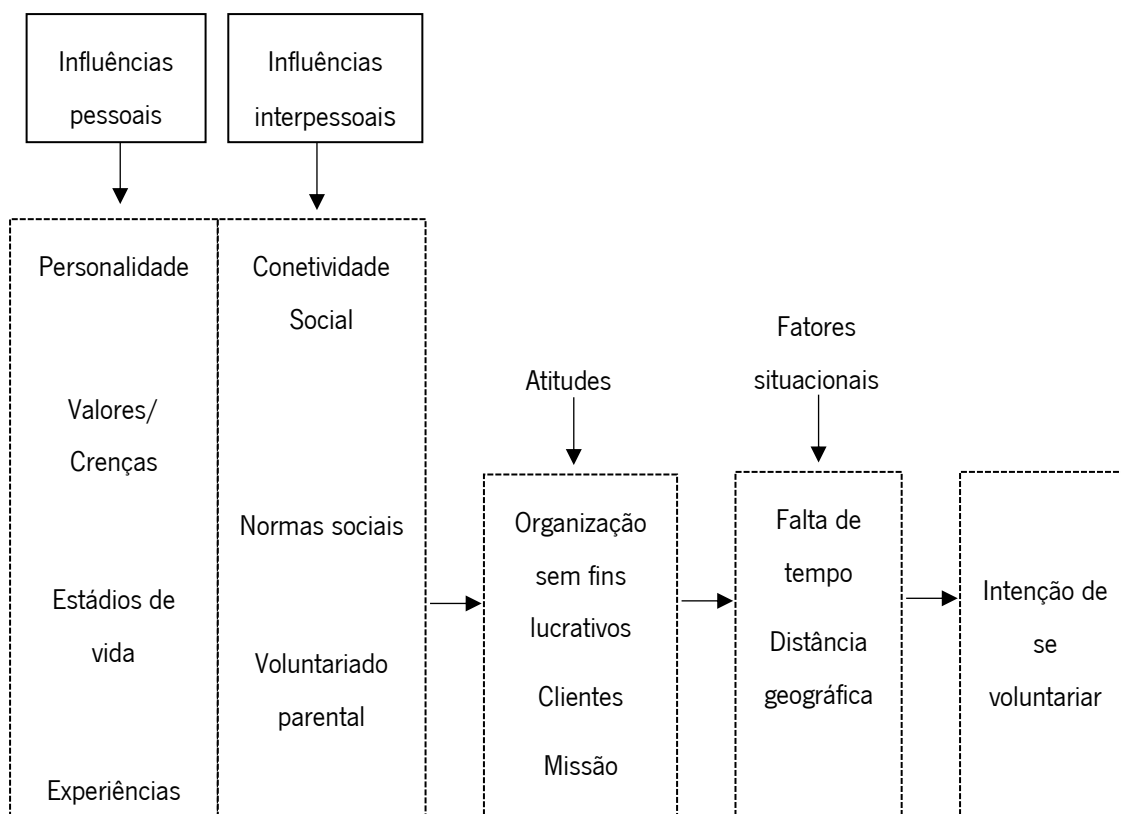


Figura n.º 1- Determinantes do voluntariado

Fonte: elaboração própria, adaptado de Wymer, W. e Starnes, B. (2001)

No modelo proposto por Wyner e Starnes (2001) estão contempladas as influências pessoais, interpessoais, atitudes e fatores situacionais face à decisão de se tornar voluntário.

Segundo os autores referidos, as influências pessoais englobam aspetos como a personalidade, valores/crenças, estádios de vida e experiências pessoais. Para os mesmos, a empatia e a autoestima são duas variáveis essenciais que determinam a predisposição para a prática do voluntariado. A autoestima permite ao indivíduo ganhar confiança nas suas competências e aplicá-las do modo mais adequado. A empatia gera um sentimento altruísta, uma vez que os indivíduos muito empáticos são afetados emocionalmente por adversidades alheias, motivando-os a ajudar.

O conjunto de valores guiam as escolhas comportamentais e determinam as prioridades das pessoas. Valores mais altos terão maior influência sobre as suas atitudes, intenções e comportamentos, do que valores mais baixos (Wyner e Starnes, 2001).

Para além dos fatores acima mencionados, os autores destacam o estágio de vida e as experiências pessoais. Ao longo do tempo, as pessoas são colocadas diante de diversas situações, que influenciam as suas prioridades, bem como o tempo disponível para realizar ações altruístas.

Um estudo realizado por Wyner (2000) mostrou que muitos dos voluntários, iniciaram esta prática depois de se aposentarem ou dos filhos saírem de casa, exercendo atividades similares à sua profissão.

Por fim, as experiências pessoais desempenham um papel essencial, ajudando as pessoas a desenvolver e a reformar os seus sistemas de valores, na medida em que permitem ao indivíduo identificar-se com determinada situação, levando a uma sensibilidade maior para a prática de ações voluntárias (Wyner e Starnes, 2001).

Em relação às influências interpessoais, Wyner e Starnes (2001) destacam a conectividade social, as normas sociais e o voluntariado parental, e afirmam que a maioria das pessoas se torna voluntária após ser questionada por um amigo ou familiar. A conectividade social apresenta-se como um fator chave, uma vez que as pessoas escolhem os amigos com base em interesses e valores comuns. Indivíduos com amigos voluntários têm uma informação credível e apoio social por parte dos mesmos, a fim de se tornarem também eles voluntários. Quanto ao voluntariado parental, Wyner e Starnes (2001) afirmam que este apresenta uma elevada influência na decisão dos filhos, em se tornarem voluntários ou não. Uma vez que as crianças aprendem com os seus pais que valores são importantes e que atitudes e comportamentos devem adotar, crianças cujos pais foram ou são voluntários têm maior probabilidade de se tornarem também eles voluntários.

As influências pessoais e interpessoais moldam a motivação de uma pessoa em relação ao voluntariado. Quando esta está inclinada para servir, a sua atitude face à organização ou à causa, pode aumentar ou diminuir por determinados fatores, uma vez que as atitudes derivam de valores que afetam as suas decisões. Também os fatores situacionais contribuem para a decisão de se tornar voluntário ou não. Apesar de fortes motivações para servir os outros, muitos são aqueles que deixam de o fazer por falta de tempo e disponibilidade.

#### 2.4.2 A importância do voluntariado na sociedade

De acordo com a Declaração Universal sobre o Voluntariado (1990), o voluntariado é uma componente fundamental da sociedade civil, uma vez que traz à vida as mais nobres aspirações da humanidade, a procura pela paz, liberdade, oportunidade, segurança e justiça para todos. Com a globalização e as mudanças contínuas, o mundo tem-se tornado um lugar cada vez mais complexo, onde as diferenças culturais deixam de ser vistas como um problema, e passam a ser olhadas com respeito, carinho e compreensão. Deste modo, o voluntariado suporta os valores humanos da comunidade, o cuidado e o serviço aos outros, fortalecendo as relações interpessoais e o sentido de responsabilidade e de pertença a um grupo.

### 2.4.3 O compromisso e a formação no voluntariado

Uma das atitudes mais importantes no voluntariado é o compromisso. De acordo com Soler (2007) as ações voluntárias são enquadradas dentro de uma organização com a qual a pessoa adota um compromisso. A estabilidade do mesmo não deve ser apenas garantida pelo voluntário, mas também pela organização que deve motivar e oferecer formação adequada. O trabalho voluntário deve ser dotado de um grande profissionalismo, empenho e dedicação. Perona (1998, in Soler 2007) afirma, que a formação não é apenas uma exigência da organização para com os seus membros, mas sim um direito do voluntário que o faz sentir parte integrante da organização.

Esta aprendizagem não está intimamente ligada à formação técnica, mas à formação de valores que fazem parte da cultura organizacional e que oferecem ao voluntário a possibilidade de crescimento pessoal. Não é considerada como um evento isolado, mas como um processo contínuo, no qual a organização deve identificar as falhas na formação, de modo a remediá-las.

## 2.5 O que é ser voluntário?

### 2.5.1 Definição do conceito

Ser voluntário é assumir um papel de proatividade e de mudança na sociedade. Num mundo onde as desigualdades são bastante visíveis, o voluntário apresenta-se como um reforço e uma referência junto dos mais necessitados, diminuindo a barreira de oportunidades entre aqueles que tudo têm e aqueles que pouco, ou nada têm. De acordo com a Lei Portuguesa, o voluntário pode ser definido como:

“o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora. A qualidade de voluntário não pode, de qualquer forma, decorrer da relação de trabalho subordinado ou autónomo ou de qualquer relação de conteúdo patrimonial com a organização promotora, sem prejuízo de regimes especiais constantes da Lei” (art.º 3.º da Lei n.º 71/98, de 3 de novembro).

### 2.5.2 Motivações dos voluntários

Ser voluntário exige compromisso e uma atitude de entrega, por isso, Bussel e Forbes (2002) defendem que para se ser considerado voluntário, o altruísmo deve ser o motivo central, onde a recompensa está intrínseca ao ato de voluntariado.



Muitos são os autores que se questionam acerca dos motivos que levam à prática do voluntariado. Há quem defenda que não existem motivações altruístas e que por isso, os voluntários são unicamente motivados pelo interesse próprio. No entanto, há autores que refutam esta ideia, argumentando que os voluntários são motivados por razões altruístas e egoístas. Apesar das diferentes motivações, os voluntários são apenas uma pequena parcela da sociedade e nem todos têm o perfil ou o desejo de se tornarem um.

Um estudo realizado por Rehberg (2016) classificou em 12 categorias os motivos que levaram os entrevistados a realizar voluntariado internacional. Estas foram por sua vez, subdivididas em 3 grupos de motivações.

#### Grupo 1: Obter algo para os outros

- Motivo 1: Ajudar, dar, fazer o bem: com muita frequência, a realização do motivo “altruísta” de ajudar os outros é combinado com as expectativas para o próprio bem-estar;
- Motivo 2: Alcançar ou mudar algo;
- Motivo 3: Ser orientado para valores éticos, nomeadamente a justiça, igualdade, consciência e responsabilidade;
- Motivo 4: Sentir-se útil, fazendo algo útil.

#### Grupo 2: Procura pelo novo

- Motivo 1: Familiarizar-se com novas culturas, intercâmbio intercultural;
- Motivo 2: Fazer algo diferente, fugir;
- Motivo 3: Conhecer profundamente uma nova cultura e a vida quotidiana: o voluntariado internacional oferece aos jovens a oportunidade de participar do quotidiano de um país estrangeiro;
- Motivo 4: Conhecer novas pessoas, fazer novos amigos;
- Motivo 5: Aprender ou usar idiomas estrangeiros.

#### Grupo 3: Procurar-se a si mesmo

- Motivo 1: Ganhar experiência, crescimento pessoal: os inquiridos esperavam tornar-se mais maduros e autoconfiantes, bem como obter mais satisfação da vida;
- Motivo 2: Orientação profissional, esclarecimento e desenvolvimento: para os mais jovens, o voluntariado internacional era um veículo para esclarecer as suas perspetivas profissionais gerais;
- Motivo 3: Descobrir ou superar os limites pessoais.

### 2.5.3 O papel do voluntário nas organizações

O voluntário assume um papel de extrema importância junto da comunidade onde está inserido. Sem a doação do seu tempo, a prática do voluntariado seria inexistente e as iniciativas sociais deixariam de ser uma realidade. Hoje em dia, muitas são as organizações que beneficiam deste tipo de trabalho, levando a cabo projetos que não seriam possíveis sem o mesmo.

Sampaio (2012) desenvolveu um estudo em 5 organizações acerca da importância do voluntariado e do trabalho dos voluntários na mesma. As atividades variavam entre a distribuição de refeições a pessoas carenciadas, atividades com crianças, jovens e idosos, o apoio às atividades do ATL e creche, entre outras.

Através da análise do mesmo foi possível concluir, que em duas das instituições os voluntários compõem a força de trabalho por excelência. A presença do voluntariado nas três primeiras organizações estudadas, constitui um mecanismo de qualificação dos serviços prestados. Os responsáveis do voluntariado destas organizações sublinharam que os voluntários não substituem os colaboradores remunerados, sendo os serviços sempre assegurados por estes, mas admitiram em contrapartida, que algumas atividades proporcionadas aos utentes só eram disponibilizadas graças ao contributo dos voluntários, nomeadamente por questões financeiras.

Nas duas primeiras organizações é salientado o papel social que o voluntariado promove, evidenciando a aquisição de competências numa área específica que podem, posteriormente, ser colocadas em prática no contexto social. Para além das competências técnicas, é também focada a importância do desenvolvimento de competências pessoais, como a interajuda e a solidariedade, uma vez que geram o envolvimento ativo das pessoas nas comunidades locais, de modo a suprir as necessidades das mesmas.

## 2.6 Síntese do capítulo

No presente capítulo foram apresentados os temas indissociáveis ao voluntariado. Desde a sua origem à atualidade, foi possível compreender que esta é uma prática intemporal e imprescindível, sobretudo nos países mais pobres. Não obstante, e essencial no estudo de caso, foi referido o voluntariado intelectual como uma fonte de riqueza para as organizações sem fins lucrativos, potenciando o desenvolvimento nos países pouco desenvolvidos. O capítulo seguinte diz respeito à metodologia aplicada na dissertação.

### Capítulo III- Metodologia

A presente investigação centra-se no estudo de necessidade de resposta social no bairro do Fonton, suportando a viabilidade da elaboração de um projeto de um centro de estudos, implementado no CIC e levado a cabo pela associação local, a Associação Comunitária de Fonton. Para além da melhoria das instalações físicas do centro, apoiando um maior número de alunos com atividades e formações disponibilizadas pelo mesmo, o projeto será organizado segundo a filosofia de um centro de estudos, onde os alunos do 1º ciclo do ensino básico (1º ao 4º ano de escolaridade) terão explicações a Língua Portuguesa e a Matemática.

De modo a tratar a temática apresentada, o trabalho assenta em dois pilares fundamentais: orientar o potencial do voluntariado universitário, nomeadamente no apoio aos PALOP, juntando jovens que estejam dispostos e empenhados em colaborar no projeto acima mencionado, e realizar um estudo de diagnóstico relativo à necessidade de resposta social nesta área.

Vilelas (2009:21) afirma que “metodologia se define como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade.” Todos os estudos requerem uma organização prévia, de modo a traçar as linhas orientadoras do caminho que se deseja percorrer.

“A metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, que inclui (...) o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (Minayo, 2002:16).

Esta deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática (Minayo,2002). Para Mertens et al. (2007) a metodologia científica é o estudo dos métodos de conhecer. É uma forma de pensar para se chegar à natureza de um determinado problema, seja para explicá-lo ou estudá-lo. Não é um amontoado de técnicas, mas antes uma disciplina que deve estar sempre em contacto com, e a serviço de uma proposta de conhecimento. Deste modo, estrutura-se para que o conhecimento desenvolva as funções que lhe são impostas, ante as necessidades culturais e científicas.

A metodologia utilizada neste estudo terá como base a análise documental e de literatura acerca do voluntariado, bem como a realização de inquéritos através de questionários e entrevistas. Estas serão aplicadas a dois dos membros que compõem a direção da Associação Comunitária de Fonton (presidente e tesoureiro), a uma docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu, a uma assistente social do bairro do Fonton e à presidente da Associação *Dignity Non Profit People*. Por fim, e uma vez que o objetivo é constituir a equipa que apoiará o projeto em

estudo, o questionário aplicado aos 50 jovens estudantes, priorizará a formação académica, bem como as suas experiências de voluntariado.

### 3.1 Investigação na área social

A investigação em áreas sociais apresenta-se como uma fonte de riqueza que permite, se bem estruturada e dirigida, compreender os mais variados fenómenos e problemáticas sociais. No entanto, nem sempre se apresenta como uma tarefa simples.

Toda a investigação é iniciada por um problema com uma questão, uma dúvida ou uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores (Minayo, 2002). Quivy e Campenhoudt (1998) afirmam, que a investigação social não é uma sucessão de métodos e técnicas estereotipadas e por isso,

“(...) temos de nos proteger de dois defeitos opostos: um ceticismo ingénuo que consiste em crer na possibilidade de estabelecer verdades definitivas, (...) ou inversamente um ceticismo que negaria a própria possibilidade de conhecimento científico” (Quivy e Campenhoudt, 1998:10).

Muitas vezes, as ideias e perceções não passam de ilusões ou preconceitos inspirados em aparências imediatas, sendo por isso necessário, um equilíbrio entre o ceticismo ingénuo e o ceticismo que nega a possibilidade de conhecimento.

### 3.2 Questões de partida e objetivos

Para além de analisar e compreender a necessidade de resposta social no bairro do Fonton, a presente investigação tem como objetivo estudar o voluntariado universitário, enquanto catalisador e impulsionador do desenvolvimento de projetos sociais. O voluntariado surge como uma ponte entre as necessidades reais existentes, e os conhecimentos e competências capazes de auxiliar na formalização e desenvolvimento do projeto do centro de estudos. Para além disso, impulsionará a submissão de uma candidatura do projeto final ao *Harambee África Portugal*, por parte da Associação Comunitária de Fonton.

O objetivo geral é dar resposta à seguinte questão: Quais as ameaças e oportunidades de resposta social, onde o voluntariado é o principal impulsionador para identificar soluções? Uma vez que na presente investigação serão analisadas entrevistas, cujo público-alvo é muito concreto, os objetivos específicos serão divididos consoante os objetivos das mesmas.

As três entrevistas que dizem respeito ao estudo do bairro do Fonton (presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton, docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu e assistente social do bairro) terão como base três objetivos comuns:

- Identificação dos principais entraves ao desenvolvimento escolar dos alunos do bairro do Fonton;
- Perceção dos mesmos acerca dos benefícios do projeto do centro de estudos;
- Perceção da existência de mão de obra qualificada, interessada e disponível em colaborar ativamente no projeto.

Os objetivos específicos das entrevistas acima referidas encontram-se elencados na tabela seguinte.

Tabela n.º 2- Objetivos específicos das entrevistas ao presidente e tesoureiro da ACF, docente da escola Capelinha de Tira Chapéu e assistente social do bairro do Fonton

Objetivos específicos	
<b>Presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton</b>	Perceção do grau de receptividade do projeto por parte dos membros da ACF e da comunidade local
	Avaliação da capacidade de gestão do projeto por parte dos membros da ACF
	Avaliação das condições em que o projeto será implementado (infraestruturas, materiais, ...)
	Compreensão da dinâmica e do impacto do CIC junto da população
<b>Docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu</b>	Perceção da situação escolar em que se encontram alguns dos alunos do bairro, bem como as matérias onde apresentam mais dificuldades
<b>Assistente Social do bairro do Fonton</b>	Estudo das possíveis alternativas que potenciem o desenvolvimento intelectual e pessoal dos alunos

Fonte: elaboração própria

Por último, a entrevista realizada à presidente da Associação *Dignity Non Profit People*, apresenta os seguintes objetivos específicos.

Tabela n.º 3- Objetivos específicos da entrevista à presidente da Associação Dignity Non Profit People

Objetivos específicos	
<p><b>Presidente da Associação <i>Dignity</i></b> <b><i>Non Profit People</i></b></p>	Compreensão da complexidade da elaboração de candidaturas de projetos de apoio social africano
	Perceção da afetação, ou não, das dispareas realidades culturais, no desenvolvimento e implementação dos projetos
	Estudo do processo de implementação de um projeto, desde a sua idealização à sua concretização
	Estudo do acompanhamento do projeto, bem como do contacto com a população local
	Conhecimento da (s) vias (s) utilizada (s) na promoção e divulgação do projeto

Fonte: elaboração própria

### 3.3 Processo de investigação

“A investigação é entendida como uma atividade básica da ciência, procurando questionar e analisar a realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza perante a realidade do mundo. Embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas com interesses e circunstâncias socialmente condicionadas” (Vilelas, 2009:21).

O objetivo do investigador na área social é o de compreender os fenómenos, partindo de uma questão inicial que nem sempre é corretamente formulada. Quivy e Campenhoudt (1998) referem que o primeiro problema com que o investigador se depara, é o de não saber por onde começar o seu trabalho. “De facto, não é fácil conseguir traduzir o que vulgarmente se apresenta como um foco de interesse ou uma preocupação relativamente vaga num projeto de investigação operacional” (Quivy e Campenhoudt, 1998:16).

De acordo com os autores acima referidos, o processo de investigação em ciências sociais é composto por 3 fases e 7 etapas (figura n.º 2).

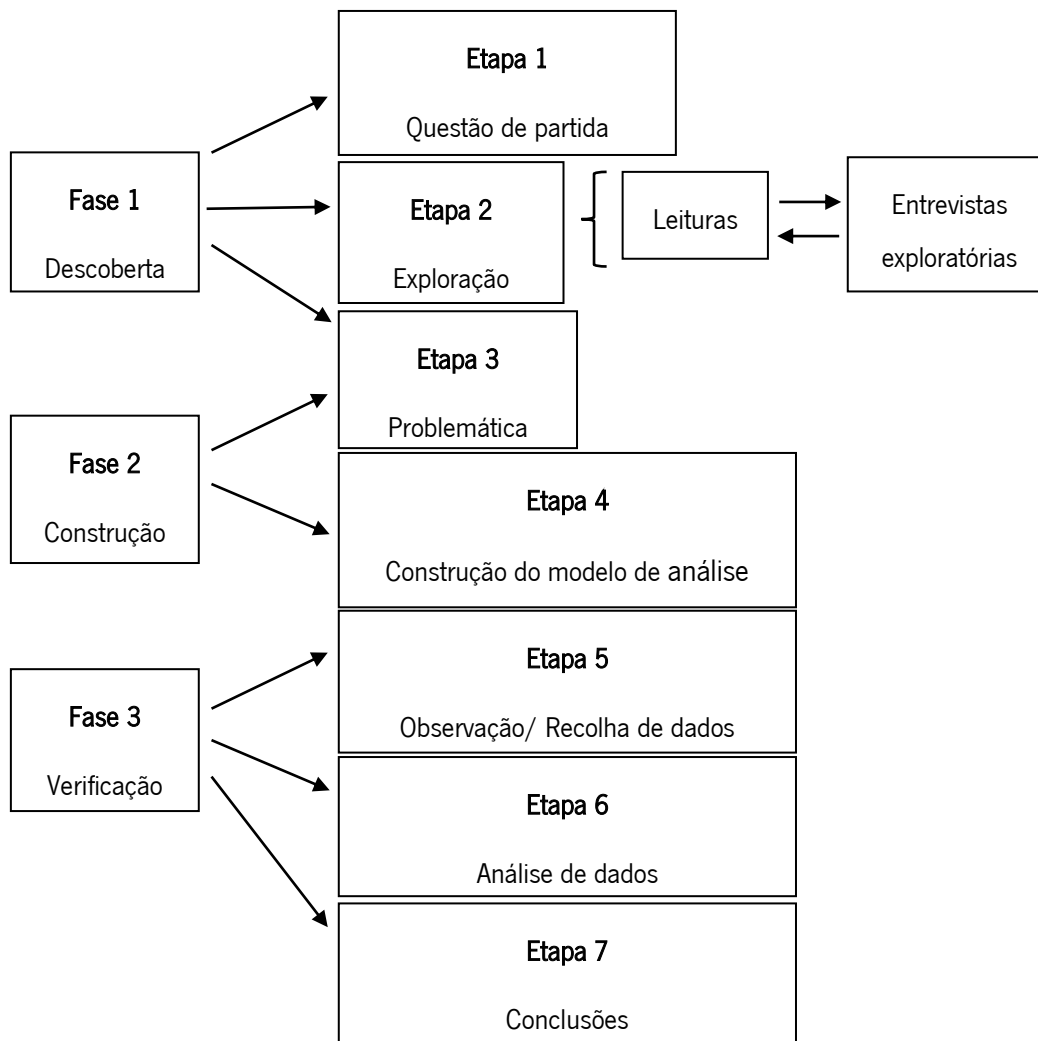


Figura n.º 2- Processo de investigação em ciências sociais

Fonte: elaboração própria com base nos autores Quivy & Campenhoudt (1998)

Segundo Freitas et al. (2000) os métodos de pesquisa podem ser qualitativos ou quantitativos, devendo a sua escolha estar associada aos objetivos da pesquisa. O primeiro responde a questões muito particulares e tem como preocupação o nível de realidade que não pode ser quantificado, como os motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2002). O segundo rege-se pelos princípios clássicos utilizados nas ciências da natureza, e no cerne do mesmo está a questão da objetividade e da quantificação. Apesar de distintos, o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõem, antes se complementam (Minayo, 2002).

Para o estudo de caso recorreu-se aos dois métodos, através da aplicação de inquéritos por entrevista e de um inquérito por questionário. Lakatos e Marconi (2007) afirmam que a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversa de natureza profissional. Esta é um procedimento

utilizado na investigação social, para a recolha de dados ou para ajudar no diagnóstico ou na resolução de um problema social. Trata-se pois, de uma conversa cara a cara de uma forma metódica, que proporciona ao entrevistado, de forma verbal, a informação necessária. No entanto, na impossibilidade de se recorrer à conversa pessoal são utilizadas outras vias, como o Skype, WhatsApp, email, etc. No presente estudo recorreu-se ao Skype para a realização das entrevistas.

De acordo com Boni e Quaresma (2005) as formas de entrevistas mais utilizadas em ciências sociais são: a entrevista estruturada, semiestruturada e aberta. Segundo Lakatos e Marconi (2007), na entrevista estruturada, o entrevistador segue um guião que já está previamente estabelecido. As perguntas colocadas ao entrevistado são predeterminadas e o entrevistador não pode adaptar as questões a determinada situação, nem alterar a ordem dos tópicos ou fazer novas perguntas. Para o mesmo autor, na entrevista não-estruturada o entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal. Por fim, para Boni e Quaresma (2005) a entrevista semiestruturada, que será a utilizada no presente estudo, combina perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O entrevistador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, no entanto, fá-lo num contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Este tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Neto (2002) acrescenta ainda outra modalidade, denominada história de vida. Esta, enquanto estratégia de compreensão da realidade, tem como principal função retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações. Neste procedimento metodológico, Neto (2002) destaca a noção de entrevista em profundidade, que possibilita um diálogo intensamente correspondido entre o entrevistador e o entrevistado. Para muitas pesquisas, a história de vida é um ponto de partida privilegiado, uma vez que fornece material extremamente rico para análises do vivido, onde é possível encontrar o reflexo da dimensão coletiva, a partir da visão individual.

O questionário consiste, de acordo com Pérez (1991, in Muñoz, 2003), num conjunto de perguntas, geralmente de vários tipos, preparadas sistematicamente e com cuidado, sobre os factos e aspetos que interessam a uma pesquisa ou avaliação, e que podem ser aplicados de várias maneiras, incluindo a sua administração a grupos ou através do envio pelo correio. Para o mesmo autor, o objetivo do questionário é obter, de maneira sistemática e ordenada, informações



sobre a população com a qual se trabalha, através das variáveis que são objeto da investigação ou avaliação.

Segundo Rojas (2000) existem três tipos de questionários: fechados, abertos ou mistos. No primeiro as perguntas são fechadas e solicitam respostas breves, específicas e delimitadas. Estas são mais objetivas, requerem um menor esforço por parte dos inquiridos e são mais fáceis de analisar e classificar. O segundo é elaborado com perguntas abertas, o que leva a uma liberdade de resposta alargada. Este tipo de questionário não delimita de antemão as alternativas de resposta, sendo estas de maior profundidade. Por fim, o questionário misto compreende os dois tipos de questionários referidos anteriormente. Este será o tipo de questionário utilizado no presente estudo (vide em anexo V).

### 3.3.2 Análise qualitativa

A entrevista é um instrumento de trabalho importante nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como a sociologia, antropologia, psicologia social, política, serviço social, jornalismo, relações públicas, pesquisa de mercados, entre outros (Lakatos e Marconi, 2007).

De um modo muito genérico, Neto (2002) afirma que a entrevista pode ser entendida como uma conversa a dois, com propósitos bem definidos.

“Num primeiro nível, essa técnica caracteriza-se por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Num outro nível, serve como um meio de recolha de informações sobre um determinado tema científico” (Neto, 2002:57).

A entrevista permite obter dados objetivos e subjetivos. Os primeiros podem ser também conseguidos através de fontes secundárias, tais como censos, estatísticas e outras formas de registos. Os segundos relacionam-se com os valores, atitudes e opiniões dos entrevistados (Neto, 2002).

De acordo com Lakatos e Marconi (2007), a preparação de uma entrevista é uma etapa muito importante que requer tempo, uma vez que o entrevistador deve ter uma ideia clara da informação de que necessita. Neste sentido, devem ser tomadas algumas medidas de modo a conduzir a entrevista corretamente:

- Planeamento da entrevista: deve ter em vista o objetivo a ser alcançado;
- Conhecimento prévio do entrevistado: conhecer o grau de familiaridade do mesmo com o assunto;
- Oportunidade da entrevista: marcar com antecedência a hora e o local;

- Condições favoráveis: garantir ao entrevistado o sigilo das suas informações;
- Contacto com líderes: obter maior variedade de informações;
- Conhecimento prévio do campo: evitar desencontros e perdas de tempo;
- Preparação específica: organizar um formulário com as questões importantes.

### 3.3.2.1 Estudo de caso

A presente investigação refere-se à relação entre o voluntariado e os projetos de desenvolvimento nos PALOP, nomeadamente no bairro do Fonton. Deste modo, o estudo de caso é o método mais adequado, uma vez que a investigação abrange um público-alvo muito específico.

De acordo com Ventura (2007), o estudo de caso é geralmente organizado em torno de um pequeno número de questões, que se referem ao como e ao porquê da investigação, e deverá existir sempre a preocupação, em se perceber o que o caso sugere a respeito do todo, e não o estudo apenas daquele caso. O que o torna exemplar, é ser significativo, completo, considerar perspectivas alternativas, apresentar evidências suficientes e ser elaborado de uma maneira atraente.

“O estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações” (Ventura, 2007:386).

Os estudos de caso mais comuns são os que têm o foco numa unidade – um indivíduo (caso único e singular, como o “caso clínico”) ou múltiplo, nos quais vários estudos são conduzidos simultaneamente: vários indivíduos, várias organizações (Ventura, 2007).

### 3.3.2.2 Método de amostragem snowball

Em termos estatísticos, Freitas et al. (2000) afirmam que uma amostra é definida como uma parte representativa da população e pode ser probabilística ou não probabilística. A primeira apresenta como principal característica, o facto de todos os elementos da população terem a mesma oportunidade de serem escolhidos, resultando numa amostra representativa da população. A segunda é obtida através de algum tipo de critério, e nem todos os elementos da população têm a mesma oportunidade de serem selecionados (Freitas et al.,2000).

O método de amostragem *snowball* (“bola de neve”) insere-se no tipo de amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Inicialmente, são localizadas algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. Posteriormente, solicita-se que essas pessoas indiquem

novos contactos, com as características desejadas e assim sucessivamente, fazendo crescer a amostra como uma “bola de neve” (Vinuto, 2016), o que pode provocar um enviesamento dos resultados, uma vez que as opiniões entre os participantes são muito semelhantes. Este método é utilizado principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: aumentar a compreensão sobre um tema, testar a viabilidade da realização de um estudo mais amplo e desenvolver os métodos a serem empregues em todos os estudos ou fases subsequentes.

Através do método acima referido foram entrevistados o David Moreno e o João Baptista, presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton, a Dr.<sup>a</sup> Helena Vieira, docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu, a Dr.<sup>a</sup> Ineida Fernandes, assistente social do bairro do Fonton e a Dr.<sup>a</sup> Emanuela Bonavolta, presidente da Associação *Dignity Non Profit People*. Os guiões das entrevistas (vide em anexos I, II, III e IV) foram elaborados tendo por base os objetivos da investigação.

### 3.3.2.3 Análise documental e bibliográfica

De acordo com Lakatos e Marconi (2007) a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo e tem como finalidade colocar o investigador em contacto direto com a mesma. A pesquisa bibliográfica “(...) não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (Lakatos e Marconi, 2007: 71).” Cristiane e Lima (2007: 38) afirmam que, “(...) a pesquisa bibliográfica implica num conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório.”

Para Pimentel (2001), o uso de documentos em pesquisas deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles se pode extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das ciências humanas e sociais, porque possibilita ampliar o entendimento de objetos, cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Cellard (1997) refere que o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo o investigador, em ciências sociais. Muitas vezes, permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. O investigador que utiliza como metodologia a análise documental, deve ser capaz de ultrapassar vários obstáculos. Apesar deste método não ser suscetível de influências, a informação disponível é aquela que o investigador tem ao seu dispor, e por isso, há uma restrição muito grande relativa à informação apresentada.

O autor acima referido, afirma que o investigador deve, em primeiro lugar, localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, bem como a sua representatividade. Em seguida, deve compreender adequadamente o sentido da mensagem e contentar-se com a informação disponibilizada: fragmentos, passagens difíceis de interpretar e repletas de termos e conceitos que lhe são estranhos.

A análise documental foi elaborada como suporte e complemento das entrevistas aplicadas, apresentando as carências e a situação concreta do bairro do Fonton, através do estudo dos relatórios do CIC e dos questionários aplicados pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde, no bairro referido.

#### 3.3.2.4 Observação

Para Souza et al. (2011) a técnica de observação participante realiza-se através do contacto direto do pesquisador com o fenómeno observado, de modo a obter informações sobre a realidade dos atores sociais nos seus próprios contextos. A importância desta técnica reside no facto de ser possível captar uma variedade de situações ou fenómenos que não seriam obtidos de outra forma. O investigador é inserido no campo conforme a observação desejada, podendo ter uma participação plena, caracterizada por um envolvimento por inteiro em todas as dimensões da vida do grupo a ser estudado, ou um distanciamento total de participação da vida do grupo, tendo como prioridade somente, a observação.

Souza et al. (2011) afirmam que as capacidades de empatia e de observação por parte do investigador e a aceitação dele por parte do grupo, são fatores decisivos neste processo metodológico, e não são alcançados através de uma simples receita. O envolvimento e a observação do dia-a-dia da população do bairro do Fonton, permitiu uma melhor compreensão das suas necessidades, anseios e objetivos.

#### 3.3.2.5 Trabalho de campo

De acordo com Souza et al. (2011) o trabalho de campo apresenta-se como uma possibilidade de se conseguir, não só uma aproximação com aquilo que se deseja conhecer e estudar, mas também de se criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo.

“Além do recorte espacial, em se tratando de pesquisa social, o lugar primordial é o ocupado pelas pessoas e grupos convivendo numa dinâmica de interação social. Essas pessoas e esses grupos, são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma construção teórica para transformá-los em objetos de estudo. Partindo da construção

teórica do objeto de estudo, o campo torna-se um palco de manifestações de intersubjetividade e interações entre pesquisadores e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos” (Souza et al., 2011: 54).

Apesar de ser um método de pesquisa utilizado por muitos investigadores, o trabalho de campo apresenta alguns obstáculos que podem dificultar ou inviabilizar esta etapa de pesquisa. De acordo com Souza et al. (2011), o investigador deve, em primeiro lugar, procurar uma aproximação com as pessoas da área selecionada para o estudo, que pode ser facilitada através do conhecimento de moradores ou daqueles que mantêm sólidos laços de intercâmbio com os sujeitos a serem estudados.

Esta aproximação deve ser gradual, consolidando uma relação de respeito pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade em estudo. Em seguida, é importante que seja apresentada a proposta de estudo aos grupos envolvidos, esclarecendo-os sobre aquilo que se pretende investigar, bem como as possíveis repercussões favoráveis advindas deste processo. A procura de informações que se pretende obter é conquistada através do diálogo e foge à obrigatoriedade. Outro aspeto essencial, que não deve ser descurado, é a postura do investigador em relação à problemática a ser estudada. É importante que esteja disponível para compreender que nem tudo o que vai encontrar serve para confirmar o que considera saber, entendendo o campo, como possibilidade de novas revelações.

Por último, é importante perceber que o trabalho de campo pressupõe um cuidado teórico-metodológico, com a temática a ser explorada, considerando que o mesmo não se explica por si só. No âmbito do trabalho de campo foi estabelecido o contacto com alguns moradores do bairro do Fonton, nomeadamente com o presidente da Associação Comunitária de Fonton, permitindo a exposição do objetivo da investigação, bem como uma apreciação crítica em conjunto do projeto em estudo.

### 3.3.1 Análise quantitativa

De acordo com Muñoz (2003), o questionário é um procedimento considerado clássico nas ciências sociais para a obtenção e registo de dados. A sua versatilidade permite que seja utilizado como instrumento de pesquisa e como ferramenta de avaliação de pessoas, processos e programas de formação. É uma técnica de avaliação, que pode abranger aspetos quantitativos e qualitativos e apresenta-se como sendo menos profunda e mais impessoal do que a entrevista, o que permite consultar uma população mais ampla, de uma forma mais rápida e económica.

A sua construção é uma tarefa cuidadosa e completa, e por essa razão, exige uma preparação prévia. Deste modo, para Ibáñez e Serrano (1985, in Muñoz, 2003) a sequência que geralmente se segue para preparar um questionário é a seguinte:

- Determinar precisamente que tipo de informação é necessária;
- Selecionar os aspetos mais relevantes;
- Decidir qual é a forma mais apropriada do questionário;
- Fazer um primeiro rascunho;
- Submetê-lo a críticas de alguns especialistas;
- Testá-lo com um grupo experimental;
- Reformular e estabelecer os procedimentos para a sua aplicação.

Na presente investigação será realizado um inquérito por questionário a 50 estudantes universitários. O objetivo do mesmo, é compreender quanto tempo estariam dispostos a oferecer para trabalhar no projeto em estudo, assim como as suas motivações e o sentido de compromisso, aliando as valências de cada um aos objetivos do mesmo. Posto isto, será feita uma seleção dos treze que pertencerão ao grupo de voluntários que apoiará o projeto.

### **3.4 Síntese do capítulo**

Este capítulo tem como objetivo apresentar a metodologia utilizada, especificando a que será empregue no presente estudo. O capítulo seguinte refere-se ao tema da educação, tendo como foco principal, a educação em Cabo Verde.

## Capítulo IV- A educação

O investimento na educação é uma importante fonte de crescimento, que incita o desenvolvimento e a autonomia das comunidades. Apesar de atualmente, continuar a ser um direito que não é acessível a todos, é importante compreender a sua importância a nível pessoal, enquanto fator de crescimento e desenvolvimento cognitivo e a nível social, como potenciador da transformação e desenvolvimento da sociedade. De acordo com o artigo n.º 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

“Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. Deve visar a plena expansão da personalidade humana e o reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz” (Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo n.º 26).

Posto isto, e em relação ao propósito do presente estudo, é importante compreender que a pobreza ou a falta de meios, não deve ser um entrave para aqueles que querem aprender e ter uma vida mais digna. Assim, a educação é um dos pontos chave para a ajuda ao desenvolvimento económico e social das comunidades, principalmente nos PALOP, constituindo a base que tudo suporta. Para Durkheim (1975) a educação é:

“a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais, que requerem dela, tanto a sociedade política no conjunto, quanto o meio especial ao qual ela é mais particularmente destinada” (Durkheim, 1975: 51).

### 4.1 A educação em Cabo Verde

#### 4.1.1 A educação antes da independência

O sistema educativo em Cabo Verde tem sofrido alterações ao longo do tempo. Antes da independência, a educação era já percecionada como base de mobilidade social ascendente da população, tendo sido um importante recurso emancipatório. A ambição de um ensino de qualidade foi um traço permanente da construção da cidadania cabo-verdiana. Este desígnio cumpriu-se ao longo da história de Cabo Verde, sendo a educação considerada um fator decisivo para o seu desenvolvimento. A política educacional antes da independência visava, sobretudo, a promoção dos valores culturais da metrópole e a criação de defensores da unidade da Pátria, descurando o cabo-verdiano com os seus próprios valores, hábitos ou costumes (Tolentino, 2006).

Na época colonial, o ensino “caracterizava-se por ser altamente seletivo, discriminatório, inadaptado às necessidades do país e aos interesses das populações” (Pereira, 1985: 33). “Em teoria, o ato colonial visava levar a cultura aos indígenas e civilizá-los, mas, na prática, o governo dava fraca ou nula atenção à educação” (Tolentino, 2006:231). As condições e as infraestruturas eram insuficientes e inadequadas e os professores não tinham a formação necessária para lecionar.

Nos inícios da década de 60, as mudanças na atuação do regime salazarista começaram a surgir e, nos finais da mesma foi aprovado o Regulamento para o Ensino Primário Elementar (Diploma Legislativo N.º 1724/68, publicado no Suplemento ao Boletim Oficial da Província de Cabo Verde, n.º 38 / 1970), verificando-se um aumento da população escolar, devido à introdução da obrigatoriedade do ensino básico para as crianças com idades compreendidas entre os 6 e 12 anos.

De acordo com Tolentino (2006) apesar das mudanças mencionadas anteriormente, o ensino continuava completamente desajustado da realidade sociocultural e económica do país. Os alunos que terminassem o ensino primário elementar e não continuassem no sistema, o caso da maioria, abandonavam a escola sem preparação para a vida ativa.

#### 4.1.2 A educação depois da independência

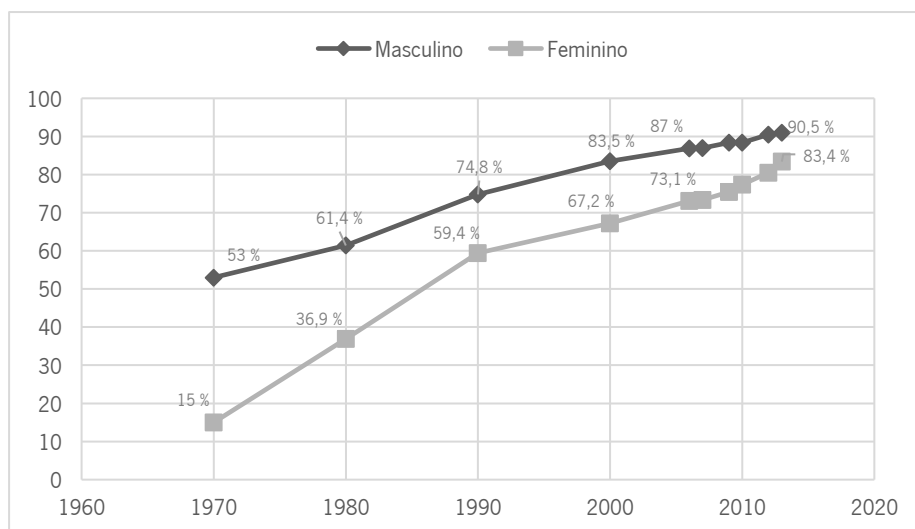
A 5 de Julho de 1975, Cabo Verde tornou-se independente e a educação passou a defender novas causas e a ser entendida como um direito humano e instrumento de transformação social, devendo favorecer a promoção do indivíduo, a coesão e o desenvolvimento do país (Tolentino, 2006). No entanto, este processo desenvolveu-se lentamente, havendo ainda algumas barreiras para ultrapassar. Uma delas era o elevado nível de analfabetismo, como é possível verificar no gráfico n.º 1. Tolentino (2006) afirma que

“era urgente implicar as populações na luta contra o subdesenvolvimento e entendia-se que uma das formas mais eficazes de o fazer era contribuir para a elevação do seu nível de conhecimento, competências e autoconfiança individual e coletiva” (Tolentino, 2006:235).

Não obstante, era também necessário transformar os conteúdos, apoiar os alunos mais desfavorecidos, abrir a escola à comunidade e adequar o ensino aos objetivos da afirmação da identidade sociocultural e da reconstrução nacional (Tolentino, 2006).



Gráfico n.º 1- Evolução da taxa de alfabetização na população com 15 anos ou mais em percentagem (1970-2013)



Fonte: elaboração própria com base nos dados do INE (2015) de Cabo Verde

A partir de 1976, a taxa de escolarização do ensino básico elementar era superior a 80%. No entanto, o insucesso escolar manteve-se elevado devido à falta de professores qualificados, à distância entre a escola e a casa dos alunos, à falta de meios financeiros, entre outros motivos.

Dois anos após a Independência, foi configurado o “Novo Sistema de Ensino” (Ministério da Educação e Cultura, 1997), que traduzia a “necessidade de uma transformação profunda do sistema de educação deixado pelo regime colonial” (Varela, 2013:19).

“Vê-se, assim, que, durante a primeira década da Independência, as políticas educativas contemplaram os diversos níveis de ensino, incluindo o ensino superior, que, de forma embrionária, arranca no país, após quatro anos de existência do novo Estado, conhecendo, entretanto, uma forte frequência no exterior, graças ao avultado número de bolsas de estudos colocadas à disposição de Cabo Verde por diversos países amigos, que chegava a ser superior à procura” (Varela, 2013:22).

#### 4.1.3 O sistema de ensino atual

O sistema educativo em Cabo Verde tem vindo a mostrar progressos significativamente notórios. Um dos grandes objetivos do Ministério da Educação é a transformação do mesmo, através de compromissos internacionais e nacionais, afirmando que

“A educação é, por excelência, um instrumento crucial para o combate à pobreza, uma vida mais saudável, para sustentar o crescimento económico, bem como reforçar a democracia e a participação de todos os cidadãos no desenvolvimento sustentável” (Plano estratégico da educação, Cabo Verde, 2017-2021:34).

Apesar dos professores já terem as habilitações formais exigidas, carecem de competências específicas para o desenvolvimento da aprendizagem da *Lecto* escrita. De acordo com a informação que consta no Plano Estratégico de Cabo Verde 2017-2021, a dimensão pedagógica tem sido subvalorizada e beneficia de escassos recursos em contraste com a dimensão da ação social escolar, com reflexo nos baixos resultados a Português e a Matemática que apresentam, respetivamente, uma taxa de reprovação global de 41,9% e 49,3%.

Atualmente, o sistema educativo compreende os subsistemas da educação pré-escolar, escolar e extraescolar. O subsistema da educação escolar abrange três níveis: ensino básico obrigatório (1º ao 8º ano de escolaridade), ensino secundário (9º ao 12º ano de escolaridade) e ensino superior e modalidades especiais de ensino. A educação extraescolar engloba as atividades de alfabetização, de pós-alfabetização e de formação profissional.<sup>1</sup>

**Pré-Escolar:** de acordo com o Decreto-Legislativo nº13/2018, de 7 de dezembro, que veio alterar o Decreto-Legislativo nº20/2010, de 7 de maio, onde estão definidas as Bases do Sistema Educativo, a educação pré-escolar é de frequência obrigatória e destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 4 anos e a idade de ingresso no ensino básico.

**Ensino Básico:** definido pelo Decreto-Legislativo nº13/2018, de 7 de dezembro, como um nível de ensino universal, obrigatório e gratuito, com a duração de 8 anos e organizado em dois ciclos sequenciais de quatro anos cada (figura n.º 3).

**Ensino Secundário:** de acordo com o artigo 26º do Decreto-Legislativo nº13/2018, de 7 de dezembro, apresenta uma duração de 4 anos, num ciclo único, do 9º ao 12º ano de escolaridade, e estrutura-se em duas vias opcionais, via geral e via técnica (figura n.º 3).

**Ensino superior:** nos termos da LBSE em vigor, compreende o ensino universitário e o ensino politécnico. Têm acesso ao ensino superior os indivíduos habilitados com o curso do ensino secundário ou equivalente, que façam prova de capacidade para a sua frequência, nos termos definidos por lei.

---

<sup>1</sup> Decreto-Legislativo nº 2/2010, de 10 de maio, cap.III, artigo 12º

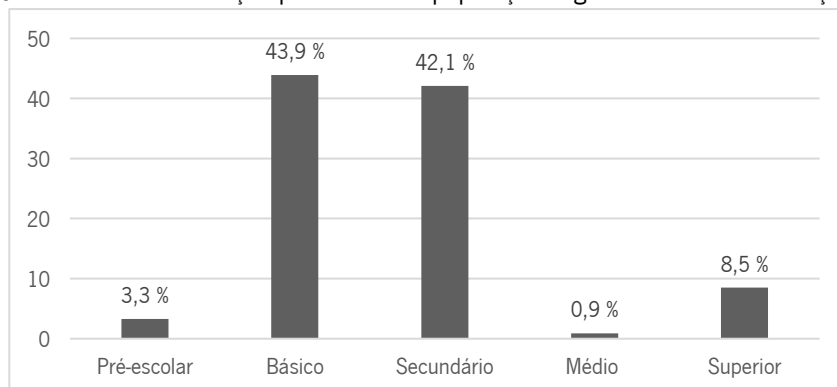


Figura n.º 3- Organograma do Sistema Educativo (alteração à Lei de Bases de 1990)

Fonte: plano Estratégico da Educação em Cabo Verde, 2017-2021

Com as mudanças verificadas, o ensino começou a ser entendido como uma fonte de crescimento e desenvolvimento das comunidades, levando ao profissionalismo e melhoramento do mesmo. No entanto, em 2017, apenas 9,4% da população possuía um nível de instrução superior ao ensino secundário. O ensino básico era o que detinha a percentagem mais elevada (43,9%), seguido do secundário com 42,1% (gráfico n.º 2).

Gráfico n.º 2- Distribuição percentual da população segundo o nível de instrução

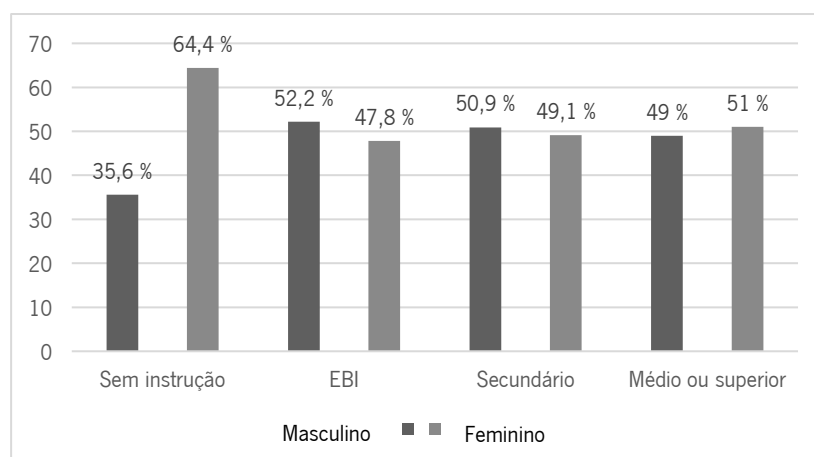


Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

O gráfico n.º 3 apresenta o nível de instrução da população cabo-verdiana, sendo possível concluir que em 2010, cerca de 64% das mulheres não possuíam qualquer nível de instrução. É importante

salientar, que apesar dos homens apresentarem sempre uma taxa superior, ainda que pouco significativa, relativamente ao nível de instrução primária e secundária, no ensino médio ou superior a situação reverte-se, e são as mulheres que apresentam uma taxa ligeiramente superior (51%).

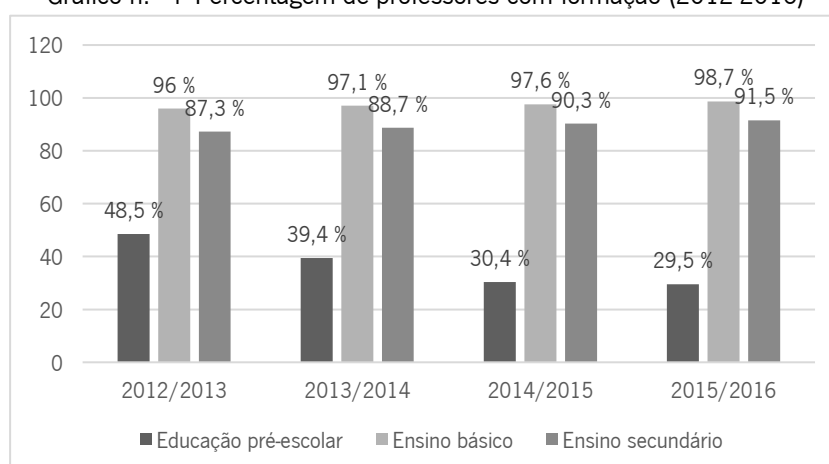
Gráfico n.º 3- Nível de instrução da população por sexo em percentagem



Fonte: elaboração própria baseada nos dados do INE- censo de 2010

Atualmente, o sistema de ensino em Cabo Verde preza a importância da qualificação dos professores, sendo este um fator preponderante no aproveitamento escolar dos alunos. O gráfico n.º 4, representa a evolução da percentagem de professores com formação entre 2012 e 2016. A educação pré-escolar é a que apresenta uma menor taxa de professores qualificados. No entanto, é possível verificar que em todos os anos letivos, o ensino básico apresentou uma taxa superior a 90%. No ensino secundário as taxas variaram entre 87,3% (ano letivo de 2012/2013) e 91,5% (ano letivo de 2015/2016).

Gráfico n.º 4- Percentagem de professores com formação (2012-2016)

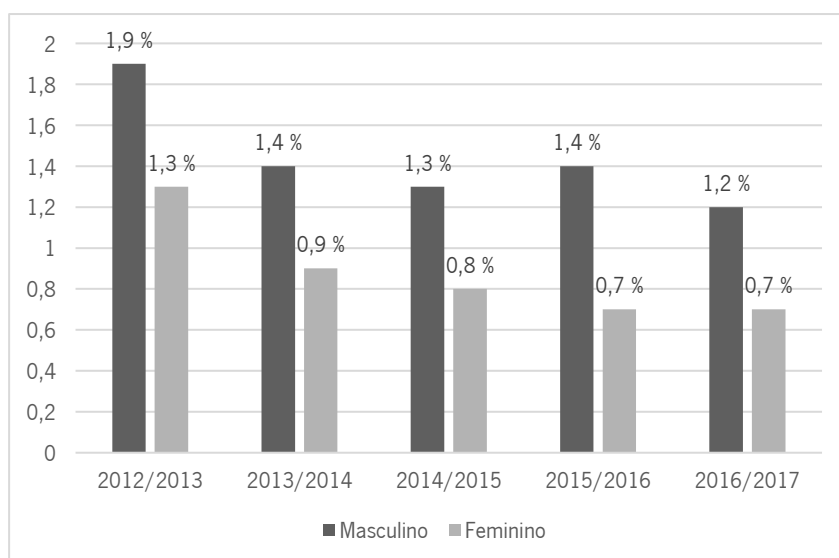


Fonte: elaboração própria com base no Ministério da Educação e no Anuário Estatístico de Cabo Verde 2017

No artigo nº71 do Decreto-Legislativo nº2/2010, de 7 de maio estão descritos os princípios orientadores na formação do pessoal docente. Complementar à formação inicial e institucionalizada, existe a formação contínua que visa melhorar a qualidade da ação docente. Esta “constitui um direito e um dever dos educadores de infância, dos professores e dos monitores dos ensinos básico e secundário” (artigo nº75, capítulo VI).

As mudanças descritas levaram à melhoria do ensino, com uma conseqüente diminuição das taxas de reprovação e abandono escolar. O último ponto é verificado no gráfico seguinte. No ano letivo de 2012/2013, a taxa de abandono escolar em Cabo Verde foi de 1,9% no sexo masculino e 1,3% no sexo feminino. Em 2016/2017 estes valores sofreram uma descida considerável, passando para 1,2% no sexo masculino e 0,7% no sexo feminino.

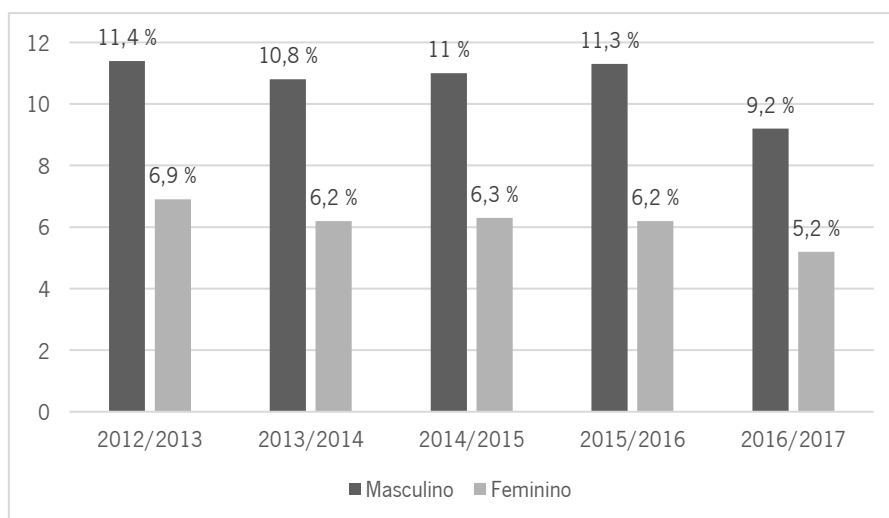
Gráfico n.º 5- Taxa de abandono escolar no ensino básico entre 2012 e 2017



Fonte: elaboração própria com base no Ministério da Educação e no Anuário Estatístico de Cabo Verde 2017

No gráfico n.º 6 está descrita a taxa de reprovação em Cabo Verde no ensino básico. Através da análise do mesmo é possível concluir, que ao longo do tempo esta taxa foi diminuindo, oscilando entre os 18,3% no ano letivo de 2012/2013 e os 14,4%, no ano letivo de 2016/2017.

Gráfico n.º 6- Taxa de reprovação no ensino básico entre 2012 e 2017



Fonte: elaboração própria com base no Ministério da Educação e no Anuário Estatístico de Cabo Verde 2017

#### 4.2 A Educação no bairro do Fonton

De acordo com a análise realizada pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde, aquando da aplicação do questionário à população do bairro do Fonton, foi possível concluir que, no ano letivo de 2014/2015, das 103 crianças que frequentavam o ensino básico, houve 86% de aprovação do sexo feminino e 66% do sexo masculino. Relativamente ao ensino secundário, dos 140 jovens que frequentavam o mesmo, a taxa de aprovação foi de 74% no sexo feminino e 62% no sexo masculino.

Apesar da escassez de informação, é possível compreender, que a educação neste bairro continua a ser um fator crítico, sendo por isso importante o acompanhamento individualizado e periódico destes alunos.

#### 4.3 Síntese do capítulo

Verificou-se neste capítulo, que a educação em Cabo Verde sofreu inúmeras alterações ao longo do tempo. É importante referir, que a formação dos docentes começou a ser entendida como um meio imprescindível no aproveitamento escolar dos alunos. No entanto, estas melhorias não aconteceram em todo o país e, no bairro em estudo, o bairro do Fonton, ainda há um longo caminho a percorrer. No próximo capítulo estão descritas as informações gerais de Cabo Verde e do bairro do Fonton, que servirão de suporte para o projeto preliminar do centro de estudos.

## Capítulo V- Objeto de estudo – Projeto preliminar do Centro de Estudos no bairro do Fonton

Com o objetivo de criar uma proposta preliminar de um projeto que vá de encontro às necessidades reais e concretas da população do bairro do Fonton, foi realizada uma análise aos aspetos demográficos e socioeconómicos da mesma, caracterizando a envolvência local, bem como o impacto e a importância que o CIC apresenta junto da comunidade. A pesquisa foi elaborada do geral para o concreto, iniciando-se pelo estudo do país e terminando no do bairro.

### 5.1 Cabo Verde

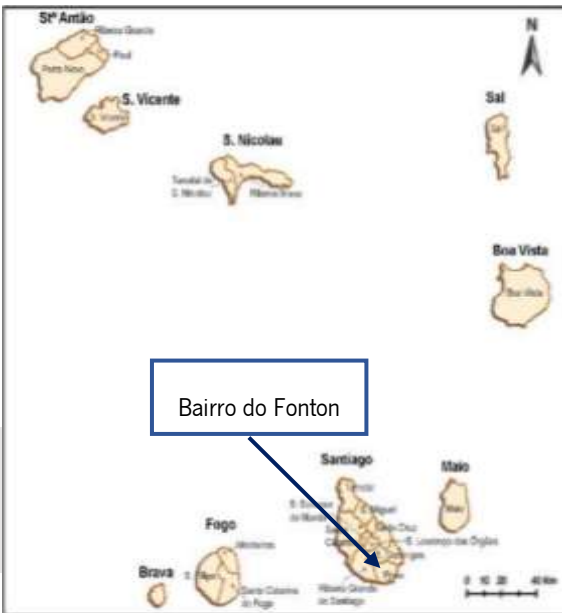
Cabo Verde é uma República soberana, unitária e democrática, que garante o respeito pela dignidade da pessoa humana e reconhece a inviolabilidade dos Direitos do Homem, como fundamento de toda a comunidade humana, da paz e da justiça.<sup>2</sup> Na tabela seguinte estão descritas as informações gerais sobre Cabo Verde.

Tabela n.º 4- Informações gerais sobre Cabo Verde

<b>Nome oficial</b>	República de Cabo Verde
<b>Superfície (Terrestre)</b>	4 033 Km <sup>2</sup>
<b>Bandeira</b>	
<b>Composição das ilhas</b>	10 ilhas e 5 principais ilhéus
<b>Data de descoberta</b>	1460
<b>Data de independência</b>	5 de julho de 1975
<b>Divisão administrativa</b>	22 concelhos distribuídos da seguinte forma:
	Ribeira Grande
<b>Santo Antão</b>	Paul Porto Novo
<b>S.Vicente</b>	S. Vicente
<b>S.Nicolau</b>	Ribeira Brava Tarrafal de S. Nicolau
<b>Sal</b>	Sal
<b>Boa Vista</b>	Boa Vista
<b>Maio</b>	Maio

<sup>2</sup> <https://www.governo.cv/index.php/dados-gerais>

Tabela n.º 4- Informações gerais sobre Cabo Verde (continuação)

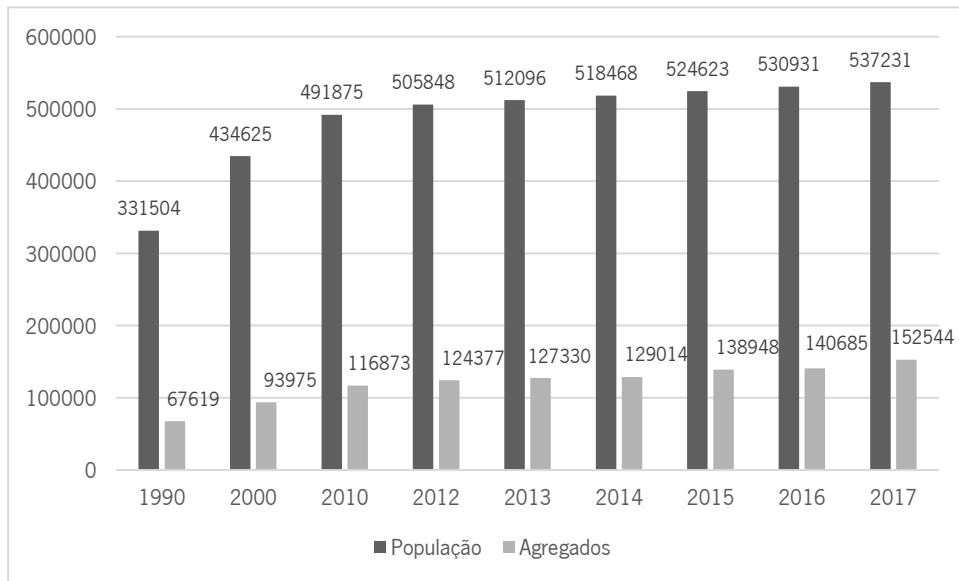
<b>Santiago</b>	Tarrafal	
	Santa Catarina	
	Santa Cruz	
	Praia	
	S. Domingos	
	S. Miguel	
	S. Salvador do Mundo	
	S. Lourenço dos Órgãos	
	Ribeira Grande de Santiago	
<b>Fogo</b>	Mosteiros	
	S. Filipe	
	Santa Catarina do Fogo	
<b>Brava</b>	Brava	
<b>Cidade Capital</b>	Praia	
<b>População (2017)</b>	537 661 habitantes	
<b>Agregados familiares (2017)</b>	152 544	
<b>Dimensão média dos agregados familiares (2017)</b>	3,5	
<b>Esperança média de vida à nascença (2017)</b>	Homens	72,2 anos
	Mulheres	80,2 anos
<b>Língua oficial</b>	Português	
<b>Língua nacional</b>	Crioulo (Cabo-Verdiano)	
<b>Moeda</b>	Escudos Cabo-Verdianos (ECV)	

Fonte: elaboração própria com base no Anuário Estatístico de Cabo Verde 2017

Os dois gráficos seguintes expõem, respetivamente, a evolução da população cabo-verdiana e o número de agregados familiares entre 1990 e 2017, bem como a sua dimensão média no período de tempo referido. Através dos mesmos, verifica-se um aumento populacional entre 1990 (331 504 habitantes) e 2017 (537 231 habitantes), assim como do número de agregados familiares, de modo proporcional. Quanto à dimensão média dos mesmos, houve uma ligeira diminuição entre 1990 (4,9) e 2017 (3,5).

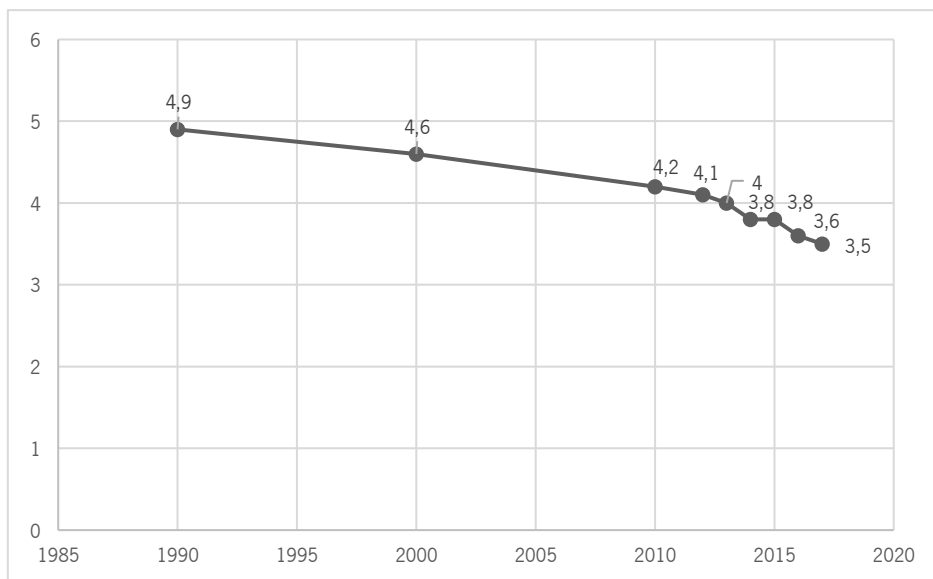


Gráfico n.º 7- Evolução da população e dos agregados familiares entre 1990 e 2017



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

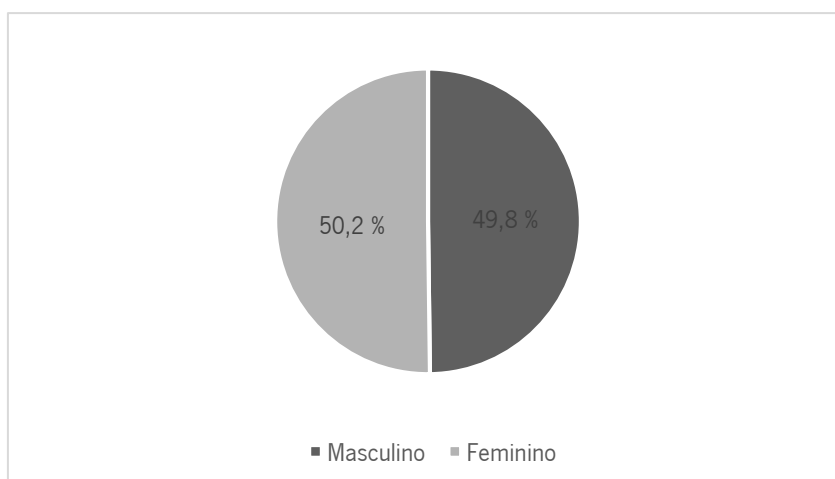
Gráfico n.º 8- Dimensão média dos agregados familiares entre 1990 e 2017



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

Quanto ao número de homens e mulheres residentes em Cabo Verde é possível verificar através do gráfico n.º 9 que este é praticamente igual, sendo a distribuição demográfica muito homogénea.

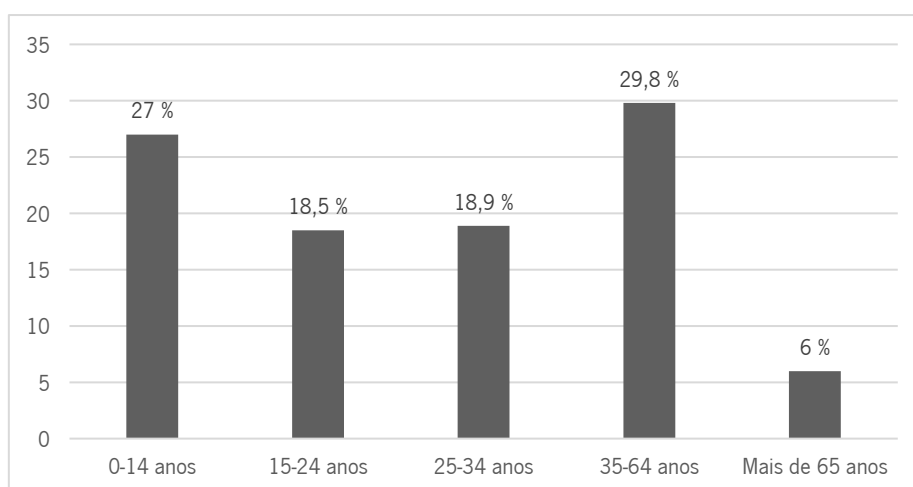
Gráfico n.º 9- Distribuição percentual da população por sexo



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

A população cabo-verdiana é maioritariamente jovem, sendo que 45,5% da população tem idades inferiores a 25 anos e apenas 6% da população idades superiores a 64 anos (gráfico n.º 10).

Gráfico n.º 10- Distribuição percentual da população por faixa etária

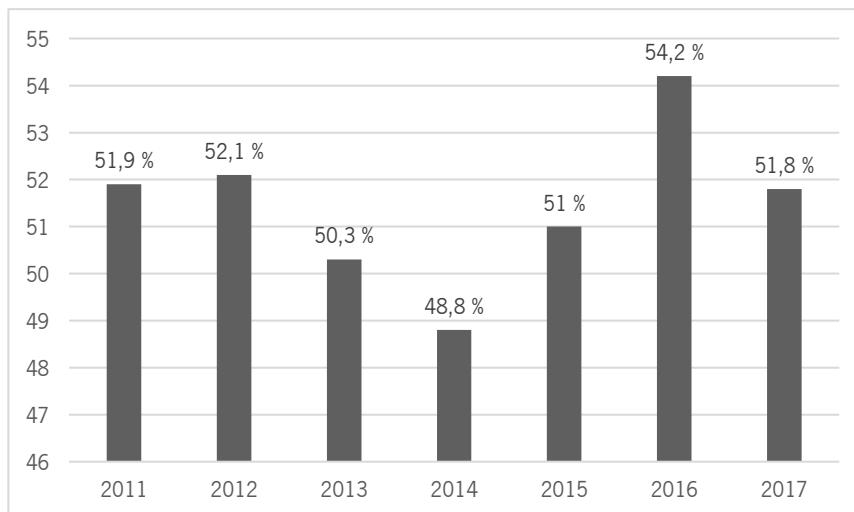


Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

A partir dos 15 anos, muitos são aqueles que dão início à sua atividade profissional, apesar da taxa de desemprego ser elevada, acarretando problemas sociais e familiares na comunidade. Os gráficos n.º 11 e n.º 12 representam, respetivamente, a evolução da taxa de emprego e de desemprego da população com mais de 15 anos, entre 2011 e 2017. Através dos mesmos, é possível verificar que a taxa de emprego foi bastante constante entre 2011 (51,9%) e 2017 (51,9%). O mesmo não se aplica à taxa de desemprego, que apresentou acréscimo em 2012 (16,8%), mantendo-se relativamente constante até 2014 (15,8%). Em 2015 teve um decréscimo para

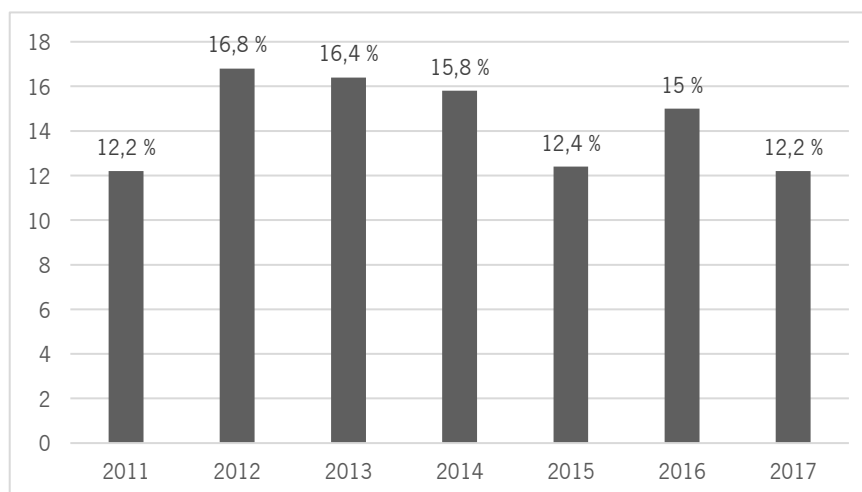
12,4%, valor que, em 2016, voltou a aumentar para 15%, diminuindo novamente em 2017 (12,2%).

Gráfico n.º 11- Evolução da taxa de emprego da população de 15 anos ou mais em Cabo Verde



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

Gráfico n.º 12- Evolução da taxa de desemprego da população de 15 anos ou mais em Cabo Verde



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

### 5.1.1 Breve caracterização do Concelho e Cidade da Praia

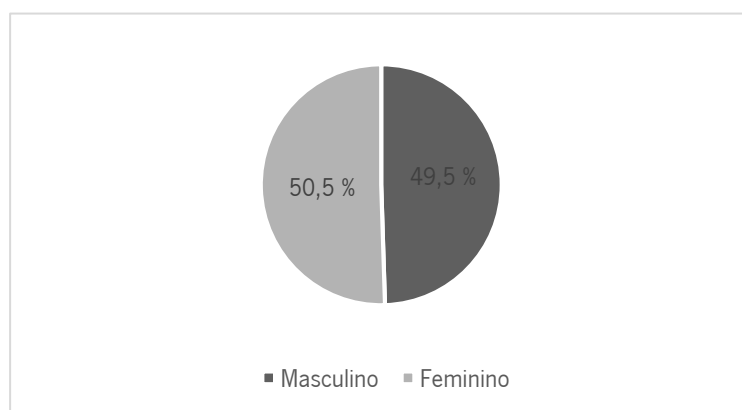
A cidade da Praia, capital de Cabo Verde, pertencente ao concelho da Praia é o maior centro urbano do país, onde vivem 159 047 habitantes (dados de 2017).<sup>3</sup> É a cidade mais cosmopolita da Ilha de Santiago, e apresenta as características mais conservadoras e tradicionais. Num curto período de tempo, verificou-se um rápido crescimento demográfico e urbanístico, que levou à densificação do tecido urbano, construção de equipamentos e infraestruturas públicas e privadas,

<sup>3</sup> Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde

desenvolvimento do comércio e do setor dos serviços. No entanto, este fenómeno conduziu à ocupação desregrada do solo, favorecendo o aparecimento de bairros espontâneos, com um número considerável de construções clandestinas, precárias e degradadas, desprovidos, na sua grande maioria, de infraestruturas e serviços essenciais como água, saneamento, energia elétrica, segurança, equipamentos, entre outros. Nestes bairros, caracterizados como as principais zonas de concentração da pobreza, predominam situações de grave carência social, nomeadamente baixa capacitação e habilitação dos seus habitantes, elevada taxa de desemprego, nível considerável de abandono escolar, delinquência juvenil, prostituição, toxicodependência, etc.<sup>4</sup>

Quanto à população residente no concelho da Praia, é possível verificar através do gráfico n.º 13, que esta está equitativamente distribuída entre homens e mulheres.

Gráfico n.º 13- Distribuição percentual da população por sexo no concelho da Praia



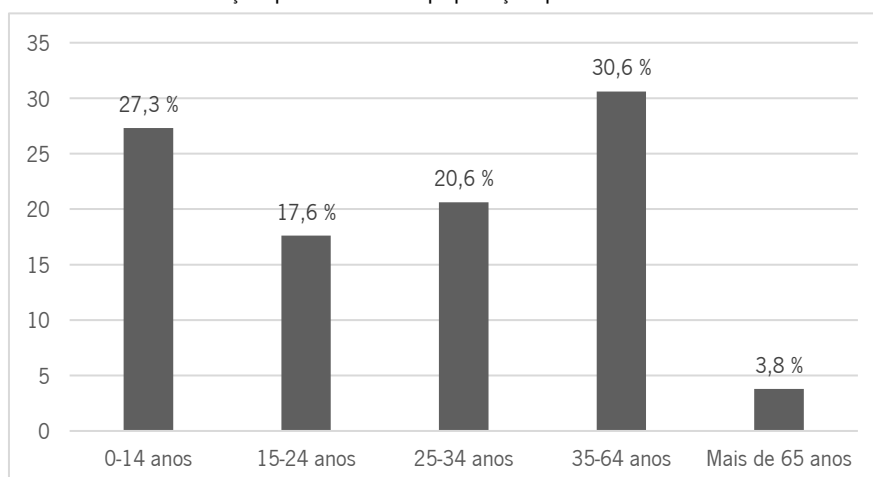
Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

Este concelho apresenta uma população maioritariamente jovem, com cerca de 40% em idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos (gráfico n.º 14).

---

<sup>4</sup> Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, p.4

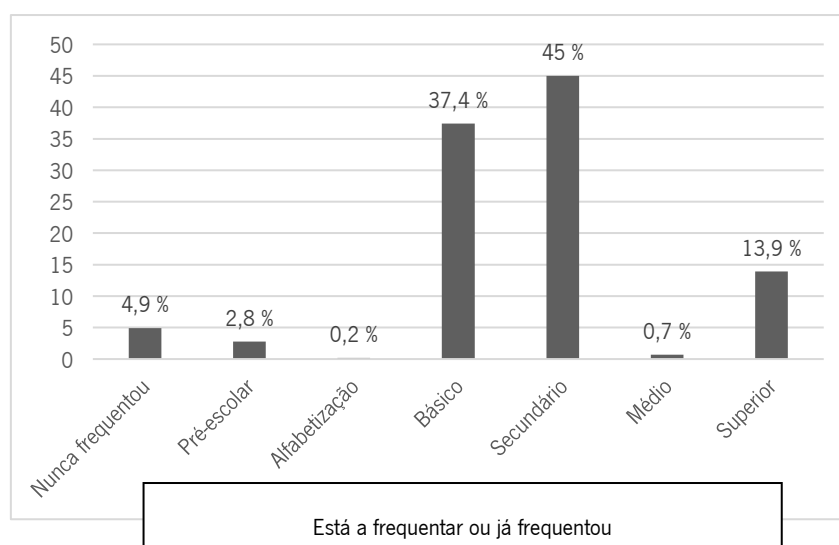
Gráfico n.º 14- Distribuição percentual da população por faixa etária no concelho da Praia



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

O abandono escolar, é um dos grandes problemas em Cabo Verde. De acordo com o Decreto-Legislativo n.º 13/2018 de 7 de dezembro, o ensino é obrigatório e gratuito até ao 8.º ano de escolaridade. Após conclusão do mesmo, muitos são aqueles que abandonam o percurso escolar, enveredando muitas vezes, por vias problemáticas. Através do gráfico n.º 15, é possível concluir que cerca de metade da população no concelho da Praia frequenta ou já frequentou o ensino secundário, 4,9 % nunca teve a oportunidade de estudar e apenas 13,9% seguiram para o ensino superior.

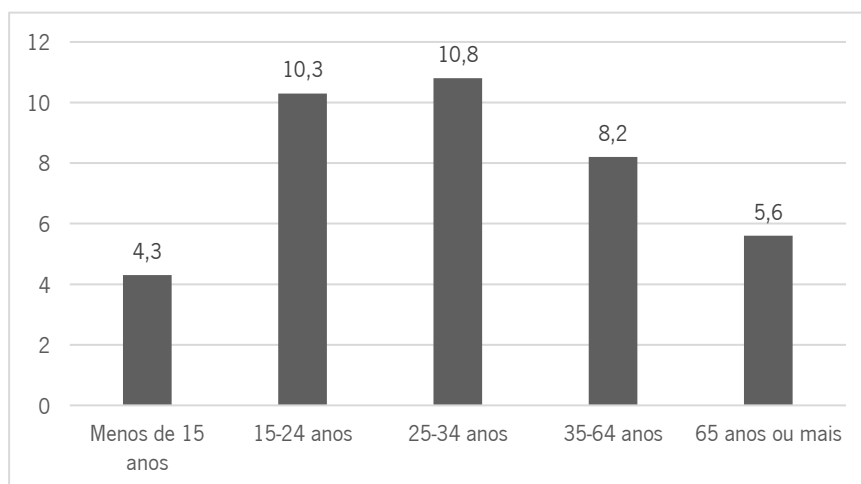
Gráfico n.º 15- Distribuição percentual da população com 4 anos ou mais segundo a frequência e o nível de instrução no concelho da Praia



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

O número médio de anos de estudo da população no concelho da Praia apresenta os valores mais baixos nos extremos das idades. A população com menos de 15 anos, estuda em média, durante 4 anos. O mesmo acontece com a população com idades iguais ou superiores a 65 anos, que estuda em média durante 5 anos (gráfico n.º 16).

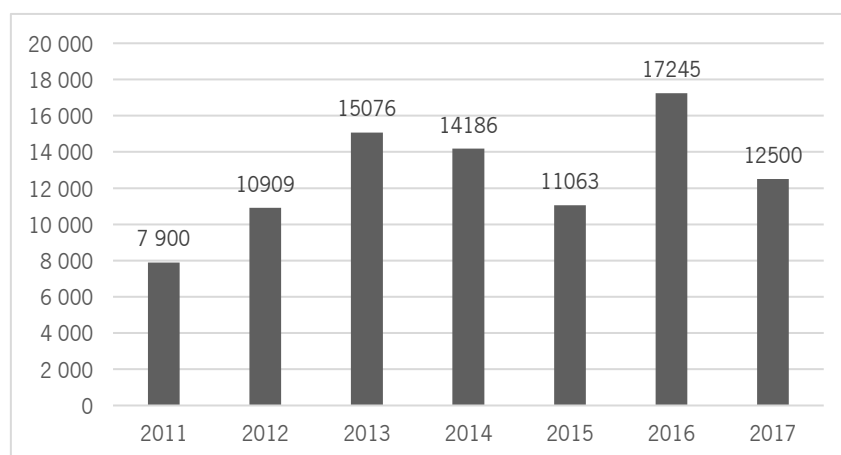
Gráfico n.º 16- Número médio de anos de estudos da população com 4 anos ou mais segundo a faixa etária no concelho da Praia



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

O desemprego em Cabo Verde é visível em todo o país, principalmente junto da camada mais pobre. Em 2011, o número de desempregados era de 7 900, valor que em 2017 aumentou para os 12 500. No entanto, de 2016 para 2017, houve uma diminuição considerável (gráfico n.º 17).

Gráfico n.º 17- Evolução da população de 15 anos ou mais desempregada no concelho da Praia



Fonte: elaboração própria com base nos dados do IMC 2017

### 5.1.1.1 Breve caracterização do bairro do Fonton

O bairro do Fonton situa-se no Vale do Palmarejo, junto à Achada Santo António, na zona Sul da Cidade da Praia, capital de Cabo Verde. É consequência do forte processo migratório que levou à ocupação desorganizada do solo e a construções clandestinas, com moradias sem acabamento e por vezes compostas por um único compartimento. Em 2013, este bairro era composto por 772 habitantes, sendo que alguns eram oriundos de outras Ilhas de Cabo Verde e de diversos países africanos<sup>5</sup>. De acordo com Delgado (2006), esta é a localidade mais carenciada de todo o Palmarejo, habitada por pessoas que vivem no limiar da pobreza.

Os responsáveis pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde, realizaram um inquérito por questionário, que se encontra nos anexos VI e VII, aos 162 agregados familiares do bairro. Através do mesmo, constatou-se que a população é essencialmente jovem, o nível de conforto das famílias é baixo e muitas vivem em situação de vulnerabilidade. Mais de 55% das famílias são chefiadas por mulheres e a taxa de desemprego é elevada, principalmente junto da camada jovem. Grande parte das mulheres são domésticas e as atividades laborais que predominam são as vendas ambulantes e as atividades ligadas à construção civil. Contudo, o número de estudantes entre as crianças e jovens é elevado, apesar de não existirem escolas no bairro. Os mesmos frequentam as escolas que se localizam nos bairros próximos (Palmarejo, Tira Chapéu e Achada de Santo António). No bairro existe apenas um jardim de infância privado, mas com poucas condições.

Do inquérito elaborado pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde (2013), foi apurado um total de 337 crianças e jovens, em que 222 vivem em agregados chefiados por mulheres e 115 em agregados chefiados por homens, sendo:

Tabela n.º 5- Faixa etária das crianças e jovens residentes no bairro do Fonton

Faixa etária			
<b>0 - 2 anos</b>	<b>3 - 5 anos</b>	<b>6 - 11 anos</b>	<b>12 - 18 anos</b>
46 crianças	48 crianças	103 crianças	140 crianças

Fonte: Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, p.5

---

<sup>5</sup>Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, p.5

Uma boa parte da comunidade não tem acesso à água canalizada, a ligação domiciliária é praticamente inexistente e o abastecimento é feito por chafarizes públicos. No total existem apenas dois. As casas não estão ligadas à rede de esgoto, a limpeza do bairro é muito deficitária e agravada pelos hábitos da população, no que diz respeito aos resíduos, agravando a drenagem da água pluvial.

## 5.2 Centro de Intervenção Comunitária

O Centro de Intervenção Comunitária está localizado no bairro do Fonton, e teve como entidades promotoras, a Câmara Municipal da Praia, o Rotary Club Maria Pia, o Rotaract e as Aldeias Infantis SOS Cabo Verde. As entidades responsáveis pela implementação do projeto foram as Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e o Rotaract<sup>6</sup>. Atualmente, é gerido pela Associação Comunitária de Fonton, associação que será descrita adiante.

Apresenta como parceiros as Aldeias SOS, a Câmara Municipal da Praia, o Rotary Club Maria Pia, o Ministério de Saúde, o Ministério da Educação, a Fundação Dona Ana, a Verdefam, as Escolas de Ensino Básico e Liceus, Pedro Gomes e Cesaltina Ramos e, recentemente, conta também com o apoio da Coordenadora Residente do Sistema das Nações Unidas, da Embaixada da União Europeia e da Assembleia Nacional.

Foi inaugurado no dia 21 de junho de 2013. Inicialmente, a sua sede estava localizada na Achada Santo António, que mais tarde passou para o bairro do Fonton<sup>7</sup>. Apresenta como objetivo ser uma resposta social, concebido com a finalidade de promover o bem-estar da comunidade, apoiando-a no seu processo de crescimento e desenvolvimento. A sua missão é a de promover uma cidadania ativa, implicando as pessoas no processo de crescimento e desenvolvimento da comunidade, através da identificação dos problemas sociais, na procura de soluções internas, no aproveitamento e desenvolvimento das suas potencialidades e oportunidades, visando a melhoria da qualidade de vida das famílias e das pessoas<sup>8</sup>.

O público-alvo direto são as 337 crianças e jovens do bairro do Fonton, e indiretamente os 162 agregados familiares, bem como toda a comunidade.

---

<sup>6</sup> Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, p.4

<sup>7</sup> <http://soscapvert.blogspot.pt/2013/07/cic-kelem-e-fonton-inaugurado.html>

<sup>8</sup> Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, p.6



Este centro pretende apoiar a camada mais desfavorecida da comunidade entre idosos, jovens desempregados e sem ocupação, mães chefes de família, com especial atenção para as crianças sem os cuidados parentais ou em vias de os perder.

O objetivo do CIC é minimizar o sofrimento de muitas crianças que são privadas dos seus direitos, tentando reforçar a estrutura das suas famílias e a capacidade da comunidade em responder eficazmente às situações de maior vulnerabilidade. Quanto aos objetivos específicos, estes têm a finalidade de:

- Facilitar o acesso das crianças/jovens aos serviços básicos de saúde, cuidado e educação;
- Criar condições que facilitem a frequência e/ou reintegração escolar das crianças e jovens em situação de abandono escolar;
- Oferecer oportunidades para a integração socioeconómica dos jovens através da sua inserção a curto e médio-prazo no mercado do trabalho;
- Desenvolver as competências parentais das famílias para que estas assumam plenamente a responsabilidade da educação dos seus próprios filhos e/ou outros menores sob os seus cuidados;
- Capacitar a comunidade para responder eficazmente às situações de vulnerabilidade da camada menos favorecida.

As condições difíceis por que passam determinadas famílias relativamente ao emprego, ao entendimento familiar, às condições de habitabilidade e de esperanças com vista à melhoria das suas condições de vida, têm contribuído para que muitas delas se encaminhem por vias menos adequadas e socialmente reprováveis, como por exemplo, o uso abusivo de álcool ou de estupefacientes, o envio dos filhos para a procura de sustento familiar onde lhes for possível, bem como a entrega dos mesmos à prostituição. Deste modo, as crianças ficam expostas a uma situação de grande vulnerabilidade, tornando-as vítimas de maus-tratos e de abuso sexual. Em muitos casos os próprios familiares incitam-nas a praticarem alguns atos criminosos para seu sustento e proteção<sup>9</sup>.

Numa tentativa de prevenção do abandono infantil, assim como do reforço da estrutura familiar debilitada, este centro tentará colocar à disposição da comunidade local o seguinte:

- Serviços básicos e programas de reabilitação para crianças com necessidades especiais de proteção, particularmente para aquelas que não têm os cuidados parentais ou estão

---

<sup>9</sup>Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, p.9

em risco de os perder, como por exemplo os cuidados de saúde, sessões de aconselhamento, educação e formação profissional de curta duração;

- Sessões de aconselhamento, planeamento, educação sanitária, orientação e formação profissional para as famílias que disso careçam para satisfazerem as suas necessidades elementares;
- Programas de ocupação juvenil abertos aos jovens da comunidade. Por exemplo, atividades recreativas, uma pequena biblioteca, serviços de Internet, sessões de educação sanitária, sessões de aconselhamento e cursos profissionais de curta duração<sup>10</sup>.

O centro de intervenção comunitária dispõe de condições para acolher diariamente até 150 crianças necessitadas, oferecendo-lhes a possibilidade de ocupação do tempo livre com várias atividades. Para a realização dos fins a que se propõe, o CIC pretende prestar, entre outros, os seguintes serviços:

- Atendimento psicossocial e atendimento médico;
- Acompanhamento e orientação escolar e atividades lúdico-pedagógicas;
- Capacitação em cuidados parentais para os familiares das crianças que disso careçam e planeamento familiar;
- Oportunidade de educação formal e não formal e capacitação em direitos da criança;
- Formação em gestão de pequenos negócios e atividades geradoras de rendimento;
- Alfabetização;
- Capacitação de líderes comunitários<sup>11</sup>.

De acordo com o inquérito aplicado em 2013, que tinha como objetivo perceber a situação dos residentes do bairro, foram selecionadas 150 crianças e 36 famílias com as condições mais precárias para beneficiarem de um programa de reforço das estruturas familiares e prevenção do abandono infantil. Antes do mesmo ser aplicado, apenas 21 crianças tinham acesso a consultas médicas e 13 acesso a medicamentos. Posteriormente, 137 crianças passaram a ter acesso a consultas médicas e 74 acesso a medicamentos. Em relação às refeições, antes da aplicação do

---

<sup>10</sup>Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, p.9

<sup>11</sup>Aldeias Infantis SOS Cabo Verde e Rotaract, Centro de Intervenção Comunitária/ Infantojuvenil de Fonton – Projeto, 2014, pp. 9-10

programa apenas 29 crianças faziam 3 refeições diárias. Este número aumentou para 136 aquando da aplicação do mesmo. Quanto aos encarregados de educação, antes do programa apenas 10 tinham acesso a consultas médicas e 13 a medicamentos, valores que aumentaram, respetivamente, para 32 e 29<sup>12</sup>.



Figura n.º 4- Localização do Centro de Intervenção Comunitária

Fonte: Google Maps facultado pelo tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton

#### 5.2.1 Associação Comunitária de Fonton

A Associação Comunitária de Fonton (ACF) é uma entidade comunitária, que apresenta um forte envolvimento com diversas instituições públicas e privadas. Desde 2016, é responsável pela gestão do CIC, e tem como finalidade assegurar o acesso das crianças aos serviços essenciais, que garantem o seu desenvolvimento integral. É constituída por uma equipa de 11 membros e 15 voluntários. Da direção fazem parte cinco elementos:

- Presidente - David César Tavares Moreno;

---

<sup>12</sup>Aldeias Infantis SOS Cabo Verde, Programa de Reforço das Estruturas Familiares e Prevenção ao Abandono Infantil em Fonton, 2014

- Vice-Presidente - Paulo Jorge Ramos dos Reis;
- Secretária - Vânia Maxina Carvalho Gomes;
- Tesoureiro – João Baptista Duarte Tavares;
- Vogal – Ermelinda Marta Pereira Ribeiro.

Os objetivos da associação são:

- Elaborar e desenvolver projetos de interesse comunitário com a participação dos associados e moradores;
- Capacitar permanentemente os associados, jovens e mulheres residentes na comunidade;
- Prestar assistência social às famílias, organizações e grupos de interesse local;
- Promover a defesa e conservação do meio ambiente de forma sustentável visando o combate à pobreza;
- Diligenciar o empreendedorismo local;
- Promover o desporto, lazer e desenvolvimento de atividades culturais;
- Promover os valores como a ética, a paz e a cidadania.

### **5.3 Síntese do capítulo**

O presente capítulo expõe um enquadramento da localidade para onde foi pensado o projeto em estudo, iniciando pela descrição do país, Cabo Verde, e terminando no bairro do Fonton. As condições habitacionais deste bairro são muito fragilizadas e os problemas sociais bastante visíveis. O centro que está implementado no bairro, apresenta um impacto muito significativo junto da comunidade. No entanto, e apesar de apresentar objetivos e metas muito concretas, continua ainda debilitado por falta de meios. No capítulo seguinte serão analisados e interpretados os resultados dos inquéritos por entrevista e por questionário.

## Capítulo VI- Análise e interpretação dos resultados

### 6.1. O voluntariado universitário na realização de projetos sociais

Para o desenvolvimento do projeto será necessária uma equipa com valências nas áreas da informática, contabilidade, gestão, direito, comunicação, design e educação. Na tabela seguinte estão identificadas as áreas de formação dos inquiridos.

Tabela n.º 6- Áreas de formação dos inquiridos

Áreas da formação académica	
Sexo masculino	Engenharia Biomédica
	Gestão industrial
	Engenharia de Polímeros
	Engenharia Mecânica
	Ciências
Sexo feminino	Informática
	Design
	Marketing
	Saúde
	Línguas
	Comunicação
	Contabilidade
	Gestão
	Direito
	Turismo
	Educação
	Engenharia Têxtil
	Engenharia Mecânica
	Ciências ambientais
	Filosofia
Optometria	

Fonte: elaboração própria

#### 6.1.1 Seleção da equipa

Deste modo, e após a análise criteriosa dos resultados foram selecionadas 13 universitárias com base nas experiências de voluntariado e no curso que frequentam. Antes da constituição formal da equipa, *Intellectual Bridge*, foram questionados o interesse e a disponibilidade em fazer parte da mesma. Esta é composta, maioritariamente, por estudantes da Universidade do Minho e está organizada em oito departamentos. A tabela seguinte evidencia as áreas de formação dos membros que compõem a equipa referida.

Tabela n.º 7- Organização administrativa e áreas de formação da equipa *Intellectual Bridge*

<b>Organização administrativa e áreas de formação da equipa <i>Intellectual Bridge</i></b>	
<b>Coordenação do Projeto</b>	Mestrado em Economia Social, Universidade do Minho
<b>Departamento de Gestão</b>	Mestrado Integrado em Engenharia Têxtil, Universidade do Minho
	Mestrado Integrado em Engenharia e Gestão de Sistemas de Informação, Universidade do Minho
	Mestrado Integrado em Engenharia Biomédica, Universidade do Minho
<b>Departamento de Informática</b>	Mestrado Integrado em Engenharia de Telecomunicações e Informática, Universidade do Minho
	Licenciatura em Ciências da Computação, Universidade do Minho
	Mestrado Integrado em Engenharia Mecânica, Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto
<b>Departamento de Educação</b>	Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Universidade do Minho
	Licenciatura em Línguas Aplicadas, Universidade do Minho
<b>Departamento de Comunicação</b>	Mestrado Integrado em Medicina, Universidade do Minho
	Licenciatura em Gestão de Atividades Turísticas, Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
<b>Departamento de Marketing</b>	Mestrado em Marketing, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa
<b>Departamento de Contabilidade</b>	Licenciatura em Finanças, Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
<b>Departamento de Direito</b>	Mestrado em Direito da Família, Crianças e Sucessões, Universidade do Minho

Fonte: elaboração própria

As voluntárias ajudarão na formalização do projeto, na angariação de fundos e bens materiais, necessários à melhoria do espaço físico do CIC. A equipa acima referida foi criada formalmente em novembro de 2018, e desde então, todos os elementos têm vindo a trabalhar no sentido de desenvolver e promover iniciativas para arrecadação de verbas. Ao longo deste período foram realizadas várias reuniões via Skype e uma presencial, sendo sempre estabelecido um contacto, entre a Associação Comunitária de Fonton e a equipa *Intellectual Bridge*. Na reunião do dia 4 de dezembro de 2018 ficaram definidos o nome do projeto, *Surisu na Rôstu*, escrito na língua materna

de Cabo Verde, o crioulo cabo-verdiano, e que significa sorriso no rosto, o nome da equipa, *Intellectual Bridge* e a aprovação do logótipo do projeto, desenhado por um dos voluntários da Associação Comunitária de Fonton.

Em dezembro de 2018 angariaram-se verbas num evento promovido pela Casa do Professor, denominado *A surpreendente fábrica de chocolate*, em Matosinhos (vide em anexo XIII). Entre dezembro de 2018 e fevereiro de 2019 foram vendidas cerca de 1000 rifas, cujos prémios e impressão, foram doados por pessoas, que entenderam o projeto e quiseram, generosamente, contribuir para o mesmo. O projeto foi divulgado na rádio Matosinhos online, no site do *Harambee África Portugal* (vide em anexos XVI e XVII) e foi exposto à Associação Académica da Universidade do Minho, aos alunos do 1º ano de Economia da Universidade do Minho, a um docente da Universidade Católica de Braga e a um dos membros da Associação Lions.

O voluntariado universitário apresenta um impacto significativo junto da comunidade estudantil, sendo muitas vezes, o primeiro contacto que os estudantes têm com esta realidade, através de ações de voluntariado desenvolvidas pela própria universidade. Além disso, fomenta a coesão e a integração dos mesmos num ambiente novo e desconhecido, potenciando o interesse em ações sociais desenvolvidas fora da mesma.

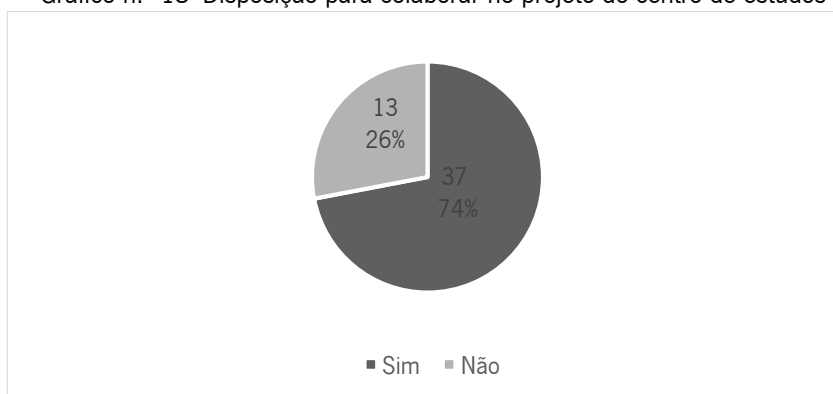
## 6.2. Análise do questionário

Os gráficos que se seguem dizem respeito à análise dos questionários.

### Dados gerais

Apenas prosseguiram o questionário, aqueles que responderam afirmativamente à primeira questão: estaria disposto (a) em colaborar no projeto acima mencionado? Dos 50 inquiridos, 37 responderam afirmativamente e 13 negativamente.

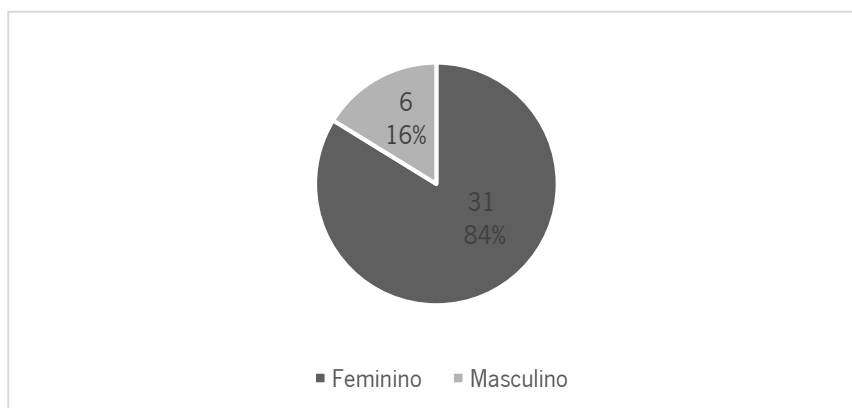
Gráfico n.º 18- Disposição para colaborar no projeto do centro de estudos



Fonte: elaboração própria

Destes, 6 eram do sexo masculino, correspondente a uma percentagem de 16% e 31 do sexo feminino, cuja percentagem corresponde a 84%.

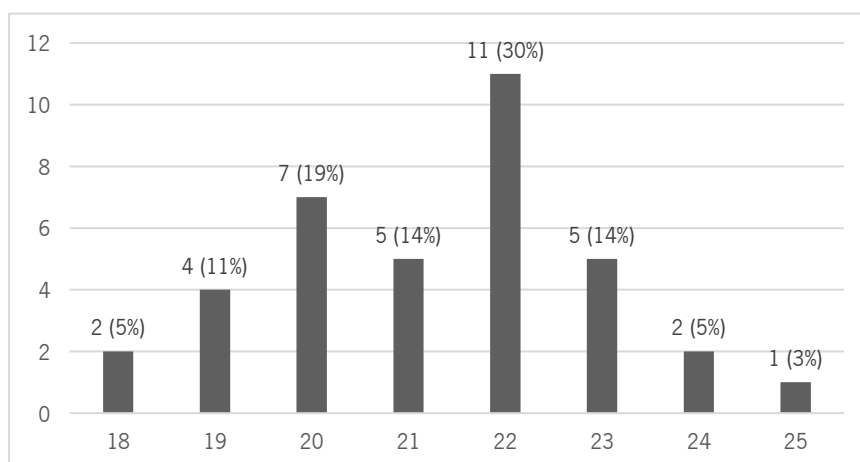
Gráfico n.º 19- Sexo



Fonte: elaboração própria

Em relação ao fator idade verificou-se que a mesma se compreendia entre os 18 e os 25 anos, fator que se explica pela aplicação do questionário apenas a jovens universitários.

Gráfico n.º 20- Idade

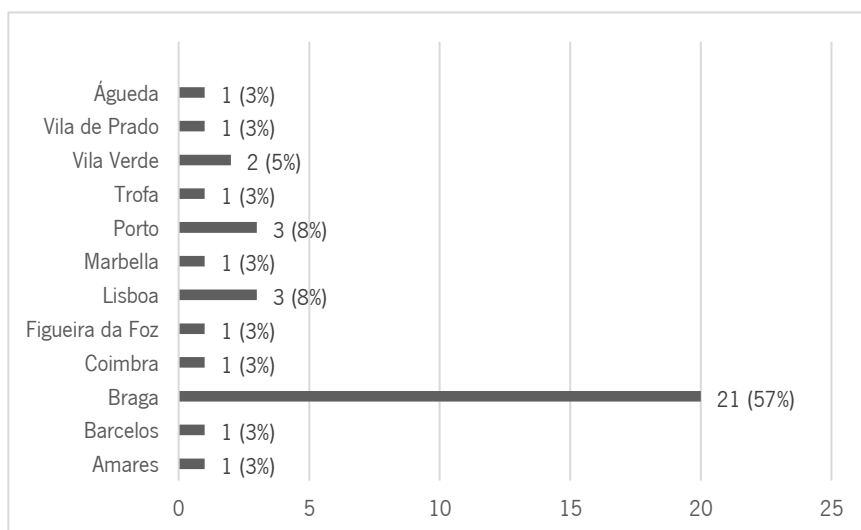


Fonte: elaboração própria

Quanto ao local de residência, através da análise do gráfico é possível verificar que grande parte dos estudantes reside em Braga (57%). Este valor, pode ter sido influenciado pela universidade onde grande parte dos inquiridos estuda, Universidade do Minho.



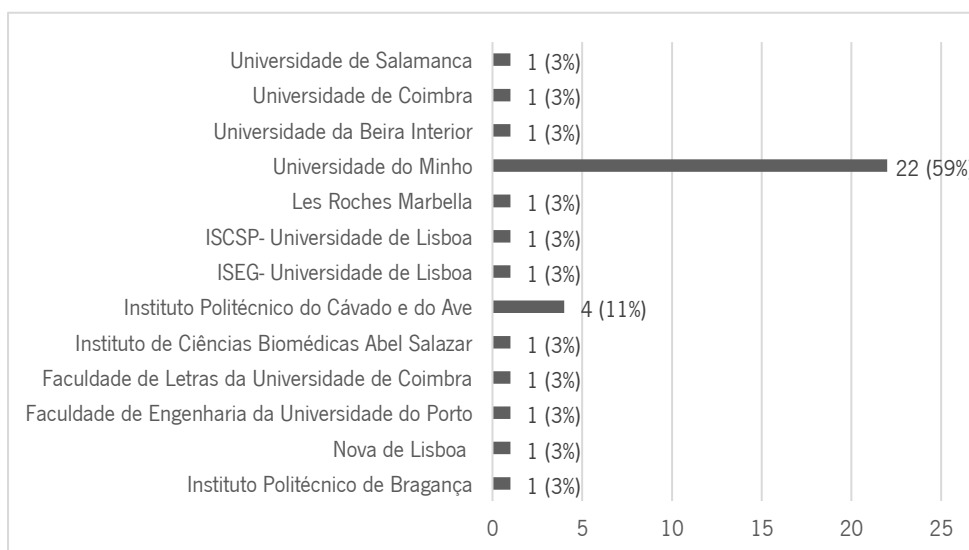
Gráfico n.º 21- Local de residência



Fonte: elaboração própria

A afirmação anterior é confirmada pela análise do gráfico seguinte, onde é possível verificar que 59% dos inquiridos estuda na Universidade do Minho. A Instituição de Ensino mais frequentada a seguir é o Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (11%).

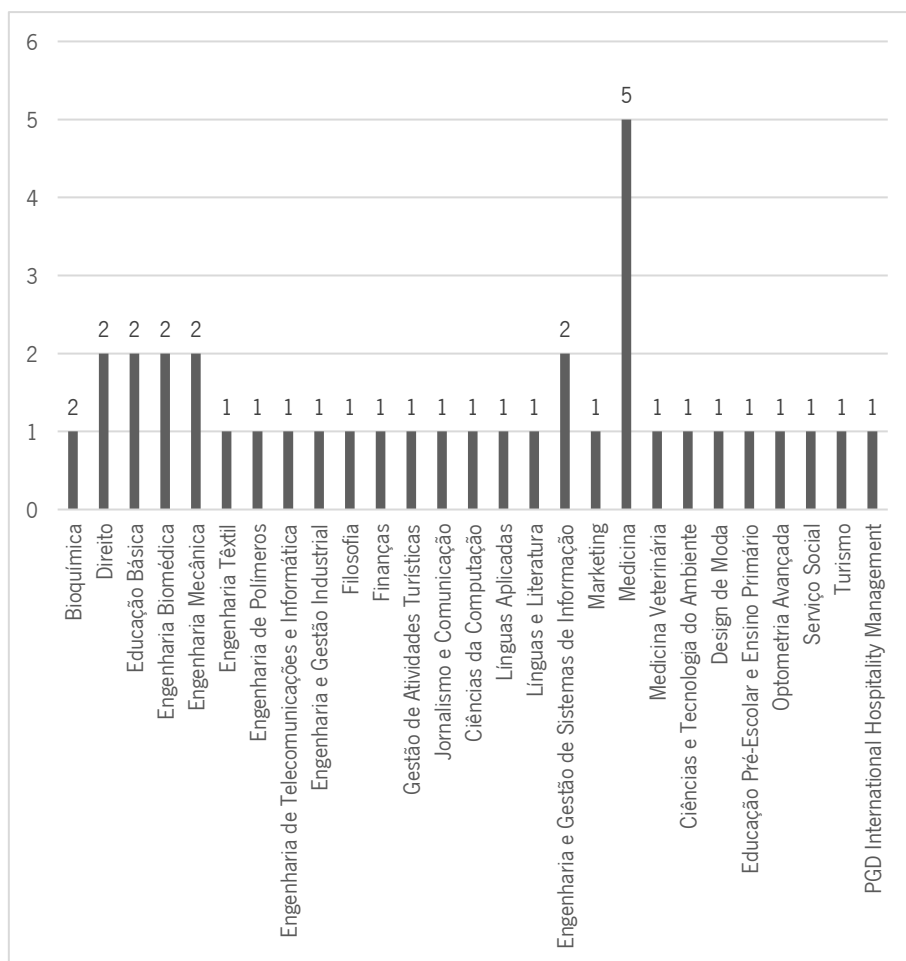
Gráfico n.º 22- Instituição de Ensino



Fonte: elaboração própria

Os cursos frequentados pelos 37 estudantes são muito distintos, abrangendo áreas como o direito, as ciências, as engenharias, a saúde, as línguas e o design.

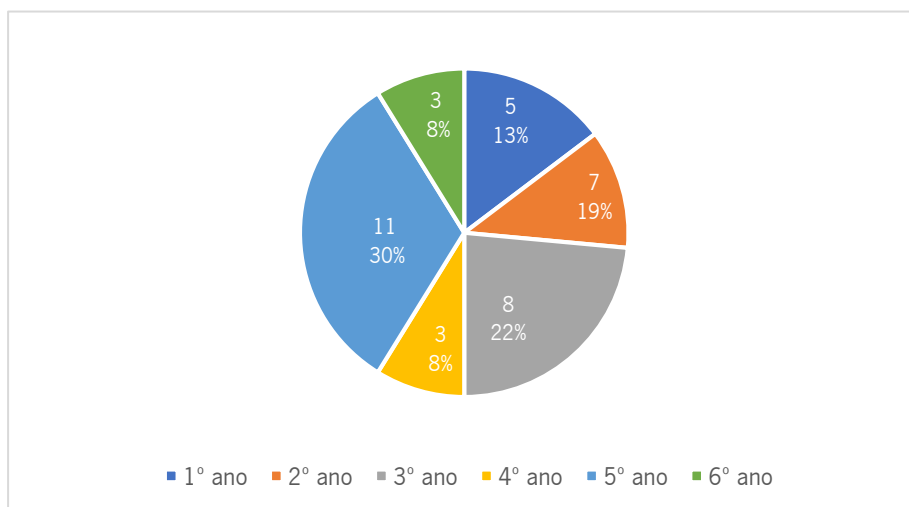
Gráfico n.º 23- Curso



Fonte: elaboração própria

Dos 37 estudantes inquiridos, 30% encontram-se no 5º ano, sendo este o que apresenta a maior taxa de resposta. Os anos menos frequentados são o 4º e o 6º (8%).

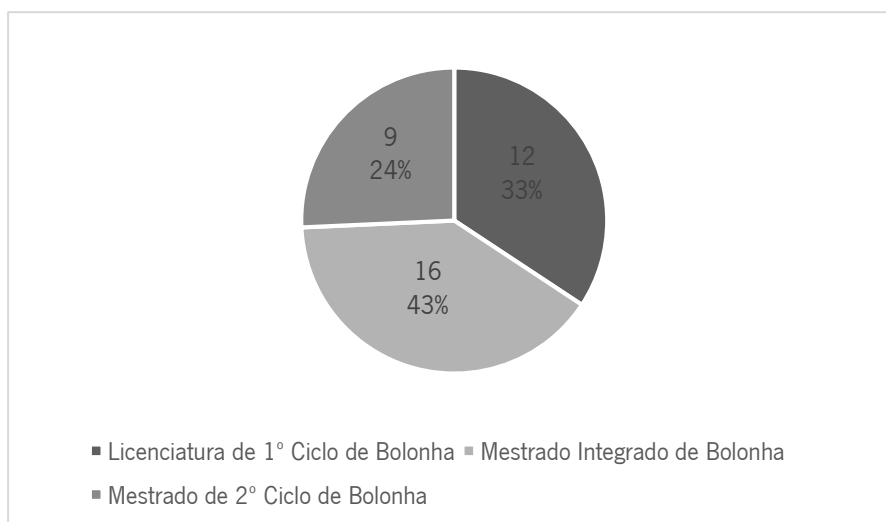
Gráfico n.º 24- Ano escolar



Fonte: elaboração própria

Relativamente ao grau académico, 43% dos estudantes frequentam o Mestrado Integrado de Bolonha, 33% a Licenciatura de 1º ciclo de Bolonha e 24% o Mestrado de 2º ciclo de Bolonha.

Gráfico n.º 25- Grau académico

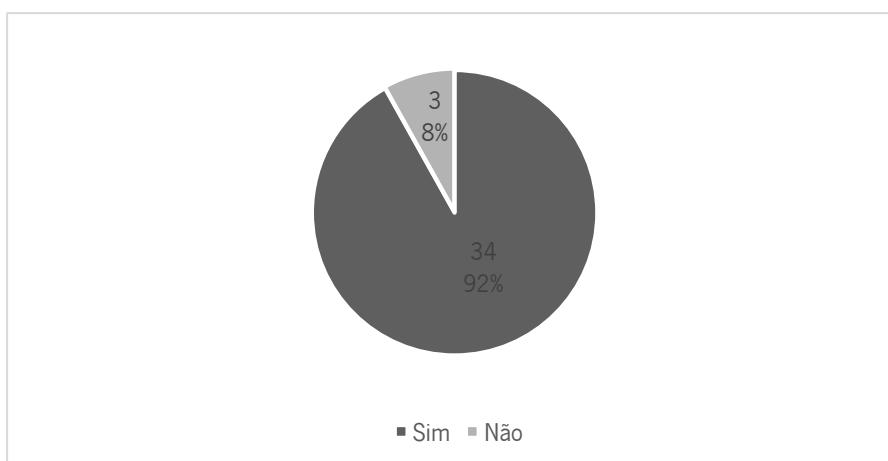


Fonte: elaboração própria

### Prática do voluntariado

Apenas 8% dos inquiridos nunca tinha realizado qualquer prática de voluntariado.

Gráfico n.º 26- Realização de atividades de voluntariado



Fonte: elaboração própria

Na tabela seguinte estão apresentadas as atividades de voluntariado praticadas pelos estudantes. Através da análise das mesmas é possível verificar, que estas se enquadram nos tipos de voluntariado descritos por Carson (2000), o voluntariado formal e o voluntariado informal. Algumas das atividades foram desenvolvidas em associações ou grupos organizados, enquanto outras foram realizadas fora deste contexto.

Tabela n.º 8- Atividades de voluntariado desenvolvidas

Participação no Projeto Universitário Cabo Verde

Banco alimentar contra a fome (armazém e hipermercados)

Animação em lares de idosos

Muxagata: atividades lúdicas com crianças, elaboração de um jornal da aldeia

Voluntariado no Centro Terapêutico SalusLive: Atividades lúdicas com crianças

Voluntariado "Férias Fantásticas" da Câmara Municipal de Braga: Atividades lúdicas

ADAV: Atendimento a mães/famílias carenciadas e entrega de bens alimentares e roupa

Refood Coimbra: Recolha de excedentes alimentares

Associação J+: Roteiro aos sem-abrigo

Campo de trabalho em Leiria: Atividades com crianças

Apoio a alunos de um bairro carenciado

Atividades com crianças órfãs

Visita a idosos que vivem sozinhos

Formação de crianças e jovens

Voluntariado na Associação de animais de Águeda

CASA: distribuição de refeições a sem-abrigos

Voluntariado no lar da juventude D.Pedro V

Voluntariado com crianças e jovens no clube Colina

Voluntariado no centro de deficientes profundos em Braga e em Viseu

Participação na semana Missionária em Almargem do Bispo: atividades com crianças, idosos e jovens

Operação Nariz Vermelho

Conferência internacional de energia-ECOS 18

Voluntariado no Hospital de Braga

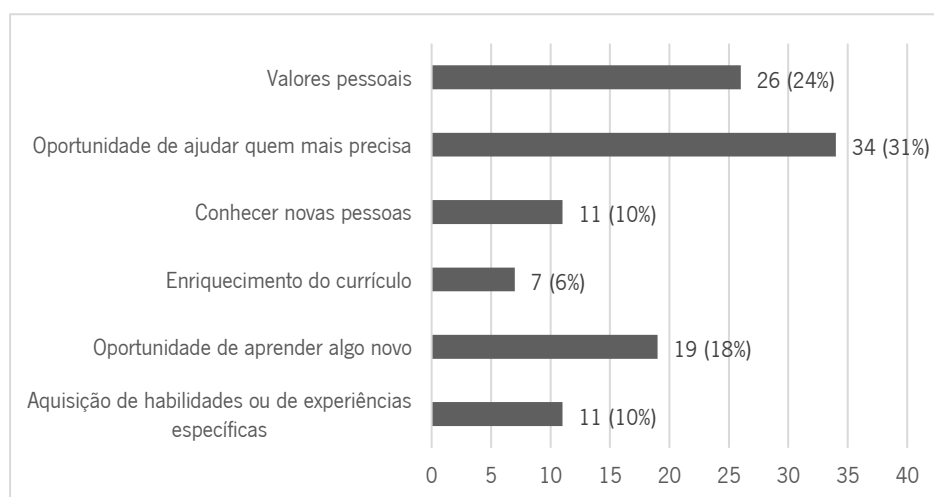
Voluntariado num Campo de férias

Apoio ao estudo a adolescentes

Fonte: elaboração própria

De entre os fatores motivacionais para a prática do voluntariado, os sentimentos altruístas são os que mais prevalecem, no entanto, motivos opostos são igualmente referidos como importantes no desempenho destas atividades. As conclusões retiradas vão de encontro ao estudo realizado por Holdsworth (2010), na *Keele University*. Este autor concluiu, que algumas das motivações que levavam os estudantes a realizarem voluntariado foram a aquisição de habilidades ou experiências específicas, oportunidade de aprender algo novo, enriquecimento do currículo e conhecimento de novas pessoas. A maioria destes estudantes referiu também, o impacto que o mesmo tem em si e nas suas crenças. O mesmo acontece com os 37 estudantes inquiridos, que refeririam os valores pessoais como uma das principais motivações.

Gráfico n.º 27- Motivações para ações de voluntariado

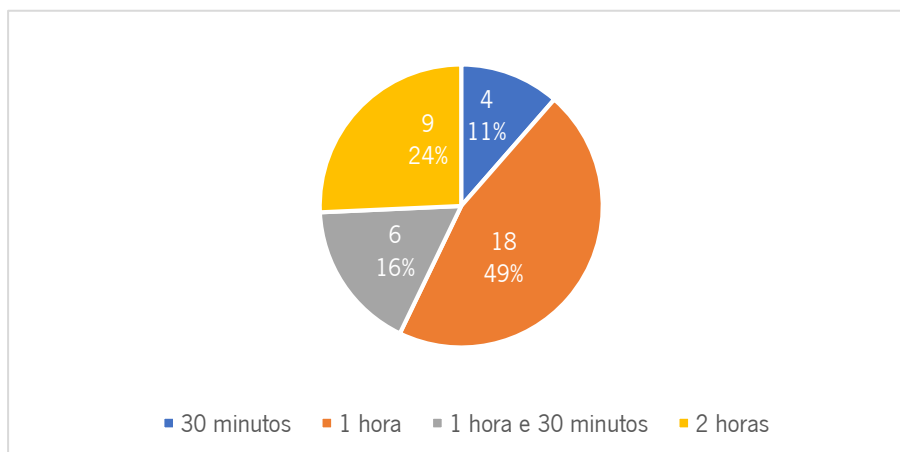


Fonte: elaboração própria

### **Envolvimento no apoio à elaboração da candidatura do projeto *Surisu na Rôstu***

O tempo e o voluntariado são conceitos indissociáveis, uma vez que, não é possível exercer esta prática se não existir disponibilidade para a mesma. Dos inquiridos, 49% estavam dispostos a dedicar uma hora ao projeto, 24% duas horas, 16% uma hora e meia e 11% trinta minutos, semanalmente.

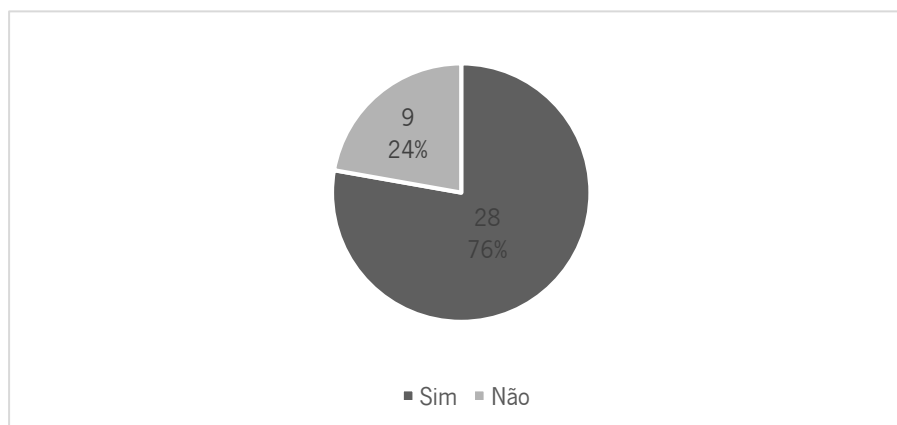
Gráfico n.º 28- Tempo disponível para dedicar ao projeto semanalmente



Fonte: elaboração própria

Como em qualquer equipa, as reuniões apresentam um cariz essencial. Sendo a equipa formada por pessoas de diferentes cidades, as reuniões teriam que ser realizadas através de videoconferências. Com a análise do gráfico seguinte é possível concluir, que apenas 9 pessoas não teriam possibilidade, nem facilidade em assistir às mesmas, através deste meio.

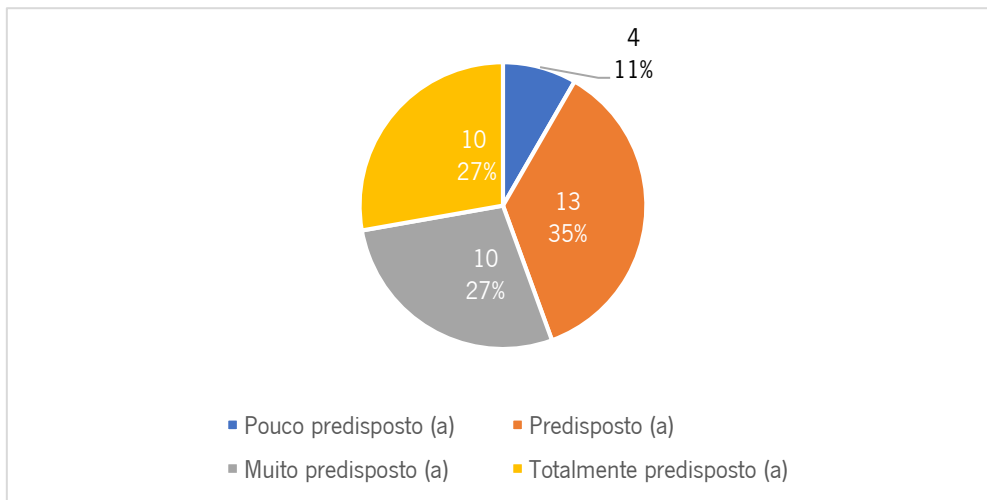
Gráfico n.º 29- Possibilidade e facilidade em assistir às reuniões através de videoconferência



Fonte: elaboração própria

Apesar do voluntariado se distinguir do trabalho profissional, este não deve ser descurado, sendo por isso importante o profissionalismo em todas as suas vertentes. Para um trabalho feito com rigor e bem estruturado, colocou-se a possibilidade de cada inquirido assistir a uma pequena formação nesta área. 62% dos estudantes mostrou-se bastante predisposto em recebê-la e apenas 11% responderam que estavam pouco predispostos.

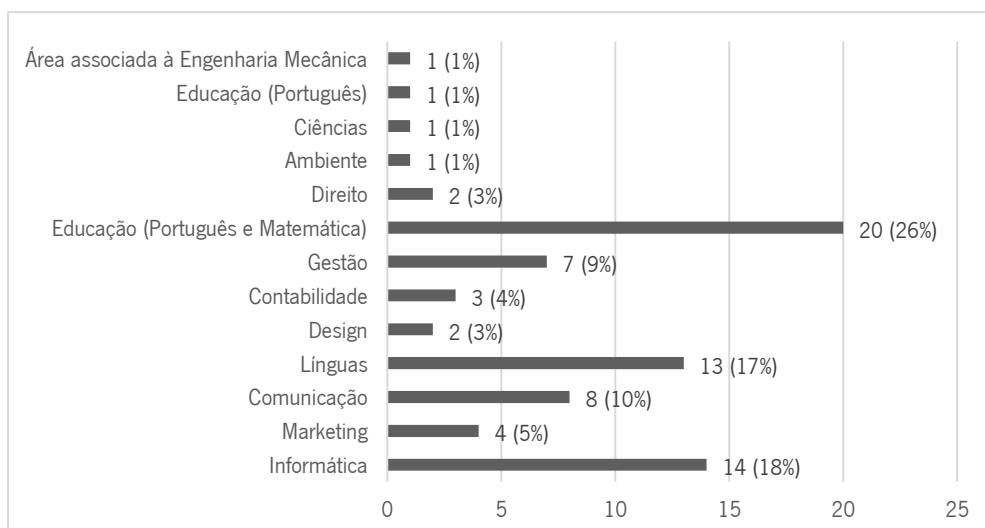
Gráfico n.º 30- Disponibilidade e interesse em participar num programa de formação de voluntariado e empreendedorismo social, com a duração de 15 minutos semanais, via Internet



Fonte: elaboração própria

Para o desenvolvimento do projeto, e como já foi referido, são necessárias várias valências. O gráfico seguinte exhibe aquelas que se apresentam como uma mais valia para o mesmo. A área com a maior taxa de resposta é a área da Educação a Português e a Matemática (26%), seguindo-se a Informática (18%), as Línguas (17%), a Comunicação (10%), a Gestão (9%) o Marketing (5%), a Contabilidade (4%), o Design e o Direito (3%) e por fim as Ciências, o Ambiente, a Educação a Português e uma área associada à Engenharia Mecânica (1%).

Gráfico n.º 31- Áreas envolvidas no desenvolvimento do projeto



Fonte: elaboração própria

### 6.3 Análise das entrevistas

Como mencionado, as três entrevistas que dizem respeito ao bairro do Fonton (presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton, docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu e assistente social do bairro) comportam três questões comuns, que são a base para a análise do impacto e importância de um centro de estudos no bairro, começando por perceber os principais entraves ao desenvolvimento escolar das crianças, os benefícios da implementação do projeto em estudo no bairro referido anteriormente, e a existência de mão-de-obra local qualificada para levar avante o mesmo. O presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton sublinham a necessidade de afetar 1 docente por 1 ano e 1 contabilista durante 6 meses, ao projeto *Surisu na Rôstu*.

Soares e Andrade (2006) afirmam que a família, as estruturas da sociedade e a escola onde os alunos estudam, são fatores que têm um grande impacto no desenvolvimento cognitivo dos mesmos. Na tabela seguinte, encontram-se mencionados os principais entraves do progresso do aproveitamento escolar, que englobam também os fatores mencionados pelos autores referidos.

Tabela n.º 9- Principais entraves do progresso do aproveitamento escolar

---

Alcoolismo no bairro

---

Droga no bairro

---

Desemprego dos pais/tutores

---

Falta de habilitações dos pais e encarregados de educação

---

Falta de orientação e de acompanhamento em casa

---

Baixo rendimento familiar

---

Trabalho precoce

---

Falta de estudo, de materiais escolares e de acesso à Internet para pesquisas

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos nas entrevistas

E “porque a educação é um dos fatores centrais da transformação social, investir no setor é condição fundamental do desenvolvimento humano (Tolentino, 2006:238).” O trabalho e o investimento no projeto em estudo trarão muitos benefícios para a população local, potenciando-a no sentido de se tornar a principal responsável pelo desenvolvimento local.



Tabela n.º 10- Benefícios da criação de um centro de estudos no bairro do Fonton

---

Ocupação do tempo livre das crianças

---

Orientação e aconselhamento das crianças

---

Acompanhamento especializado e de qualidade

---

Aumento da autoestima das crianças

---

Melhoria do aproveitamento escolar

---

Desenvolvimento intelectual das crianças

---

Desenvolvimento da comunidade

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos nas entrevistas

A dependência de algumas localidades de Cabo Verde face ao exterior, continua a ser um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento local. Para Tolentino (2006), é mais grave a dependência em recursos intelectuais e organizacionais. No projeto a ser desenvolvido, este é um dos aspetos que se pretende colmatar, capacitando a população local, para que se tornem autónomos e autossuficientes. Todos os entrevistados asseguram que no bairro há vários professores e universitários, com capacidades para promover o desenvolvimento dos alunos da comunidade, de modo a apoiá-los nas suas dificuldades de aprendizagem, e por isso, serão eles mesmos os responsáveis pelo acompanhamento das crianças que frequentarão o centro de estudos.

### 6.3.1 Envolvimento dos membros da direção da Associação Comunitária de Fonton, no projeto preliminar do centro de estudos

De modo a dar resposta aos objetivos previamente estabelecidos foram realizadas duas entrevistas a dois dos membros que compõem a direção da ACF, David Moreno, presidente e João Baptista, tesoureiro (vide em anexos VIII e IX). O guião da entrevista é composto por dez questões, que visam analisar a receptividade e o compromisso em relação ao acolhimento e continuidade do projeto, bem como a necessidade e o impacto do mesmo, no bairro onde será implementado. Como afirma Tolentino (2006) é necessário compreender para agir e agir para compreender, por isso o respeito e o conhecimento da realidade e da cultura são essenciais para o desenvolvimento deste projeto. O impacto que o CIC apresenta junto da população local é extremamente notório, operando como uma ponte, entre as necessidades existentes e os serviços/bens disponíveis, que visam amenizar ou colmatar as mesmas.

É reconhecido na comunidade e na cidade como um espaço de oportunidade, mediante o desenvolvimento de ações coletivamente assumidas e pretende combater o ciclo vicioso da pobreza, ressaltando que as crianças são as principais vítimas da mesma, como é possível verificar na tabela n.º 11.

Tabela n.º 11- Importância do CIC no bairro do Fonton

---

Satisfação das necessidades das crianças que ocupam a maior parte do tempo livre na rua

---

Prestação de auxílio às mulheres na sua capacitação profissional com formações, por exemplo, na área do empreendedorismo

---

Mentalização dos jovens para o seu papel no desenvolvimento da comunidade

---

Auxílio na educação dos filhos

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos nas entrevistas

No entanto, e devido à falta de algumas condições, David afirma que o CIC não tem estado a conseguir cumprir com todos os seus objetivos. De momento, cumpre apenas cerca de 70% dos mesmos, em que 10 % são nas zonas periféricas, Casa Lata, Fundo Kobon e Tira Chapéu, trabalhando unicamente com 156 crianças e 39 famílias.

Como afirma Tolentino (2006), Cabo Verde continua, por falta de recursos físicos muito dependente do exterior. As instalações do CIC são precárias, existindo apenas duas salas com capacidades para 20 e 15 crianças.

Na tabela n.º 12 é possível verificar os equipamentos eletrónicos que o centro dispõe, e que dão suporte a toda a gestão e atividades desenvolvidas.

Tabela n.º 12- Equipamentos eletrónicos do CIC

---

Existência de 15 computadores atualizados

---

Velocidade da Internet lenta e com muitas falhas

---

Ausência de impressoras, máquina fotográfica e aparelhos de som

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos das entrevistas

### 6.3.2 A perceção de uma professora e de uma assistente social do bairro do Fonton

Todo o projeto deve ter na sua génese o conhecimento do local, bem como daqueles que beneficiarão com a implementação do mesmo. Com vista à obtenção de informação mais

detalhada sobre o aproveitamento escolar de alguns dos alunos do bairro do Fonton, foram elaboradas uma entrevista a uma docente do ensino básico da Escola Capelinha de Tira Chapéu e a uma assistente social, ambas residentes no bairro (vide em anexos X e XI).

Os guiões são muitos semelhantes sendo um constituído por sete questões (docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu) e outro por cinco questões (assistente social), ambos com o objetivo de compreender a perceção das mesmas, em relação ao ensino e aos meios de apoio existentes no bairro, bem como conhecer parte do público-alvo deste projeto.

A escola Capelinha de Tira Chapéu é frequentada por 705 alunos do 1º ao 6º ano de escolaridade. Destes, 58 residem no bairro do Fonton, e de acordo com a entrevistada, os alunos que apresentam maiores dificuldades frequentam o 2º, 4º e 6º ano de escolaridade. Nos últimos três anos, a taxa de insucesso escolar dos alunos do ensino básico da Escola Capelinha de Tira Chapéu variou entre 20 e 25%, sendo a Língua Portuguesa e a Matemática as disciplinas onde os alunos apresentam maiores dificuldades.

Soares e Andrade (2006) afirmam que a escola pouca diferença faz no desempenho cognitivo dos alunos, se as condições sociais da sua família e as práticas culturais da mesma, não contribuírem para o seu progresso. Ineida aponta outros meios, indispensáveis no combate aos problemas e carências do bairro, nomeadamente para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Tabela n.º 13- Meios necessários para o desenvolvimento das crianças e do bairro

---

Atendimento e acompanhamento periódicos

---

Organização de atividades lúdicas que envolvam toda a comunidade

---

Formações nas áreas da cidadania, empreendedorismo, etc.

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

### 6.3.3 O *Harambee* em projetos sociais

O *Harambee* foi lançado informalmente em 2002, por iniciativa da comissão organizadora da canonização de São Josemaria Escrivá (1902-1975), fundador do Opus Dei. Nessa cerimónia foi dada a possibilidade aos participantes de contribuírem com um mínimo de cinco euros, destinados ao financiamento de programas de educação em África. Os fundos reunidos nessa altura foram aplicados em 24 projetos na África subsaariana, ao longo dos anos de 2003 a 2005. Em 2008, foi constituída a *Harambee África International*, associação sem fins lucrativos sediada em Roma,

que coordena os diversos comités nacionais *Harambee*. Os polos operam de forma independente na angariação de fundos e na difusão da realidade africana. Uma vez por ano, os representantes dos diversos polos reúnem-se em Roma para selecionar os projetos a apoiar no ano seguinte. Em 2009, nasceu o polo *Harambee* Portugal e em 2012 foi formalmente constituída a *Associação Harambee África Portugal* (HAP)<sup>13</sup>.

Em suma, o *Harambee* é uma Instituição Internacional que atua nas áreas da educação e da saúde. Tem como missão ajudar África a ajudar-se, reunindo fundos que apoiem os africanos a construírem o seu próprio futuro, e comunicar África, criando e difundindo um olhar positivo sobre estes países.

O objetivo desta Instituição é apoiar e capacitar jovens e adultos, orientando-os para desempenhos profissionais independentes. O *Harambee* financia em 90% os projetos selecionados, sendo que os restantes 10%, devem ser conseguidos junto da população local, que favorecerá com o mesmo.

Todos as candidaturas dos projetos são submetidas pela associação africana, beneficiária do mesmo. No primeiro ano de submissão de uma candidatura ao *Harambee*, os projetos não podem ultrapassar o orçamento de 20 000 euros, teto máximo estabelecido por esta Instituição.

A recolha dos fundos para financiamento é conseguida junto de pessoas capazes de compreender o efeito multiplicador dos seus contributos. Mais do que recorrer a subsídios institucionais, o *Harambee* pretende estabelecer uma ligação entre quem dá e quem recebe. Esta Instituição pretende também dar a conhecer África subsaariana para além dos estereótipos da fome, da guerra ou da corrupção, mostrando a vida normal e as ambições dos africanos, que querem melhorar o seu país, dando um futuro melhor aos seus filhos.

Com o objetivo de compreender a complexidade da elaboração de candidaturas de apoio social africano, a serem submetidas ao *Harambee África Portugal*, foi realizada uma entrevista a Emanuela Bonavolta que acompanhou e impulsionou a submissão de uma candidatura de um projeto de Artesanato em Tete, Moçambique (vide em anexo XII). Este projeto teve início em julho de 2018 e está a ser acompanhado pela associação italiana, *Dignity Non Profit People*, até julho de 2019. Começou com 4 ateliers, um de cozinha, um de costura, um de carpintaria e outro de desenho e pintura, levado a cabo por um grupo de formadores moçambicanos.

---

<sup>13</sup> <https://harambee-portugal.org/harambee/historia/>

O guião da entrevista é composto por onze questões, que visam analisar o processo de elaboração de projetos sociais, bem como os principais entraves à implementação dos mesmos.

Como forma de sintetizar o conteúdo da entrevista foi elaborada a seguinte “nuvem de palavras”, criada a partir do *Wordcloud generator online*, que o ilustra de uma forma simples e prática. De acordo com Lam (2010), esta pode ser definida como uma visualização especial de texto, que mostra a frequência com que as palavras aparecem num determinado contexto.



Figura n.º 5- Nuvem de palavras

Fonte: elaboração própria com base nos dados da entrevista

Para Queiroz e Gonçalves (2011), os projetos sociais sempre existiram, com diferentes objetivos e formatos. A sua gestão deve ser feita de forma íntegra e com conhecimento *in loco*, uma vez que, e como afirmam os autores acima citados, “os projetos sociais afetam a realidade, alterando cenários, interferindo em diversas esferas, muitas vezes despertando sentimentos como sonhos e esperanças” (Queiroz e Gonçalves, 2011:437).

A sua conceção não é simples e requer um trabalho prévio muito bem executado. As díspares realidades entre Portugal e Moçambique exigiram um trabalho profundo de conhecimento da realidade local, de modo a que o projeto colmatasse as principais necessidades e carências da população. Nas tabelas nº 14 e nº 15 é possível verificar, respetivamente, o início do projeto, bem como os principais problemas sociais que levaram à edificação do mesmo.

Tabela n.º 14- Início do projeto

---

12 anos atrás

---

Criação de um centro de acolhimento e formação de crianças órfãs, sobretudo raparigas

---

Formação das pessoas locais

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

Quando algumas destas raparigas atingiram a idade adulta (18 anos), tornaram-se no grupo de jovens formadoras.

Tabela n.º 15- Problemas sociais das raparigas em Tete

---

Abandono escolar

---

Trabalho precoce no mercado ou no campo

---

Casamentos prematuros

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

As etapas de construção de um projeto social devem ser criteriosas e bem estruturadas, tendo em conta o meio envolvente, a cultura e tradições e a situação económica, profissional e social da população. Na tabela n.º 16, encontram-se descritas as etapas da criação do projeto em questão.

Tabela n.º 16- Etapas da criação do projeto

---

Constituição de uma associação em Roma, *Dignity Non Profit People*

---

Constituição da associação moçambicana, *Dignity Moçambique*

---

Promoção do projeto

---

Angariação de fundos

---

Recrutamento de sócios

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

Um dos principais objetivos do *Harambee* é promover a autonomia local, sendo este um dos pontos centrais que a *Dignity Non Profit People* diligencia. Emanuela refere que, algumas vezes, a submissão de candidaturas ao *Harambee* é dificultada pela mentalidade local, aliada a outras questões que se apresentam na tabela 17, e que geram inúmeras complicações na implementação do projeto.

Tabela n.º 17- Principais dificuldades na implementação do projeto

---

Inveja

---

Falta de entendimento acerca da importância do trabalho em equipa

---

Superstições

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

Uma vez que muitas comunidades africanas estão habituadas a receber os bens e não a caminhar pelos próprios meios, a questão da autonomia e do desenvolvimento local devem ser, previamente, explicadas, incutidas e formalizadas. No caso do projeto de Artesanato, antes da criação do mesmo, foi necessário formar as pessoas, para que estas entendessem a importância do compromisso e da independência face ao exterior. A figura n.º 6 representa a evolução deste projeto, bem como os meios de acompanhamento do mesmo.

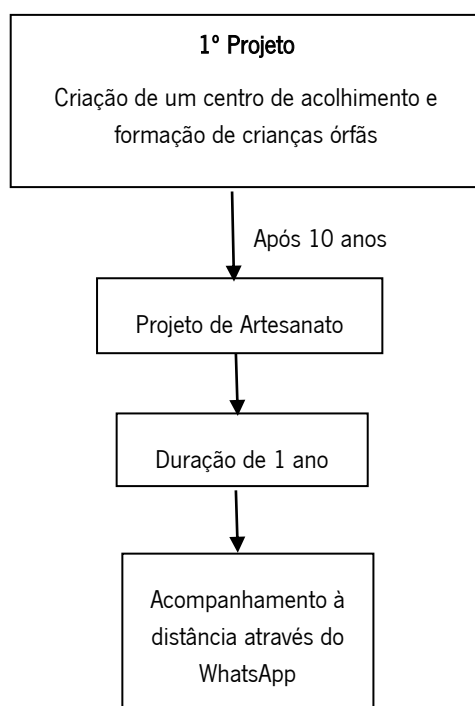


Figura n.º 6- Evolução do projeto em Tete e meios de acompanhamento

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

Neste momento, a gestão do projeto é feita a nível local pelos formadores e sócios da associação moçambicana. Para a concretização e implementação do mesmo, foi necessário promover e divulgar o projeto, de modo a arrecadar o maior número de apoios monetários. Neste campo, as parcerias apresentam-se como um fator imprescindível para o progresso e desenvolvimento do

mesmo. No entanto, Emanuela afirma que “as parcerias são mais na Itália, na Europa. Em Moçambique não temos parcerias porque para isso era necessário ter uma mentalidade diferente.” Os meios de divulgação do projeto encontram-se sintetizados na tabela 18.

Tabela n.º 18- Promoção do projeto

Sensibilização de pessoas conhecidas

Iniciativas

Apresentação do projeto junto com *Harambee*

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

É esperado que decorrido um ano, o projeto seja capaz de seguir pelos seus próprios meios, alcançando-se deste modo, a autonomia local. Este passo é conseguido através das formações e do acompanhamento. Libório (2015) acrescenta que é a partir dos conhecimentos e dos ensinamentos que lhes são transmitidos, e das aprendizagens que são efetuadas pelos locais, que conseguem com o passar do tempo tornar-se mais autónomos e autossuficientes com os seus recursos. Na figura n.º 7, é possível verificar os meios utilizados para se alcançar a autonomia.

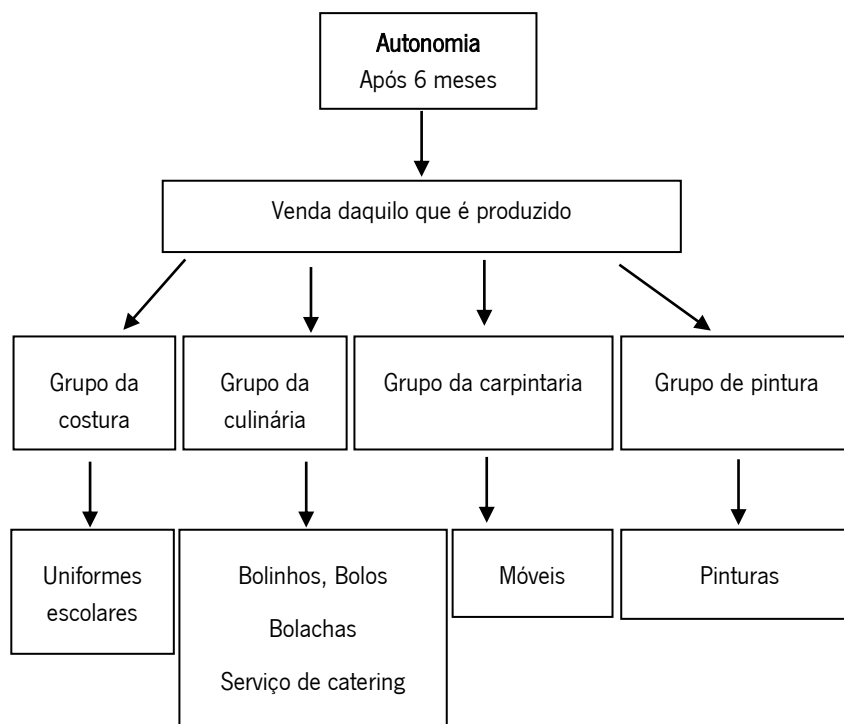


Figura n.º 7- Meios utilizados para se alcançar a autonomia

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

Como referido, um dos propósitos do *Harambee* é fomentar a autonomia local e por isso, 10% do valor total do financiamento do projeto deve ser conseguido pela população local, que



beneficiará com a implementação do mesmo. Neste projeto, Emanuela garante que os 10% foram conseguidos na totalidade pela associação local, através de vários meios que se encontram representados na tabela 19.

Tabela n.º 19- Formas de angariação dos 10%

---

Doações à associação italiana

---

Venda de uniformes para a escola e vestidos

---

Venda de móveis, mesas e cadeiras

---

Venda de bolos e biscoitos

---

Fonte: elaboração própria com base nos dados recolhidos na entrevista

#### **6.4 Síntese do capítulo**

O presente capítulo apresentou como objetivos selecionar a equipa que apoiará o desenvolvimento do projeto, estudar a envolvência e a perceção de algumas pessoas locais acerca do mesmo e compreender o processo de elaboração e entraves neste tipo de projetos. Os estudantes que se mostraram interessados em colaborar, já tinham anteriormente, realizado ações de voluntariado, movidos por intenções maioritariamente altruístas. A análise das entrevistas ao David Moreno, João Baptista, Dr.<sup>a</sup> Helena Vieira e Dr.<sup>a</sup> Ineida Fernandes possibilitaram uma melhor compreensão acerca da realidade do bairro e dos problemas que nele existem, confirmando a importância da concretização deste projeto e contribuindo para a adaptação do mesmo às necessidades concretas. A entrevista à Dr.<sup>a</sup> Emanuela Bonavolta proporcionou um estudo e uma aprendizagem acerca da submissão de candidaturas ao *Harambee África Portugal*, bem como ao desenvolvimento de projetos sociais. O capítulo seguinte diz respeito à candidatura do projeto em estudo ao *Harambee África Portugal*.

## Capítulo VII- Candidatura do projeto em estudo ao *Harambee África Portugal*

Um dos objetivos da presente investigação é a sensibilização para o presidente da Associação Comunitária de Fonton, proceder à submissão de uma candidatura ao *Harambee África Portugal* do projeto intitulado *Surisu na Rôstu*, neste estudo delineado, no próximo mês de outubro com vista ao seu financiamento durante um ano.

Após o estudo e a análise da associação em questão, concluiu-se que este seria o caminho certo a percorrer. Os valores e ideais defendidos pela mesma são partilhados e descritos neste projeto. A autonomia local e o desenvolvimento da comunidade, são os dois fatores chave que se pretendem alcançar. Posto isto, o voluntariado surge como uma via para se conseguirem os objetivos propostos. Envolver os estudantes em ações sociais promove não só o desenvolvimento pessoal, enquanto cidadãos e membros de uma comunidade, mas também a oportunidade de serem aplicadas as valências e qualidades de cada um ao serviço dos outros.

### 7.1 Formulário em curso da candidatura a financiamento do Projeto *Surisu na Rôstu*

#### 1. Candidato (Associação Comunitária de Fonton)

Tabela n.º 20- Identidade da associação

Nome	Associação Comunitária de Fonton
Sigla	ACF
Estatuto jurídico*	Associação
Morada legal	Bairro do Fonton, Palmarejo, Cidade da Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde Código postal: 7600
Cidade	Cidade da Praia
País	Cabo Verde
Gestor do projeto	David César Tavares Moreno
Telefone	(238) 262 50 78
Telemóvel	(238) 975 52 14
E-mail	cicfonton.acf@gmail.com

Fonte: elaboração própria com base no formulário de candidatura ao *Harambee África Portugal*, informação facultada (anexo XX)

Tabela n.º 21- Dados bancários (dados confidenciais)

Nome da conta**	
Nome do banco	
Morada do banco	
Número de conta	
Código do banco	
SWIFT	
Nome(s) do (s) signatário(s)	Cargo que ocupam na organização

Fonte: formulário de candidatura ao *Harambee África Portugal*

\* Juntar comprovativo de constituição da instituição, estatutos e último extrato bancário.

\*\* Indicar o nome completo do candidato.

### 1.3 Experiência

Descrição pormenorizada dos projetos educativos levados a cabo pela organização nos últimos três anos.

Tabela n.º 22- 1º Projeto: Projeto Bem-estar Comunitário e Promoção de Qualidade de Vida (II), 2017

Título	Bem-estar Comunitário e Promoção de Qualidade de Vida (II)
Área geográfica dos beneficiários	Comunidade de Fonton, Cidade da Praia, Ilha de Santiago
Origem do financiamento	Ministério da Família e Inclusão Social
Valor total em euros	Dados confidenciais
Resultados alcançados	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. 15 famílias foram sensibilizadas, para a importância de uma alimentação correta e saudável;</li> <li>2. Capacitação das famílias no domínio da alimentação à base de vegetais nutritivos;</li> <li>3. Reforço das competências das famílias, para lhes permitir desenvolver atividades geradoras de rendimentos e ações que permitem o desenvolvimento local;</li> <li>4. Construção da consciência socioambiental, para a proteção do meio-ambiente e gestão consciente do lixo;</li> </ol>

Tabela n.º 22- 1º Projeto: Projeto Bem-estar Comunitário e Promoção de Qualidade de Vida (II), 2017 (continuação)

Resultados alcançados	<ol style="list-style-type: none"> <li>5. Consumo da planta Moringa, estimulada e reforçada, tirando proveito dos benefícios nutricionais e prevenção da desnutrição das famílias;</li> <li>6. Reforço das competências da associação local de base comunitária, como agente multiplicador dos efeitos do projeto para a comunidade, visando a autonomia socio-financeira das famílias, promovendo resiliência e reduzindo a dependência aos serviços sociais do estado.</li> </ol>
Papel no projeto (líder, parceiro)	<p>Rotary Clube Maria Pia</p> <p>Ministério da Família e Inclusão Social</p>

Fonte: elaboração própria com base nos documentos cedidos pelo presidente da ACF

Tabela n.º 23- 2º Projeto: Inclusão Digital na Comunidade: promovendo conhecimento sem fronteiras, 2017

Título	Inclusão Digital na Comunidade: promovendo conhecimento sem fronteiras
Área geográfica dos beneficiários	Comunidade de Fonton, Cidade da Praia, Ilha de Santiago
Origem do financiamento	Câmara Municipal da Praia, Aldeias Infantis SOS, Porto Editora, Elevogroup, Camões IP, Direção Geral de Inclusão Social
Valor total em euros	Dados confidenciais
Resultados alcançados	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conclusão das obras de construção e adaptação do Centro de Intervenção Comunitária do Fonton;</li> <li>2. Aquisição de material informático (4 microcomputadores, UPS, 4 antivírus para os PCs);</li> <li>3. Eletrificação do espaço;</li> <li>4. Conetividade do espaço;</li> <li>5. Formação nas TIC de 50 pessoas da comunidade (jovens e mulheres) no âmbito do Projeto Universitário Cabo Verde, realizado em 2017 e 2018;</li> <li>6. Formação dos estudantes finalistas da UniPiaget, em regime de estágio na comunidade.</li> </ol>
Papel no projeto (líder, parceiro)	<p>Rotary Clube Maria Pia</p> <p>Aldeias Infantis SOS</p>

Tabela n.º 23- 2º Projeto: Inclusão Digital na Comunidade: promovendo conhecimento sem fronteiras, 2017 (continuação)

Papel no projeto (líder, parceiro)	Elevogroup MTCV UNITEL T+ UniPiaget,
------------------------------------	---

Fonte: elaboração própria com base nos documentos cedidos pelo presidente da ACF

## 2. Resumo do projeto

O formulário do projeto, a ser submetido em outubro de 2019, encontra-se em curso, uma vez que o valor de financiamento a solicitar dependerá do montante arrecadado pela equipa *Intellectual Bridge*, ao longo do corrente ano.

O projeto *Surisu na Rôstu* surge da análise e do estudo de necessidade de resposta social, no bairro do Fonton. O mesmo foi apoiado por uma dissertação de Mestrado em Economia Social, na Universidade do Minho intitulada: “O voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano- um estudo de caso em Cabo Verde.” O projeto referido passa pela criação de um centro de estudos no bairro do Fonton, necessidade identificada pela população local. Este será implementado no Centro de Intervenção Comunitária (CIC), e levado a cabo pela associação local, Associação Comunitária de Fonton (ACF).

Para além da melhoria das instalações físicas deste centro, apoiando um maior número de alunos com atividades e formações disponibilizadas pelo mesmo, o projeto será organizado segundo a filosofia de um centro de estudos, onde os alunos do 1º ciclo do ensino básico (1º ao 4º ano de escolaridade) terão explicações a Língua Portuguesa e a Matemática.

## 3. Descrição do projeto

3.1 Título do projeto: *Surisu na Rôstu*

3.2 Localização: Cabo Verde, Ilha de Santiago, Cidade da Praia, Palmarejo, bairro do Fonton

3.3 Contexto do projeto (situação atual)

O bairro do Fonton situa-se no Vale do Palmarejo, junto à Achada de Santo António, na zona Sul do Concelho da Praia, Capital de Cabo Verde. É consequência do forte processo migratório que levou à ocupação desorganizada do solo e a construções clandestinas, sendo a localidade mais pobre de todo o Palmarejo, habitada por pessoas que vivem no limiar da pobreza.

Em 2013, este bairro era composto por 772 habitantes e 162 agregados familiares. Destes, 337 eram crianças e jovens, em que 222 viviam em agregados chefiados por mulheres e 115 em agregados chefiados por homens.

O nível de conforto das famílias é muito baixo e muitas vivem em situação de vulnerabilidade. A taxa de desemprego é elevada, principalmente junto da camada jovem. Grande parte das mulheres são domésticas e as atividades laborais que predominam são as vendas ambulantes e as atividades ligadas à construção civil. O número de estudantes entre as crianças e jovens é elevado, apesar de não existirem escolas no bairro. Os mesmos frequentam as escolas que se localizam nos bairros próximos (Palmarejo, Tira Chapéu e Achada de Santo António). No Fonton existe apenas um jardim de infância privado, mas com poucas condições.

Uma boa parte da comunidade não tem acesso à água canalizada, a ligação domiciliária é praticamente inexistente e o abastecimento é feito por chafarizes públicos. No total existem apenas dois. As casas não estão ligadas à rede de esgoto, a limpeza do bairro é muito deficitária e agravada pelos hábitos da população, no que diz respeito aos resíduos, agravando a drenagem da água pluvial.

3.4 Duração: 12 meses

3.5 Descrição dos beneficiários

Os beneficiários diretos deste projeto serão 60 crianças (30 rapazes e 30 raparigas dos 6 aos 10 anos de idade) de origem cabo-verdiana e residentes no bairro do Fonton. Beneficiarão indiretamente as restantes crianças do bairro que frequentam o CIC, bem como os agregados familiares das mesmas.

Tabela n.º 24- Beneficiários diretos do projeto

	Raparigas	Rapazes	Total
<b>1º ano (6/7 anos)</b>	6	7	13
<b>2º ano (7/8 anos)</b>	7	3	10
<b>3º ano (8/ 9 anos)</b>	9	5	14
<b>4º ano (9/10 anos)</b>	8	15	23

Fonte: elaboração própria com base nas entrevistas e nos documentos cedidos pelo presidente da ACF

### 3.6 Descrição do projeto

Os resultados da aplicação da entrevista ao presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton, a uma docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu e a uma assistente social do bairro, permitiram identificar um conjunto de benefícios, na criação de um centro de estudos para a população local, nomeadamente para as crianças que frequentam o centro, destacando:

- Ocupação do tempo livre das crianças;
- Orientação e aconselhamento das crianças;
- Acompanhamento especializado e de qualidade;
- Aumento da autoestima das crianças;
- Melhoria do aproveitamento escolar;
- Desenvolvimento intelectual das crianças;
- Desenvolvimento da comunidade.

O projeto englobará explicações, aos alunos que frequentam o 1º ciclo do ensino básico (1º ao 4º ano de escolaridade), nas áreas da Língua Portuguesa e da Matemática, visto serem as disciplinas que apresentam a taxa de reprovação mais elevada. Tendo em conta que um dos principais entraves ao desenvolvimento de Cabo Verde é a mentalidade da população, um apoio individualizado àqueles que iniciam o seu percurso escolar, ajudará a incutir alguns princípios e valores como a responsabilidade, a organização, o compromisso, a importância do estudo, do trabalho bem feito e da instrução, lembrando-lhes que cada um é singular e que têm capacidades únicas que os podem levar longe. Sendo a educação a base e o pilar que suportam e elevam o conhecimento e o crescimento pessoal, o centro de estudos iniciará com o apoio nos primeiros anos de ensino, também com o objetivo de reduzir o abandono escolar a partir do 8º ano.

Para a organização do projeto será tido em conta a logística do CIC, bem como o plano de atividades deste centro. Conforme é possível verificar no anexo XIX, de Segunda a Sábado são disponibilizados vários apoios e atividades lúdicas. No entanto, e como referido pelo presidente da Associação Comunitária de Fonton, muitas vezes este plano não é cumprido.

De acordo com o Decreto-Lei nº 69/2015, artigo nº 47, o número de horas semanais que um docente cumpre é 27 (22 horas letivas e 5 horas não letivas), não podendo ultrapassar as 5 horas de trabalho diário. O horário das explicações foi elaborado tendo em conta todos os fatores acima descritos, uma vez que o professor que auxiliará os alunos será apenas um.

Das explicações beneficiarão 60 crianças do 1º ao 4º ano de escolaridade. A biblioteca do CIC tem capacidade para acolher cerca de 20 crianças de cada vez, no entanto, por estarem a funcionar outras atividades, as explicações serão dadas numa sala com capacidade para cerca de 15 crianças. As turmas serão divididas conforme os anos de escolaridade.

Do 1º ao 3º ano, o horário escolar funciona das 8H ao 12H30, razão pela qual terão apoio ao estudo na parte da tarde. No 4º ano, o horário varia consoante a escola. Sete dos alunos que frequentam o CIC têm aulas de manhã, e por isso, terão explicações na parte da tarde. Os restantes 16, como têm aulas das 13H às 17H50 terão apoio na parte da manhã. Devido a razões logísticas e pedagógicas, estes alunos serão divididos em duas turmas (4º A: 8 alunos e 4º B: 8 alunos).

De acordo com o Decreto-lei nº 71/2015, artigos nº 25 e 33, o 2º e o 4º ano são anos de exame, razão pela qual apresentam um maior número de apoio em relação ao 1º e 3º ano.

Tabela n.º 25- Horário das explicações

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9H00-10H15	4º A	4ºA*	4º A		4ºA
10H30-11H45	4º B	4ºB*	4º B		4ºB
14H30-15H45	2º	1º	2º	1º	2º
16H00-17H15	4º	3º	4º	3º	4º

Fonte: elaboração própria

\*A fim de serem completadas as 22 horas de tempo letivo do professor, o 4º A terá explicação das 9H às 10H e o 4º B das 10H15 às 11H15.

As disciplinas lecionadas em cada dia serão distribuídas pelo professor, consoante as necessidades dos alunos.

### 3.6.1 Calendário.

Tendo em conta o espaço temporal necessário para iniciar o projeto, o horizonte temporal é de março de 2020 a fevereiro de 2021.



Tabela n.º 26- Calendarização do projeto

<b>março de 2020 a junho de 2020</b>
Aplicação de testes diagnósticos a todos os alunos que frequentarão as explicações. <b>Alunos do 1º ano</b> Desenvolvimento da oralidade, através de exercícios destinados para esse fim; Realização de cópias, de modo a desenvolver a produção escrita. <b>Alunos do 2º ano:</b> Analisar a oralidade dos alunos, através de leituras de pequenos textos, etc.; Desenvolver a escrita através de pequenas composições e ditados; Realização de fichas de preparação para os exames. <b>Alunos do 3º ano:</b> Realização de fichas que consolidem as matérias aprendidas; Realização de trabalhos práticos, relativos às matérias estudadas, através de material lúdico. <b>Alunos do 4º ano:</b> Aplicação de fichas que consolidem as matérias lecionadas; Realização de exercícios de compreensão auditiva, preenchendo textos através da audição dos mesmos; Realização de fichas de preparação para os exames.
<b>julho de 2020 a agosto de 2020</b>
Férias
<b>setembro 2020 a dezembro de 2020</b>
Aplicação de testes diagnósticos a todos os alunos que frequentarão as explicações. <b>Alunos do 1º ano:</b> Desenvolvimento da oralidade, através de exercícios destinados para esse fim; Realização de cópias, de modo a desenvolver a produção escrita;

Tabela n.º 26- Calendarização do projeto (continuação)

Realização de trabalhos manuais relacionados, nomeadamente, com o Natal;

**Alunos do 2º ano:**

Desenvolvimento da escrita através de pequenas composições e ditados;

Realização de trabalhos manuais relacionados, nomeadamente, com o Natal.

**Alunos do 3º ano:**

Realização de fichas que consolidem as matérias aprendidas;

Organização de trabalhos de grupo;

Realização de trabalhos manuais relacionados, nomeadamente, com o Natal.

**Alunos do 4º ano:**

Aplicação de fichas que consolidem as matérias lecionadas;

Realização de exercícios de compreensão oral;

Realização de trabalhos manuais relacionados, nomeadamente, com o Natal.

**janeiro de 2021 a fevereiro de 2021**

**Alunos do 1º ano:**

Desenvolvimento de trabalhos práticos e manuais relacionados com as matérias lecionadas;

Realização de fichas de trabalho que consolidem as matérias aprendidas.

**Alunos do 2º ano:**

Desenvolvimento da tabuada;

Análise da oralidade dos alunos, através de leituras de pequenos textos, etc.

**Alunos do 3º ano:**

Realização de trabalhos práticos, relativos às matérias estudadas;

Organização de exposições no CIC com os trabalhos desenvolvidos.

Tabela n.º 26-Calendarização do projeto (continuação)

**Alunos do 4º ano:**

Aplicação de fichas relativas às matérias lecionadas.

Organização de trabalhos de grupo;

Organização de exposições no CIC com trabalhos desenvolvidos.

Fonte: elaboração própria

**Nota:** O calendário apresentado é apenas um esboço. A calendarização final será definida em conjunto com o professor que dará as explicações no centro, e com a direção da Associação Comunitária de Fonton.

### 3.6.2 Possíveis pontos de sinergia com outros projetos já existentes.

A biblioteca deste centro apresenta uma calendarização, onde consta o apoio ao estudo e o desenvolvimento de atividades lúdicas com as crianças. O projeto descrito visa qualificar o apoio e auxiliar no cumprimento do plano proposto pelo CIC.

### 3.7 Plano financeiro e descrição pormenorizada dos custos em euros.

Os recursos humanos necessários à execução do projeto implicam um custo total de 10 160 euros (1 118 322 escudos Cabo-Verdianos). Os bens materiais, nomeadamente um quadro branco, um videoprojetor, uma impressora e material escolar (cadernos, lápis, marcadores, ...) estão em processo de angariação através de campanhas realizadas em Portugal, pela equipa *Intellectual Bridge*, para esse fim.

Na tabela seguinte está descrito o plano financeiro do projeto, no que respeita aos recursos humanos. Destes fazem parte um docente do ensino básico, que dará explicações a Língua Portuguesa e a Matemática aos alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade que frequentam o CIC, e um contabilista, que ficará responsável pelo departamento financeiro do projeto.

Tabela n.º 27- Custo do Projeto

DESCRIÇÃO PORMENORIZADA DO CUSTO DO PROJETO				
Recursos humanos	Custos do salário base mensal		Custo total anual do projeto	
	Moeda local (Escudos Cabo-Verdianos- ECV)	Euros	Moeda local (Escudos Cabo-Verdianos- ECV)	Euros
1 Docente do Ensino Básico durante 1 ano	39 881	362	478 572	4 340
1 Contabilista durante 6 meses	106 625	970	639 750	5 820
<b>Custo Total</b>			1 118 322	10 160
Taxa de câmbio: 1 Euro = 110,27 ECV <sup>14</sup>				

Fonte: elaboração própria

A verba afeta ao salário do contabilista é de meio ano, tendo em conta o número de horas necessárias ao longo do projeto.

Os professores não usufruem do direito aos subsídios de férias e Natal recebendo 12 meses do ano. Os docentes gozam de um mês de férias (agosto), excetuando as pausas letivas.

Tabela n.º 28- Fundos arrecadados pela equipa *Intellectual Bridge* (u.m.:Euros)

Atividades desenvolvidas pela equipa <i>Intellectual Bridge</i> para angariação de fundos	Data	Valor arrecadado
Evento promovido pela Casa do Professor denominado <i>A surpreendente fábrica de chocolate</i> , em Matosinhos	2/12/2018	173
Venda de cerca de 1000 rifas	20/12/2018 a 20/02/2019	822
<b>Valor Total</b>		<b>995</b>

Fonte: elaboração própria

<sup>14</sup> <https://www.oanda.com/lang/pt/currency/convert/>

Tabela n.º 29- Financiamento do projeto *Surisu na Rôstu*. síntese (u.m.:Euros)

CUSTO TOTAL	10 160
AUTOFINANCIAMENTO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE FONTON	1 016
FUNDOS VIA EQUIPA INTELLECTUAL BRIDGE ATÉ À DATA	995
NECESSIDADE DE FINANCIAMENTO	8 149

Fonte: elaboração própria

3.8 Material utilizado na promoção do projeto: (fotografias, panfletos, DVD, apresentações em PowerPoint, etc.)

- Apresentação PowerPoint;
- Vídeo-Clip realizado pela Associação Comunitária de Fonton;
- Criação de uma Página do Facebook e de um Site para divulgação do projeto (vide em anexos XIV e XV).

**Nota:** alguns materiais estão a ser angariados, através de campanhas em Portugal e no bairro do Fonton.

## 7.2 Síntese do capítulo

O *Harambee África Portugal* surge como um veículo para a concretização do projeto em estudo, através da submissão de uma candidatura do mesmo, por parte do presidente da Associação Comunitária de Fonton. O capítulo seguinte diz respeito à conclusão da dissertação.

## Capítulo VIII- Conclusão

Analisando o papel do voluntariado universitário para o desenvolvimento dos PALOP, a presente dissertação de mestrado permitiu valorizar o mesmo, enquanto impulsionador na submissão de uma candidatura ao *Harambee África Portugal*, por parte da associação proponente, até ao final do corrente ano. Neste enquadramento, o estudo científico aqui desenvolvido permitiu avaliar a viabilidade da proposta do projeto ser submetido a financiamento. A questão de partida que deu suporte a toda a investigação foi a seguinte: Quais as ameaças e oportunidades de resposta social, onde o voluntariado é o principal impulsionador? Ao longo da mesma, os objetivos propostos foram sendo cumpridos, através da revisão de literatura nas áreas subjacentes ao voluntariado, análise de dados referentes à educação em Cabo Verde, tendo como principal foco o estudo do meio envolvente do Fonton e a relevância do Centro de Intervenção Comunitária junto da população local, conhecendo o público-alvo e os beneficiários diretos do projeto.

A análise das entrevistas possibilitou determinar a exequibilidade do projeto, bem como, a importância e o impacto que o mesmo teria na comunidade, para além de compreender os principais problemas do bairro e as carências a nível de infraestruturas e de material, no centro que acolherá o mesmo. Os resultados apontaram para o facto da implementação do projeto ter impactos positivos, principalmente para as crianças do bairro, abrindo horizontes e criando oportunidades para as mesmas, ajudando-as a crescer de uma forma saudável e íntegra. Verificou-se, que no bairro existiam pessoas qualificadas para apoiar os alunos no estudo, e que a associação local estava comprometida e empenhada em acolher e dar continuidade ao projeto, vendo-o como uma necessidade real e concreta. Em relação à submissão de candidaturas de apoio social africano percebeu-se a complexidade e as dificuldades das mesmas, concluindo-se que o principal obstáculo é a mentalidade local em relação à autonomia que é pretendida por parte da comunidade.

A análise do questionário permitiu constituir a equipa que ajudará na formalização e na angariação de fundos para o projeto. Esta acompanhará ao longo de um ano a associação local, bem como o desenvolvimento do projeto. Através desta análise conheceram-se as motivações que levavam os estudantes a praticar ações de voluntariado, a predisposição dos mesmos para pertencer à equipa que apoiará o projeto em estudo, e o tempo que estariam dispostos a disponibilizar para o mesmo. Para a maior parte destes comprometer-se no desenvolvimento deste projeto, não seria o primeiro contacto com esta área, uma vez que já tinham, anteriormente,

praticado ações voluntárias através de projetos organizados por associações, ou em atividades pontuais. A base das motivações para as mesmas assentava, maioritariamente, em razões altruístas, embora considerassem que fatores contrários fossem também importantes na decisão de se voluntariarem.

No que diz respeito às limitações do estudo pode-se mencionar a amostra pouco significativa e as informações demográficas e socioeconómicas desatualizadas ou inexistentes, da população do bairro do Fonton.

Para que um projeto social seja desenvolvido e implementado é necessário criar condições para que o mesmo aconteça. Deste modo, propõe-se como reflexão, a importância do voluntariado e dos valores inerentes a esta prática nos jovens. Cabe então sensibilizá-los para os problemas alheios, de forma a encará-los como um desafio de poderem contribuir para uma sociedade mais justa. As ações de voluntariado desenvolvidas na própria universidade podem ter um papel essencial, funcionando como uma alavanca, que ajude os jovens a descobrirem este interesse, contactando com novas culturas e realidades. Neste sentido, seria aliciante em investigações futuras estudar as seguintes questões: É ou não a universidade, um motor para a sensibilização dos estudantes em relação aos problemas sociais? Ajuda a abrir horizontes e a criar iniciativas que promovam a coesão e o desenvolvimento dos mais desfavorecidos? Qual o papel social que a universidade apresenta junto da comunidade onde está inserida?

Não obstante, é igualmente importante compreender que o desenvolvimento nos PALOP parte, na maioria das vezes, da mudança de mentalidades que não ocorre de um dia para o outro. Seria interessante refletir neste assunto, e criticamente dar contributos para o debate sobre o equilíbrio necessário entre mudar a mentalidade de uma comunidade em relação às preocupações sociais da mesma, sem querer por em causa a sua identidade sociocultural.

## Referências bibliográficas

- Aldeias Infantis SOS Cabo Verde (2015). *Programa de Reforço das Estruturas Familiares e Prevenção ao Abandono Infantil em Fonton.*
- Amaro, R. (2002). *O voluntariado nos projetos de luta contra a pobreza.* Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários.
- Barbosa, A. G. (2000). *Jovens com Valores,* Lisboa: Edições Paulinas.
- Boni, V. e Quaresma, S. (2005). *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.*
- Bussell, H., e Forbes, D. (2002). *Understanding the volunteer market: the what, where, who and why of volunteering.* International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing, 7(3), 244–257. <http://doi.org/10.1002/nvsm.183> [consultado em 2/10/2018].
- Callejo, J. (1999): *Voluntariado estratégico en un contexto no elegido: una hipótesis sobre el creciente acercamiento de los jóvenes a las ONG's.* Revista de Estudios de Juventud, 45, 51-60.
- Carson, E. D. (2000). *On defining and measuring volunteering the United States and abroad,* 17 (Autumn 1999).
- Catarino, A. (2004). *“Voluntariado - uma leitura da experiência”,* Sociedade e Trabalho, 19/20, 7-15. Lisboa: dEEP.
- Cellard, A. (1997). *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos.* Editora Vozes.
- Cloke, P., Johnsen, S. e May, J. (2007) *Ethical citizenship? Volunteers and the ethics of providing services for homeless people.* Geoforum, 38 (6), 1089–1101.
- Cristiane, T. e Lima, S. De. (2007). *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico : a pesquisa bibliográfica,* 37–45.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Decreto-Lei N° 68/2015 de 12 de dezembro, Cabo Verde.
- Decreto-Lei 389/99 de 30 de setembro, Cabo Verde.
- Decreto- Legislativo n° 2/2010, de 7 de maio, Cabo Verde.



Decreto-Legislativo nº 2/2010, de 10 de maio, Cabo Verde.

Decreto-Legislativo nº20/2010, de 7 de maio, Cabo Verde.

Decreto-Legislativo nº13/2018, de 7 de dezembro, Cabo Verde.

Decreto-Lei nº69/2015 de 12 de dezembro, Cabo Verde.

Decreto-Lei nº 71/2015 de 31 de dezembro, Cabo Verde.

Delgado, A. (2006). *Espaço Geográfico e a Diversidade Socioeconómica de Santiago: O caso do bairro de Palmarejo*. <https://core.ac.uk/download/pdf/38681224.pdf> [consultado em 04/03/2018].

Durkheim, E. (1975). *Educação e Sociologia*. São Paulo.

Filloux, J. (2010). Durkheim. *Journal of Classical Sociology* (Vol.10). <http://doi.org/10.1177/1468795X09352558> - acessado em 23/05/2018 [consultado em 23/05/2018].

Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z. e Moscarola, J. (2000). *O método de pesquisa survey*. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 35(3).

González, M. C. (2007). *La acción social voluntaria en el voluntariado social*. *Papeles salmantinos de educación*, (9), 283-298.

Hamilton, S. e Fenzel, L. (1988). *The impact of volunteer experience on adolescent social development: Evidence of program effects*. *Journal of Adolescent Research*, (1) 3, 65-80.

Holdsworth, C. (2010). *Why Volunteer? Understanding Motivations For Student Volunteering, 1005*. <http://doi.org/10.1080/00071005.2010.527666> [consultado em 28/09/2018].

Holdsworth, C. e Quinn, J. (2010) *Student volunteering in English higher education*, *Studies in Higher Education*, 35 (1), 113–127.

Hustinx, L. e Lammertyn, F. (2003) *Collective and reflexive styles of volunteering: a sociological modernization perspective*, *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, 14 (2), 167–187.

Instituto Nacional de Estatística (2012). *Inquérito ao trabalho voluntário*.

Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde. *Projeções demográficas CV por concelho e por faixa etária 2010 a 2030*.

Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde (2015) <http://ine.cv/wp-content/uploads/2016/10/40AnosIndependencia.pdf> [consultado em 19/02/2019].

Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde (2017). *Anuário Estatístico* <http://ine.cv/wp-content/uploads/2017/12/aecv-2017-versao-final-1.pdf> [consultado em 27/02/2019].

Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde (2018). *Inquérito Multi Objetivo-Contínuo 2017*, [http://ine.cv/wp-content/uploads/2018/06/imc-2017-condicoes-de-vida\\_site-1.pdf](http://ine.cv/wp-content/uploads/2018/06/imc-2017-condicoes-de-vida_site-1.pdf) [consultado em 25/02/2019].

Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde (2018). *Perfil da pobreza, um olhar sob as crianças*, [http://ine.cv/wp-content/uploads/2019/02/idrf-2015-perfil-da-pobreza-um-olhar-sobre-as-criancas-versao-final-11\\_02\\_2019-1.pdf](http://ine.cv/wp-content/uploads/2019/02/idrf-2015-perfil-da-pobreza-um-olhar-sobre-as-criancas-versao-final-11_02_2019-1.pdf) [consultado em 04/03/2019].

Kong, E. (2003). *Using intellectual capital as a strategic tool for non-profit organisations*. The International Journal of Knowledge, Culture and Change Management, 3, 467–474.

Kong, E. e Ramia, G. (2010). *A qualitative analysis of intellectual capital in social service non-profit organisations: A theory-practice divide*. Journal of Management and Organization, 16(5), 656–676. <http://doi.org/10.5172/jmo.2010.16.5.656> [consultado em 25/02/2019].

Lakatos, E. e Marconi, M. (2007). *Técnicas de pesquisa*, 6ª edição.

Lam, P. (2010). *Using wordle as a supplementary research tool*. The Qualitative Report, 15(3), 630-643.

Libório, T. (2015). *A importância da intervenção da AMI nos PALOP, no quadro do voluntariado e suas implicações*.

Lyons, K. D. e Wearing, S. (Eds.). (2008). *Journeys of discovery in volunteer tourism: International case study perspectives*. Cabi. [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=V5Styu7eZUoC&oi=fnd&pg=PR5&dq=Lyons+e+Wearing+\(2008\)+volunteering&ots=jjSh39vm9M&sig=ypsgc7us6UPnJsrQUVbDH4sz\\_Vk&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Lyons%20e%20Wearing%20\(2008\)%20volunteering&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=V5Styu7eZUoC&oi=fnd&pg=PR5&dq=Lyons+e+Wearing+(2008)+volunteering&ots=jjSh39vm9M&sig=ypsgc7us6UPnJsrQUVbDH4sz_Vk&redir_esc=y#v=onepage&q=Lyons%20e%20Wearing%20(2008)%20volunteering&f=false) [consultado em 25/02/2019].

Mattoso, J. (1997). *História da Universidade em Portugal (1290-1536)*, Vol. 2, Universidade de Coimbra e Fundação Calouste Gulbenkian.

Mertens, R. S., Marques, C. T. B., Silva, F. D. N. S. D. e Souza, M. F. D. S. D. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa: linguagem e método*. FGV Editora.

Minayo, M. (2002), *O desafio da pesquisa social*. In: MIANYO, M. S. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª Edição, cap. 1, p.9-29. Vozes: Petrópolis.

Ministério da Educação de Cabo Verde, *Anuário da Educação 2015/2016*, [http://ine.cv/wp-content/uploads/2017/05/anuario-educacao-2015\\_2016.pdf](http://ine.cv/wp-content/uploads/2017/05/anuario-educacao-2015_2016.pdf) [consultado em 25/02/2019].

Ministério da Educação de Cabo Verde, *Estatísticas do ano letivo 2016/2017*, <https://app.box.com/s/1iypmjz5nhxndyovzuiu0elg6blio7oq> [consultado em 19/02/2019].

Moreno, A. e Yoldi, I. (2008). *Avances recientes en la investigación económica sobre el voluntariado: valoración económica del trabajo voluntario, costes de gestión del voluntariado y voluntariado corporativo*. CIRIEC-ESPAÑA, 63, 191-225, disponível em [www.ciriec-revistaeconomica.es](http://www.ciriec-revistaeconomica.es) [consultado em 26/09/2018].

Muñoz, T. (2003). *El Cuestionario como instrumento de investigación/Evaluacion*.

Neto, O. (2002), *O desafio da pesquisa social*. In: NETO, O. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª Edição, cap. 3, p.51-66. Vozes: Petrópolis.

Pace, U., Sergio, E., Oliveira, D., Marcos, A., Alkmim, D., Fabio, W. e Paulo, S. (2012). *A Criação de Valor na Gestão da Mão de Obra Voluntária no Terceiro Setor*, 10, 218–242.

Parboteeah, K. P., Cullen, J. B., e Lim, L. (2004). *Formal volunteering: a cross-national test*, 39, 431–441. <http://doi.org/10.1016/j.jwb.2004.08.007> [consultado em 25/02/2019].

Pereira, A. (1985). *X Aniversário da Independência Nacional: Praia*, GRAFEDITO.

Pimenta, C. (2018). *Uma experiência de cooperação: a universidade do Porto e os Países africanos de língua oficial portuguesa*, 501–512.

Pimentel, A. (2001). *O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica*. Cadernos de pesquisa, (114), 179-195.

Queiroz, M. e Gonçalves, C. A. (2011). *Avaliação de projetos sociais: a perspectiva da comunidade*. Revista Alcance, 18(4).

Quivy, R. e Campenhoudt, L.V. (1998), *manual de investigação em ciências sociais*, 2ª edição. Gradiva, Lisboa, disponível em <https://pt.scribd.com/doc/37937019/Quivy-e-Campenhoudt-Manual-de-Investigacao-em-Ciencias-Sociais> [consultado em 20/01/2019].

Rehbergr, W. (2016). *Altruistic Individualists: Motivations for International Volunteering Among*

*Young Adults in Switzerland Altruistic Individualists : Motivations for International Volunteering Among Young Adults in Switzerland, (April)*, <http://doi.org/10.1007/s11266-005-5693-5>  
[consultado em 28/09/2018].

República de Cabo Verde (2017), *Plano estratégico da Educação: Compromisso Educativo para o Futuro, 2017-2021*.

Roca, J. G. *Solidaridad Y Voluntariado, Santander*, Editorial Sal Terrae, 1994.

Rojas, R. (2000). *El Cuestionario*, <https://www.nodo50.org/sindpitagoras/Likert.htm>  
[consultado em 10/ 05/2018].

Sampaio, S. (2012). *A gestão de voluntários, no contexto particular das organizações sem fins lucrativos, em Portugal*. Dissertação de mestrado.

Santos, C. (2011). *Voluntariado social e formação cívica de crianças e jovens*. Dissertação de mestrado.

Seraponi, M., e Lima, T. (2015). *Voluntariado em Portugal. Contextos, atores e práticas (January 2013)*.

Soares, F. e Andrade, J. (2006). *Nível socioeconómico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte. Revista Ensaio - Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 107-126*.

Soler, J. P. (2007). *Factores psicossociales explicativos del voluntariado universitario*. Universidad de Alicante.

Souza, M. C., Deslandes, S.F., Gomes, R. e Neto, O.C. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada, 21ª edição.

Starnes, B. J. e Wymer, W. W. (1999) '*Demographics, personality traits, roles, motivations and attrition rates of hospice volunteers*', *Journal of Nonprofit and Public Sector Marketing*, Vol. 7, No. 2, pp. 61–76.

Taveira, M. (2001), "*O papel da universidade na orientação e desenvolvimento dos alunos: contributos para um modelo de intervenção psicoeducacional*", in *ADAXE. Revista de Estudios e Experiencias Educativas* – (2001), 17:65-77.

The Universal Declaration on Volunteering (1990) disponível em <https://www.iave.org/iavewp/wp-content/uploads/2015/10/universal-declaration-on-volunteering.pdf> [consultado em 11/10/2018].

Tolentino, A. C. (2006). *Universidade e transformação social nos pequenos estados em desenvolvimento: o caso de Cabo Verde*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Unger, L. S. (1991) 'Altruism as a motivation to volunteer', *Journal of Economic Psychology*, Vol. 12, pp. 71–100.

United Nations Volunteers (2006) *UN Volunteers Mission Statement*, disponível em <https://www.unv.org/> [consultado em 13/22/2018].

United Nations World Tourism Organization (2005) *UNWTO Declaration on the Millennium Development Goals*, Madrid, Spain, UNWTO <https://step.unwto.org/sites/all/files/docpdf/declaration.pdf> [consultado em 13/12/2018].

Varela, B. (2013), *Evolução do Ensino Superior Público em Cabo Verde: Da criação do curso de formação de professores do Ensino Secundário à instalação da Universidade Pública*. Edições UNICV.

Ventura, M. (2007). *O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa*. *Scerj*, 20(5), 383–386. [http://doi.org/10.1016/S0169-5347\(98\)01384-6](http://doi.org/10.1016/S0169-5347(98)01384-6) [consultado em 20/01/2019].

Vilelas, J. (2009). *Investigação. O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.

Vinuto, J. (2016). *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. *Temáticas*, (44).

World Bank (1998) *Assessing aid: what works, what doesn't and why*. Oxford University Press, New York <http://documents.worldbank.org/curated/en/612481468764422935/pdf/multi-page.pdf> [consultado em 13/22/2018].

Wilson, J. (2000). "Volunteering". *Annual Reviews of Sociology*, vol. 26 215-240.

Wymer, W. W., Jr. (2000), "Differentiating Literacy Volunteers: A Segmentation Analysis for Target Marketing," *Working paper*, Christopher Newport University.

Wymer, W. W. e Rieckenr, G. (2015). *Determinants of Volunteerism : A Cross-Disciplinary Review and Research Agenda, (December)*.

Wymer, W. W. (1997). *Segmenting Volunteers Using Values, Self-Esteem, Empathy, and Facilitation as Determinant Variables*. Journal of Nonprofit & Public Sector Marketing, 5, 3-28.

Wymer, W. W. (1997b) 'A religious motivation to volunteer? Exploring the linkage between volunteering and religious values'. Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing, Vol. 5, No. 3, pp. 3-18.

Wymer, W. W. e Samu, S. (2003). *Dimensions of business and nonprofit collaborative relationships*. Journal of Nonprofit & Public Sector Marketing, 11(1), 3-22.

Wymer, W. W. e Starnes, B. (2001). *Conceptual Foundations and Practical Guidelines for Recruiting Volunteers to Serve. Local Nonprofit Organizations: Part I*. Journal of NonProfit & Public Sector Marketing, 9, 63-96.

### **Sitografia**

<https://harambee-portugal.org/harambee/quem-somos/> [consultado em 19/01/2019]

<https://harambee-portugal.org/harambee/historia/> [consultado em 19/01/2019]

<https://www.governo.cv/index.php/dados-gerais> [consultado em 25/02/2019]

<https://www.uccla.pt/membro/praias> [consultado em 08/03/2019]

<https://www.oanda.com/lang/pt/currency/convert/> [consultado em 08/03/2019]

## Anexos

Anexo I- Guião de entrevista ao presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton

Anexo II- Guião de entrevista à docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu

Anexo III- Guião de entrevista a uma assistente social do bairro do Fonton

Anexo IV- Guião de entrevista à presidente da Associação *Dignity Non Profite People*

Anexo V- Guião do questionário aplicado a 50 estudantes universitários

Anexo VI- Formulário de avaliação infantil elaborado pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde

Anexo VII- Formulário de avaliação familiar/ cuidador elaborado pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde

Anexo VIII- Entrevista ao David César Tavares Moreno, presidente da Associação Comunitária de Fonton

Anexo IX- Entrevista ao João Baptista Duarte Tavares, tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton

Anexo X- Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Helena Vieira, professora do ensino básico, na Escola Capelinha de Tira Chapéu

Anexo XI- Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Ineida Fernandes, assistente social do bairro do Fonton

Anexo XII- Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Emanuela Bonavolta, presidente da Associação *Dignity Non Profit People*

Anexo XIII- Notícia da iniciativa, em cooperação com a Casa do Professor, no site do *Harambee África Portugal*

Anexo XIV- Página do Facebook do projeto *Surisu na Rôstu*, criada pelos membros da equipa *Intellectual Bridge*

Anexo XV- Site do projeto *Surisu na Rôstu*, construído pelos membros da equipa *Intellectual Bridge*

Anexo XVI- Divulgação do projeto na rádio de Matosinhos online

Anexo XVII- Notícia da tese no site do *Harambee África Portugal*

Anexo XVIII- Lista das crianças beneficiárias do CIC Fonton, do 1º a 4º ano de escolaridade

Anexo XIX- Calendário de atividades na biblioteca do CIC Fonton

Anexo XX- Autorização do presidente da Associação Comunitária de Fonton para utilização de informação da associação na presente investigação

## Anexo I

### Guião de entrevista ao presidente e tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton

A presente entrevista tem como objetivo estudar as principais carências do bairro do Fonton, de modo a elaborar um projeto que vá de encontro às necessidades da população do mesmo. Esta surge no contexto de uma investigação de uma tese de mestrado que tem como foco perceber a importância do voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano, cujo estudo de caso é o bairro do Fonton em Cabo Verde. Tendo em conta o envolvimento e o conhecimento que detém acerca do mesmo agradeço a sua colaboração.

Nº	Questão	Objetivos
1	O que é o CIC?	Saber em que consiste a Instituição
2	Quantas pessoas fazem parte da direção da ACF?	Compreender o tamanho da associação a nível de organização
3	Quantas pessoas há no bairro do Fonton? Quantas crianças, jovens, adultos e idosos residem no mesmo?	Estudar a população local
4	Grande parte da população do bairro depende do CIC?	Entender a importância do CIC para a população do bairro
5	Quais os principais entraves (a nível familiar, social, que impedem o progresso do aproveitamento escolar dos alunos?	Compreender os principais entraves para o aproveitamento escolar
6	Na sua opinião, em que medida é que a criação de um centro de estudos (com apoio a Português e a Matemática a alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade) ajudaria no desenvolvimento do bairro? Seria proveitoso para a maioria das crianças do bairro? Estariam dispostos a acolhê-lo e a dar-lhe continuidade?	Averiguar a disponibilidade e o interesse do CIC em fazer parte do projeto, bem como as principais necessidades ao nível da educação escolar
7	Qual é o horário letivo dos alunos do 1º ciclo do ensino básico que frequentam o CIC?	Perceber o horário dos alunos para, posteriormente, de acordo com o mesmo elaborar o horário das explicações
8	Onde seria feito o acompanhamento escolar? Quantas crianças poderiam recebê-lo ao mesmo tempo?	Estudar as condições em que o projeto seria implementado



9	Existe acesso à Internet de forma rápida e frequente, bem como computadores ou outros aparelhos eletrónicos, para a realização de determinadas atividades?	Perceber quais as condições a nível informático para a facilitação da comunicação e da implementação do projeto
10	Conhece professores ou pessoas com competências adequadas, que tenham interesse e disponibilidade para fazerem parte deste projeto, ajudando em horário extracurricular esses alunos?	Compreender se existe população local qualificada e interessada em colaborar no projeto

De modo a fazer um enquadramento geográfico do local onde será implementado o projeto do centro de estudos, questiono qual a possibilidade em serem enviados os mapas de Cabo Verde, Ilha de Santiago, Cidade da Praia, Palmarejo e Bairro do Fonton.

Muito obrigada!

## Anexo II

### Guião de entrevista à docente da Escola Capelinha de Tira Chapéu

A presente entrevista tem como objetivo perceber quantos alunos do bairro do Fonton estudam na escola Capelinha de Tira Chapéu, bem como as suas principais dificuldades a nível do aproveitamento escolar. Esta surge no contexto de uma investigação de uma tese de mestrado que tem como foco perceber a importância do voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano, cujo estudo de caso é o bairro do Fonton em Cabo Verde. Tendo em conta o envolvimento e o conhecimento que detém acerca das temáticas retratadas anteriormente, agradece a sua colaboração.

Nº	Questão	Objetivos
1	Quantos alunos frequentam a escola Capelinha de Tira Chapéu? Quais são os anos lecionados na mesma?	Perceber a dimensão da escola
2	Dos alunos que frequentam a mesma, quantos é que residem no bairro do Fonton e em que nível de escolaridade se encontram? Quais são os alunos que apresentam maiores dificuldades?	Estudar o público-alvo do projeto a ser implementado
3	Quais os principais entraves (a nível familiar, social, ...) que impedem o progresso do aproveitamento escolar?	Compreender os principais entraves para o aproveitamento escolar
4	Quais as disciplinas lecionadas em cada ano? Em que matérias os alunos apresentam um menor aproveitamento escolar?	Perceber em que matérias apresentam maiores dificuldades
5	Qual a taxa de insucesso escolar, nos últimos 3 anos?	Saber qual o nível de aproveitamento escolar dos alunos da escola
6	Na sua opinião, em que medida é que a criação de um centro de estudos (com apoio a Português e a Matemática a alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade) ajudaria no desenvolvimento do bairro? Seria proveitoso para a maioria das crianças?	Averiguar a opinião de uma professora da escola, acerca do projeto em questão
7	Conhece professores ou pessoas com competências adequadas, que tenham interesse e disponibilidade para fazerem parte deste projeto, ajudando em horário extracurricular esses alunos?	Perceber se existe população local qualificada e interessada em colaborar no projeto

De modo a que a planificação do projeto seja o mais fiel possível ao conteúdo das matérias lecionadas a Português e a Matemática, agradecia que fosse enviado o programa dos últimos cinco anos das disciplinas acima mencionadas, bem como a indicação de leituras recomendadas e os manuais dos docentes (também dos últimos cinco anos).

Muito obrigada!

### Anexo III

Guião de entrevista a uma assistente social do bairro do Fonton

A presente entrevista tem como objetivo, perceber as principais dificuldades dos alunos do bairro do Fonton a nível do aproveitamento escolar, bem como as razões que levam ao mesmo. Esta surge no contexto de uma investigação de uma tese de mestrado que tem como foco perceber a importância do voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano, cujo estudo de caso é o bairro do Fonton em Cabo Verde. Tendo em conta o envolvimento e o conhecimento que detém acerca das temáticas retratadas anteriormente, agradece a sua colaboração.

Nº	Questão	Objetivos
1	Dos alunos que acompanha, como avalia o aproveitamento escolar dos mesmos? Quais os principais entraves (a nível familiar, social, ...) que impedem o progresso do mesmo?	Entender como é o aproveitamento escolar dos alunos, bem como os entraves para o mesmo
2	Em que matérias têm um menor aproveitamento escolar?	Perceber em que matérias apresentam maiores dificuldades
3	Na sua opinião, em que medida é que a criação de um centro de estudos (com apoio a Português e a Matemática a alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade) ajudaria no desenvolvimento do bairro? Seria proveitoso para a maioria das crianças?	Averiguar a opinião de uma assistente social, acerca dos benefícios do projeto em questão
4	Que outro tipo de atividades/ formações seriam benéficas para as crianças do bairro?	Estudar outras maneiras de potenciar o desenvolvimento intelectual e pessoal dos alunos
5	Conhece professores ou pessoas com competências adequadas, que tenham interesse e disponibilidade para fazerem parte deste projeto, ajudando em horário extracurricular esses alunos?	Perceber se existe população local qualificada e interessada em colaborar no projeto

Muito obrigada!

## Anexo IV

Guião de entrevista à presidente da Associação *Dignity Non Profite People*

A presente entrevista tem como objetivo compreender a complexidade da elaboração de candidaturas de apoio social africano. Esta surge no contexto de uma investigação de uma tese de mestrado que tem como foco perceber a importância do voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano, cujo estudo de caso é o bairro do Fonton em Cabo Verde. O objetivo é a criação de um centro de estudos, que auxilie as crianças do 1º ao 4º ano de escolaridade do bairro acima referido, nas áreas do português e da matemática. Tendo em conta a experiência e o conhecimento que detém acerca desta temática agradeço a sua colaboração.

Nº	Questão	Objetivos
1	Antes de pensar no projeto, foi realizada uma análise SWOT com o objetivo de conhecer quais as necessidades da população e que tipo de projeto se adequaria melhor à localidade, tendo em conta também as características do ambiente envolvente, bem como os fatores culturais? Já tinha organizado projetos educativos ou detinha alguma relação com a área?	Conhecer os pontos fracos, pontos fortes, oportunidades e ameaças na localidade, bem como a experiência na área
2	Quanto tempo demorou a elaborar o projeto? Com que periodicidade realizava as reuniões de trabalho? De que modo as fazia? (presenciais, através de videoconferências, ...)	Compreender a complexidade do projeto e a organização da equipa de trabalho
3	Para quanto tempo foi pensada a duração do projeto? Durante esse tempo houve sempre um acompanhamento? Se sim, como é que este foi realizado?	Averiguar a ajuda e o interesse que é prestado aquando da implementação do projeto
4	Depois do projeto pensado, em que se baseou para formar a equipa que levaria avante o mesmo? Que fatores teve em consideração?	Saber qual o perfil das pessoas que estariam dispostas a fazer parte do projeto
5	De que modo foi realizada a promoção do projeto?	Conhecer os métodos de divulgação do projeto

6	Foi fácil encontrar uma Instituição que estivesse disposta a acolher o projeto e a pô-lo em prática? Quais foram as maiores dificuldades que sentiu em relação à implementação do mesmo na localidade em questão?	Entender a opinião do entrevistado acerca da dinâmica e da complexidade da implementação de um projeto
7	Como é que foi feito o contacto com a Instituição?	Perceber a escolha da Instituição
8	Foi realizado algum contacto com entidades locais ou internacionais, com vista à promoção do projeto e à criação de parcerias? Se sim, como foi feito esse contacto?	Averiguar a possibilidade de ajudas externas
9	Quais foram os maiores entraves que encontrou na fase da submissão da candidatura?	Compreender as principais dificuldades da submissão de candidaturas de apoio social africano
10	Depois do período de acompanhamento do projeto, de que forma é que o mesmo se tornou independente e autossuficiente?	Analisar de que forma se pode tornar o projeto autossuficiente
11	No caso do projeto que desenvolveu, a totalidade dos 10% foram conseguidos pela população local? Esse dinheiro foi depositado por eles na conta do Harambee? De que forma tiveram garantia de que o valor arrecadado foi utilizado nesse fim?	Perceber a facilidade em angariar os 10%, bem como a garantia da utilização do mesmo para o fim a que se destina

Muito obrigada!

## Anexo V

Guião do questionário aplicado a 50 estudantes universitários

O meu nome é Maria João Lopes e no âmbito da minha dissertação de mestrado estou a desenvolver o tema: a importância do voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano, tendo como estudo de caso o bairro do Fonton em Cabo Verde. Deste modo, o presente questionário tem como objetivo traçar o perfil de voluntários, que estariam dispostos a colaborar com uma equipa voluntária na elaboração de um projeto social na área da educação, centrado na criação de um centro de estudos para acompanhamento escolar a alunos do ensino básico nas áreas de português e matemática, cuja proponente é uma instituição africana. A elaboração do projeto terá início em novembro de 2018 e término em fevereiro de 2019, sendo posteriormente elaborada uma candidatura no âmbito de linhas de financiamento a projetos sociais na área da educação. As reuniões seriam realizadas quinzenalmente via email e skype.

Agradeço desde já a vossa colaboração!

Estaria disposto (a) em colaborar no projeto acima mencionado?

Sim       Não

Se respondeu que sim, prossiga o questionário.

Sexo:       Masculino       Feminino      Idade \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_ Contacto telefónico \_\_\_\_\_

Local de residência \_\_\_\_\_

Instituição de ensino \_\_\_\_\_

Curso que frequenta \_\_\_\_\_ Ano escolar \_\_\_\_\_

Grau académico (após conclusão do curso que frequenta atualmente)

Licenciatura de 1º ciclo de Bolonha

Mestrado integrado de Bolonha

Mestrado de 2º ciclo de Bolonha

1. Já alguma vez realizou voluntariado?

Sim       Não

Se respondeu que sim, onde é que realizou e que atividades desenvolveu?

---

1.1. O que o (a) motivou a realizar as ações de voluntariado?

- Aquisição de habilidades ou de experiências específicas
- Oportunidade de aprender algo novo
- Enriquecimento do currículo
- Conhecer novas pessoas
- Oportunidade de ajudar quem mais precisa
- Valores pessoais
- Outra (s) \_\_\_\_\_

2. Quanto tempo semanal estaria disposto (a) a dedicar ao projeto acima mencionado?

- 30 min.       1 hora       1 hora e 30 min.
- 2 horas       Outro espaço de tempo \_\_\_\_\_

3. Teria possibilidade e facilidade em assistir às reuniões através de videoconferência?

Sim       Não



4. Qual a sua disponibilidade e interesse em participar num programa de formação de voluntariado e empreendedorismo social, com a duração de 15 minutos semanais, via Internet?

- Nada predisposto (a)
- Pouco predisposto (a)
- Predisposto (a)
- Muito predisposto (a)
- Totalmente predisposto (a)

5. De acordo com as suas valências, em que área poderia ajudar para a prossecução do projeto?

- Informática
- Design
- Outra (s)
- Marketing
- Contabilidade
- Comunicação
- Gestão
- Línguas
- Educação (português e matemática)

Se respondeu outra (s), indique em que áreas.

---

Muito obrigada!

Anexo VI

Formulário de avaliação infantil elaborado pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde

**SOS CHILDREN'S VILLAGES INTERNATIONAL** DATA COLLECTION FORM Form A (ii)

**Africa & Middle East** **Child Assessment Form**  
to be completed by field/care-giver assessment form

**General**

Purpose of assessment:  initial assessment  review Date of assessment: \_\_\_\_\_

First names: \_\_\_\_\_ Surname: \_\_\_\_\_ Gender:  female  male

Date of birth: \_\_\_\_\_ Citizenship: \_\_\_\_\_

Relationship to care-giver:  biological child  niece/nephew  sibling  step-child  adopted child  
 grandchild  other relative  self  non-relative  foster child

Target group:  living with chronically-ill parent(s)  living with unmarried mother/father  
 father deceased  living with separated mother/father  
 mother deceased  living with divorced mother/father  
 both parents deceased  living with parent(s) with disabilities  
 abandoned by parents  others (please specify) \_\_\_\_\_  
 living in an orphan household (SOS-orphans)

**Education**

Educational enrolment:  not applicable (infant)  high/secondary school  completed schooling  out of school education  
 pre-primary school  vocational training  stopped out from school  
 primary school  special needs school  never enrolled

Educational attendance:  1 Child enrolled in and attending school regularly. Infants or pre-schooler is stimulated to play, either with care-giver or other children in community or neighbourhood.  
 2 Child enrolled in school, but attends irregularly. Younger child is sometimes stimulated to play, but not daily.  
 3 Child enrolled in school, but rarely attends. Infant or preschool child is rarely stimulated by play.  
 4 Child not enrolled or not attending school. Infant or preschooler is not being stimulated by play.

Child works?  yes  no Name of school (if applicable): \_\_\_\_\_

**Health**

Special health care needs? (specify) \_\_\_\_\_ Disability? (if applicable)  physical impairment  sensory impairment  
 mental impairment  multiple impairment

Health care:  1 Child receives all relevant health care treatment and preventative services, as and when required.  
 2 Child usually receives relevant medical treatment and preventative services (e.g. when ill), but some treatment/services are not available or accessed.  
 3 Child sometimes or inconsistently receives relevant health care treatment and preventative services; most services are not available or accessed.  
 4 Child rarely or never receives the necessary health care treatment and preventative services.

Immunised as per national standards?  yes  no Receives support from SOS medical centre?  yes  no

**Psycho-social**

Care:  1 Child has a primary adult care-giver who is actively involved in his/her life, and who protects and nurtures him/her.  
 2 Child has an adult who provides care, but who is limited by illness, work, other children, or knowledge & skills.  
 3 Child has no consistent adult who provides care & support.  
 4 Child is completely without the care of an adult & must fend for him/herself.

Required supporting documents?  proof of birth (& relationship to parent)  proof of identity of care-giver  proof of death of parent (if parents deceased) Legal identity?  yes  no

Emotional, psychological, spiritual or social development needs? (specify) \_\_\_\_\_

**Notes**

\_\_\_\_\_

Anexo VII

Formulário de avaliação familiar/ cuidador elaborado pelas Aldeias Infantis SOS Cabo Verde

**SOS CHILDREN'S VILLAGES INTERNATIONAL** DATA COLLECTION FORM Form A (F)

**Africa & Middle East Family/Care-giver Assessment Form**

**General** Purpose of assessment  initial assessment  review Date of assessment

**Primary care-giver**  
 First names Surname Gender  female  male  
 Date of birth Citizenship ID number

**Family composition**  
 Type of family  child headed (<18)  aunt/uncle headed  foster parent headed  
 sibling headed 18+  other relative headed  single parent headed  
 grandparent headed  non-relative headed  parent headed (both parents)  
 No. of adult household members 18-24 years:  female  male 25-50 years:  female  male 50+ years:  female  male

**2<sup>nd</sup> care-giver** (to be completed only if there is such a care-giver living in the household)  
 First names Surname Gender  female  male  
 Notes

**General**  
 Address: Number, Street, Zone/Area; Community: Location, Phone number  
 Notes

**Education (care-giver)**  
 Literate  yes  no Highest achieved level of education  primary education  tertiary education  
 secondary education  no formal education

**Health (care-giver)**  
 Special health needs?

<b>Preventative health care</b>	1 Care-giver receives all relevant preventative health care services, as & when required.	<b>Curative health care</b>	1 Care-giver receives all relevant health care treatment, as & when required.
	2 Care-giver usually receives relevant preventative health care services, but some services are not available or accessed.		2 Care-giver usually receives health care treatment when ill, but some services are not available or accessed.
	3 Care-giver inconsistently receives relevant preventative health care services, most services are not available or accessed.		3 Care-giver sometimes or inconsistently receives needed health care treatment, most services are not available or accessed.
	4 Care-giver rarely or never receives the relevant preventative health care services.		4 Care-giver rarely or never receives required health care treatment.

Plans for long-term care of children?  yes  no  n/a If so, what plans?

<b>Social support network</b>	1 Family/care-giver consistently receives useful support from extended family, friends or neighbours.	<b>Emotional well-being</b>	1 Care-giver is pro-active in addressing the situation of her/his family & is willing to contribute to the support of other families; & is emotionally stable, with a generally positive outlook.
	2 Family/care-giver often receives support from extended family, friends or neighbours, but it is not always consistent or useful.		2 Care-giver is pro-active in addressing the situation of her/his family, & is emotionally stable, with a generally positive outlook.
	3 Family/care-giver sometimes receives support from extended family, friends or neighbours, but it is not consistent and/or useful.		3 Care-giver sometimes takes action to address the situation of her/his family; is unable to cope with stress and/or is emotionally unstable.
	4 Family/care-giver is effectively isolated, without any support from family, friends or neighbours.		4 Care-giver is passive (not taking action to address the situation of her/his family); and/or is emotionally unstable (showing signs of anger, irritability, aggression or depression).
	- Insufficient information available to assess.		

Childcare knowledge & skills  yes  no Notes

Family/Care-giver Assessment Form A (F) 2

**Livelihood (contd.)**

Housing & living conditions	Ownership	<input type="checkbox"/> owned and paid off	<input type="checkbox"/> owned but not paid off	<input type="checkbox"/> rented	<input type="checkbox"/> semi-leased	<input type="checkbox"/> homeless	
	Type of dwelling	<input type="checkbox"/> formal	<input type="checkbox"/> informal				
	Source of water	<input type="checkbox"/> piped water inside dwelling	<input type="checkbox"/> piped water in community	<input type="checkbox"/> rain water tank	<input type="checkbox"/> water seller	<input type="checkbox"/> dam/pool/stream	<input type="checkbox"/> other
		<input type="checkbox"/> piped water inside yard	<input type="checkbox"/> borehole	<input type="checkbox"/> spring	<input type="checkbox"/> other		
	Sanitation	<input type="checkbox"/> toilet connected to sewerage system	<input type="checkbox"/> dry toilet	<input type="checkbox"/> pit latrine with ventilation	<input type="checkbox"/> pit latrine without ventilation	<input type="checkbox"/> bucket	<input type="checkbox"/> none
		<input type="checkbox"/> toilet with septic tank	<input type="checkbox"/> chemical toilet				
	Main fuel for cooking	<input type="checkbox"/> electricity	<input type="checkbox"/> gas	<input type="checkbox"/> paraffin	<input type="checkbox"/> wood	<input type="checkbox"/> other	<input type="checkbox"/> none
Main energy for lighting	<input type="checkbox"/> electricity	<input type="checkbox"/> gas	<input type="checkbox"/> paraffin	<input type="checkbox"/> candles	<input type="checkbox"/> solar	<input type="checkbox"/> other	
Security	<input type="checkbox"/> secure	<input type="checkbox"/> insecure					
Living conditions	1	Family lives in conditions that are adequate, as per local standards (defined in consultation with key stakeholders).	<input type="checkbox"/>	Stability of accommodation	1	Family lives in a stable situation, with no risk of loss of residence.	<input type="checkbox"/>
	2	Family lives in conditions that are fairly adequate, as per local standards.	<input type="checkbox"/>		2	Family lives in a stable situation, but with some risk of loss of residence in future.	<input type="checkbox"/>
	3	Family lives in conditions that are below local standards, but not comprising the safety & protection of the children.	<input type="checkbox"/>		3	Family lives in an unstable situation, with the imminent risk of loss of residence or multiple relocations.	<input type="checkbox"/>
	4	Family lives in conditions that are below local standards, and comprise the safety & protection of the children.	<input type="checkbox"/>		4	Family is homeless or residing in a shelter (shelter = temporary overnight accommodation provided by an institution or organisation).	<input type="checkbox"/>
Food security	1	Children are well fed, eat regularly & a balanced diet.	<input type="checkbox"/>	Food security	<input type="checkbox"/> yes	<input type="checkbox"/> no	
	2	Children have enough to eat, but not a balanced diet.	<input type="checkbox"/>				
	3	Children frequently have less food to eat than needed and complain of being hungry.	<input type="checkbox"/>				
	4	Children do not have enough food to eat and go to bed hungry most nights.	<input type="checkbox"/>				

**Livelihood (contd)**

Source of income	<input type="checkbox"/> pension <input type="checkbox"/> social grant/public allowance <input type="checkbox"/> wage from occasional employment (piece work) <input type="checkbox"/> wage from seasonal employment <input type="checkbox"/> wage from permanent employment <input type="checkbox"/> other	Sufficiency & stability of income	1 Family income is sufficient to cover the children's survival and developmental needs, and is stable. <input type="checkbox"/> 2 Family income is sufficient to cover most of children's survival and developmental needs, but is not yet seen as stable. <input type="checkbox"/> 3 Family income is currently insufficient to provide for the children's survival and developmental needs. <input type="checkbox"/> 4 There is no income to provide for the children's survival and developmental needs. <input type="checkbox"/>
Notes on source, amount & stability of income			
Family has ability to manage household resources?			
Notes			

**Prepared by**

Name

Position

Signature

## **Anexo VIII**

Entrevista ao David César Tavares Moreno, presidente da Associação Comunitária de Fonton

### **1. O que é o CIC?**

O CIC é o Centro de Intervenção Comunitária que foi implementado no Fonton em 2013, com a intenção de colmatar os principais problemas que afligem o bairro.

O Centro de Intervenção Comunitária / Infantojuvenil (CIC/IJ) é uma resposta social, concebida com a finalidade de promover o bem-estar da comunidade, apoiando-a no seu processo de crescimento e desenvolvimento. A sua missão é a de promover uma cidadania ativa, implicando as pessoas no processo de crescimento e desenvolvimento da comunidade, através da identificação dos problemas sociais, na procura de soluções internas e para a comunidade, no aproveitamento e incremento das suas potencialidades, das oportunidades e concomitantemente na melhoria da qualidade de vida das famílias e das pessoas, enquanto objetivo a alcançar. Visa por isso ser uma entidade idónea e reconhecida na comunidade e na cidade como espaço de oportunidade e motor de progresso, mediante o desenvolvimento de ações e respostas integradas, coletivamente assumidas.

Concebido como uma resposta social, o equipamento a ser construído, equipado e dinamizado, tem como público-alvo direto 337 crianças e jovens do bairro do Fonton, promovendo o exercício pleno do seu direito de cidadania, e indiretamente os 160 agregados familiares e a comunidade, apoiando-os no desempenho das suas funções e responsabilidades, reforçando a sua capacidade de integração e a sua participação social.

Com este espaço pretende-se combater o ciclo vicioso da pobreza, ressaltando que as crianças são as principais vítimas da mesma, promover a igualdade e a inclusão social no espaço da cidade e fortalecer a comunidade e a sociedade civil.

### **2. Quantas pessoas fazem parte da direção da ACF?**

Fazem parte da direção da ACF cinco pessoas.

### **3. Quantas pessoas há no bairro do Fonton? Quantas crianças, jovens, adultos e idosos residem no mesmo?**

O bairro do Fonton, segundo o inquérito feito à população, é constituído maioritariamente por jovens. Atualmente fazem parte da comunidade cerca de 772 pessoas, das quais 337 são

crianças, 34 são idosos, 116 são adultos e 150 são jovens.

#### **4. Grande parte da população do bairro depende do CIC?**

Devido à falta de algumas condições, o CIC não tem estado a conseguir cumprir com todos os seus objetivos. De momento só está a cumprir, de um modo geral cerca de 70 % desses objetivos, em que 10 % são nas zonas periféricas, Casa Lata, Fundo Kobon e Tira Chapéu. Nem todos os moradores recebem ajuda por parte deste Centro, por isso é necessário fazer muito mais para que este possa conseguir satisfazer as necessidades das famílias vulneráveis.

#### **5. Quais os principais entraves (a nível familiar, social, que impedem o progresso do aproveitamento escolar dos alunos?)**

Os principais entraves são as condições de vida e o baixo rendimento familiar. Para além disso, muitos pais passam bastante tempo ausentes e não acompanham os filhos no seu percurso escolar, por trabalho ou descuido, acabando por não lhes dar a devida atenção. Mas as crianças que têm um maior insucesso escolar na nossa comunidade são aquelas cujos pais não têm um nível escolar alto. Muitas delas queixam-se da falta de materiais escolares, de gramáticas portuguesas e dicionários, bem como do acesso à Internet para pesquisas.

#### **6. Na sua opinião, em que medida é que a criação de um centro de estudos (com apoio a Português e a Matemática a alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade) ajudaria no desenvolvimento do bairro? Seria proveitoso para a maioria das crianças do bairro? Estariam dispostos a acolhê-lo e a dar-lhe continuidade?**

O Centro de estudos seria muito útil na comunidade. Temos várias crianças que vêm para o Centro estudar, por isso seria muito proveitoso para elas, não só porque teriam uma explicação de qualidade e um acompanhamento especializado com professores mais qualificados o que daria um resultado muito bom no desempenho escolar e na autoestima dessas crianças. Com certeza estaríamos dispostos a recebê-lo e a continuar com o projeto até quando fosse necessário.

#### **7. Qual é o horário letivo dos alunos do 1º ciclo do ensino básico que frequentam o CIC?**

Do 1º ao 3º ano todos os alunos que vêm ao CIC têm aulas das 8H ao 12H30. Os do 4º ano, 7 têm aulas de manhã e 16 têm aulas de tarde, das 13H às 17H50.

**8. Onde seria feito o acompanhamento escolar? Quantas crianças poderiam recebê-lo ao mesmo tempo?**

O acompanhamento escolar seria feito na nossa biblioteca, sala onde as crianças fazem os seus estudos diariamente, com capacidade para 20 alunos de uma só vez. Poderia ser também feito na sala de informática, com capacidade para cerca de 15 alunos, onde essas crianças receberiam formações, usando o computador.

**9. Existe acesso à Internet de forma rápida e frequente, bem como computadores ou outros aparelhos eletrônicos, para a realização de determinadas atividades?**

Neste momento não temos acesso à Internet e há falta também de alguns equipamentos eletrônicos, como máquina fotográfica, impressora, computadores e aparelho de som.

**10. Conhece professores ou pessoas com competências adequadas, que tenham interesse e disponibilidade para fazerem parte deste projeto, ajudando em horário extracurricular esses alunos?**

Sim, temos professores com disponibilidade para dar às nossas crianças aulas e neste momento temos 1 professor e 2 monitores que trabalham como voluntários, dando às crianças do 1º ano a 4º ano explicação a português, matemática e inglês. O que acontece é que não há um grande compromisso e há falta de ajuda porque as pessoas têm ainda a mentalidade de que para dar, têm que receber alguma coisa em troca, ganhar dinheiro e por isso muitas não querem ajudar. Muitas vezes as crianças não têm ajuda porque não têm ninguém para lhes dar apoio. Para este projeto penso que um professor responsável pelas explicações, a Língua Portuguesa e a Matemática, durante um ano seria suficiente. Temos na nossa associação um responsável pela contabilidade, no entanto, pela pouca formação do mesmo considero que era também importante um contabilista, durante 6 meses que apoiasse no projeto.

## **Anexo IX**

Entrevista ao João Baptista Duarte Tavares, tesoureiro da Associação Comunitária de Fonton

### **1. O que é o CIC?**

O Centro de Intervenção Comunitária (CIC) é uma resposta social com o objetivo de promover o bem-estar da comunidade e com um forte envolvimento de diversas instituições públicas e privadas, que tem a incumbência de assegurar que as crianças tenham o acesso aos serviços essenciais que garantem o seu desenvolvimento integral, ajudar as famílias, numa forma educativa de educar as suas crianças e capacitar a comunidade para responder de forma eficaz a situações de vulnerabilidade. Assim sendo o CIC é constituído por uma equipa de 11 membros e 15 voluntários que fazem a gestão do Centro com o intuito de colmatar os principais problemas que afligem a comunidade em vários aspetos possíveis, juntamente com parceiros como as Aldeias SOS, a Câmara Municipal da Paria, o Rotary Club Maria Pia, o Ministério de Saúde, o Ministério da Educação, a Fundação Dona Ana, a Verdefam, as escolas de ensino Básico e Liceus, Pedro Gomes e Cesaltina Ramos. Recentemente conta com o apoio de novos parceiros como a Coordenadora Residente do Sistema das Nações Unidas, Embaixada da União Europeia e a Assembleia Nacional, tudo isto fruto de um grande esforço na mobilização de parceiros credíveis, fundamentais para manter a sustentabilidade dos trabalhos já desenvolvidos e de novos que virão a ser desenvolvidos na comunidade a favor das famílias carenciadas.

### **2. Quantas pessoas fazem parte da direção da ACF?**

A direção é composta por cinco elementos:

- Presidente - David César Tavares Moreno;
- Vice-Presidente - Paulo Jorge Ramos dos Reis;
- Secretária - Vânia Maxina Carvalho Gomes;
- Tesoureiro – João Baptista Duarte Tavares;
- Vogal – Ermelinda Marta Pereira Ribeiro.

### **3. Quantas pessoas há no bairro de Fonton? Quantas crianças, jovens, adultos e idosos residem no mesmo?**



Do inquérito elaborado pela Aldeia SOS (2013) apuramos um total de 337 crianças e jovens, 222 vivem em agregados chefiados por mulheres e 115 em agregados chefiados por homens, sendo:

Faixa etária	Faixa etária	Faixa etária	Faixa etária
0 a 2	3 a 5	6 a 11	12 a 18
46	48	103	140

A Associação Comunitária de Fonton neste momento trabalha somente com 156 crianças e 39 famílias, ou seja, no total de 195 pessoas, no decorrer do tempo temos como missão realizar inquéritos para termos mais conhecimento nesta matéria.

#### **4. Grande parte da população do bairro depende do CIC?**

Sim. Pois o bairro tem muitas mulheres chefes de família, estas por sua vez vivem em condições precárias e este Centro está direcionado para a satisfação das necessidades das crianças que ocupam a maior parte do tempo livre na rua. O centro tem por missão prestar auxílio a essas mulheres na capacitação com formações, por exemplo na área do empreendedorismo, de modo a encaminhá-las para estas terem melhores condições de vida.

Seria muito bom ter mais jovens alfabetizados e mentalizados para o desenvolvimento da comunidade e na educação dos seus filhos.

#### **5. Quais os principais entraves (a nível familiar, social, que impedem o progresso do aproveitamento escolar dos alunos?**

Considero que o primeiro é a alimentação, a falta de alimentos e a situação financeira das famílias. Para além disso, os problemas do bairro como as drogas, o álcool e a falta de habilitações dos encarregados de educação contribuem também no desenvolvimento do aproveitamento escolar.

#### **6. Na sua opinião, em que medida é que a criação de um centro de estudos (com apoio a Português e a Matemática a alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade) ajudaria no desenvolvimento do bairro? Seria proveitoso para a maioria das crianças do bairro? Estariam dispostos a acolhê-lo e a dar-lhe continuidade?**

Sim. A criação de um centro de estudos é extremamente importante no desenvolvimento de qualquer comunidade, pois quanto mais rápido for a aprendizagem do aluno no domínio de

Português e Matemática maior é o ganho para ele e para a comunidade em geral. Um projeto nesse ramo seria mais benéfico e ajudaria no desenvolvimento do bairro e quanto maior apoio tivesse, mais o bairro ganharia com isso.

**7. Qual é o horário letivo dos alunos do 1º ciclo do ensino básico que frequentam o CIC?**

Aqui em Cabo Verde, do 1º ao 3º ano os alunos têm aulas das 8H ao 12H30. No 4º ano há alunos que têm aulas da parte da manhã e outros da parte da tarde, das 13H às 17H50. Dos que frequentam o CIC, 7 têm aulas no horário da manhã e 16 no horário da tarde.

**8. Onde seria feito o acompanhamento escolar? Quantas crianças poderiam recebê-lo ao mesmo tempo?**

O acompanhamento escolar seria feito na escola e no Centro para poder entender o desenvolvimento de qualquer criança na sua aprendizagem. Neste sentido o Centro criou um projeto de acompanhamento dos alunos do bairro na escola neste ano letivo. Os membros e voluntários têm que ir frequentemente às escolas falar com os professores sobre a situação de cada aluno.

O objetivo é que este ano sejam acompanhados 20 alunos entre o 1º e o 6º ano de escolaridade.

**9. Existe acesso à internet de forma rápida e frequente bem como computadores ou outros aparelhos eletrônicos, para a realização de determinadas atividades?**

No caso da utilização de computadores para a realização de determinadas atividades o Centro, neste momento, tem equipamento oferecido pela operadora Unitel T+, no entanto a velocidade da Internet é lenta. Esperamos que com a nova parceria da Câmara Municipal da Praia, as condições da Internet sejam melhoradas. O objetivo, juntamente com o NOSI (Núcleo Operacional da Sociedade de Informação) é utilizar o Centro para instalação de equipamentos de rede no CIC e na Praça. Em cooperação com o Rotary Club este ano foram doados mais 12 computadores para o centro, para motivar os alunos e capacitá-los para a era digital.

**10. Conhece professores ou pessoas com competências adequadas, que tenham interesse e disponibilidade para fazerem parte deste projeto, ajudando em horário extracurricular esses alunos?**

Sim. O bairro tem vários professores e universitários com capacidade de promover o desenvolvimento dos alunos da comunidade e com horários bem definidos, de modo a apoiar os alunos com dificuldades de aprendizagem.

Considero que para além de um professor responsável durante um ano pelas explicações, era preciso um contabilista que apoiasse o projeto e que também me desse uma pequena formação na área da contabilidade, uma vez que sou eu o responsável pela mesma. Para isso considero que não seria necessário durante um ano, mas sim meio ano.

## Anexo X

Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Helena Vieira, professora do ensino básico, na Escola Capelinha de Tira Chapéu

### 1. Quantos alunos frequentam a escola Capelinha de Tira Chapéu? Quais são os anos lecionados na mesma?

Frequentam a escola 705 alunos, da primeira classe até ao sexto ano, dos seis anos até aos onze/doze anos.

### 2. Dos alunos que frequentam a mesma, quantos é que residem no bairro do Fonton e em que nível de escolaridade se encontram? Quais são os alunos que apresentam maiores dificuldades?

Dos alunos da escola, 58 residem no bairro do Fonton. Aqueles que apresentam maiores dificuldades frequentam o 2º, 4º e 6º ano de escolaridade.

Alunos do 1º ano: 11 alunos

- Kelvin, Adriani, Silvio, Edson Lopes Vieira, Irina Lopes da Conceição, Joicimaira Varela Silva, Jaymara, Cândido, Yanick, Erickson e Gabriela

Alunos do 2º ano: 6 alunos

- Bruna Carina Pina Pontes, Magda Nascimento Lopes Moreira, Ivanilson Gomes Gonçalves, Iriane Pereira Cardoso, Fátima Gomes Djallo e Gilson Martins Moreno

Alunos do 3º ano: 9 alunos

- António Fortes, Liana Centeio, Rita Gomes, Daniela Duarte, Germina Mané, Lairínia Patrícia Pereira, Ivanildo Fernandes Teixeira, Clayton Lopes e Alicia Moreno da Costa

Alunos do 4º ano: 9 alunos

- Flávio Furtado, Natasha Freire, Cileny Semedo, Ivon Amarante, Joceline Vieira, Alex Rodrigues, Amadeu Baldé, Alexandre Adérito Varela Silva e Fabrício Lopes

Alunos do 5º ano: 15 alunos

- Hélio António, Helton Carvalho, Adeilson Silva, Jacine Teixeira, Elvis Mendes de Pina, Alexandro Marcelo Gonçalves, Lair Rocha, Silvórnio Semedo, Luís Afonso, Edmilson Ramos, Vilma Fernandes, Diana Teixeira, Ariana Váz, Ricardo Pereira e Andreia Lopes

Alunos do 6º ano: 8 alunos

- Salvilene, Nadia Pires, Emily Cristina, Derick Moreno, Mayara Monteiro, Grikçon Lopes, Ramilson Monteiro e Márcio Ramos

**3. Quais os principais entraves (a nível familiar, social, ...) que impedem o progresso do aproveitamento escolar?**

Os alunos estudam sozinhos, há muito alcoolismo, droga, desemprego e falta de habilitações dos pais e encarregados de educação, por isso não conseguem ajudar os filhos no desempenho escolar e muitos não veem a escola como uma coisa importante e por isso, muitas crianças começam a trabalhar desde cedo.

**4. Quais as disciplinas lecionadas em cada ano? Em que matérias os alunos apresentam um menor aproveitamento escolar?**

Do primeiro ao quarto ano os alunos têm língua portuguesa, matemática, ciências integradas, educação plástica, educação musical e educação física. No quinto e sexto têm língua portuguesa, matemática, ciências da terra e da vida, educação física, educação musical, educação plástica, inglês, francês, educação para a cidadania e história e geografia de Cabo Verde. De todas as disciplinas, aquelas onde os alunos apresentam um menor aproveitamento escolar são língua portuguesa e a matemática.

**5. Qual a taxa de insucesso escolar, nos últimos 3 anos?**

A taxa de insucesso escolar variou entre os 20 e os 25%.

**6. Na sua opinião, em que medida é que a criação de um centro de estudos (com apoio a Português e a Matemática a alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade) ajudaria no desenvolvimento do bairro? Seria proveitoso para a maioria das crianças?**

Na minha opinião, a constituição de um centro de estudos seria de grande valia para as crianças do bairro. Ajudava-as não só a não estar na rua, a não ir por maus caminhos, mas também a melhorar o aproveitamento escolar e a ter mais conhecimento.

**7. Conhece professores ou pessoas com competências adequadas, que tenham interesse e disponibilidade para fazerem parte deste projeto, ajudando em horário extracurricular esses alunos?**

Há professores aqui da zona que estão capacitados e disponíveis para ajudar essas crianças.

## Anexo XI

Entrevista à Dr.<sup>a</sup> Ineida Fernandes, assistente social do bairro do Fonton

**1. Dos alunos que acompanha, como avalia o aproveitamento escolar dos mesmos? Quais os principais entraves (a nível familiar, social, ...) que impedem o progresso do mesmo?**

Os alunos que eu acompanho, normalmente não tem um bom aproveitamento, devido a vários fatores como: falta de orientação e acompanhamento dos pais em casa, falta de estudo e materiais escolares e ainda, um fator que considero crucial que é o nível da comunidade em termos de escolaridade, que se apresenta muito baixo, dificultando a aprendizagem desses alunos.

**2. Em que matérias têm um menor aproveitamento escolar?**

As matérias em que os alunos têm um menor aproveitamento escolar são a leitura e compreensão des textos, números fracionários, proporcionalidade e resoluções de problemas.

**3. Na sua opinião, em que medida é que a criação de um centro de estudos (com apoio a Português e a Matemática a alunos do 1º ao 4º ano de escolaridade) ajudaria no desenvolvimento do bairro? Seria proveitoso para a maioria das crianças?**

A criação de um centro de estudos no bairro seria uma grande valia para o desenvolvimento intelectual desses alunos, bem como para a orientação e aconselhamento, que os ajudará e de que maneira. A comunidade sairia a ganhar e o bairro do Fonton precisa e muito.

**4. Que outro tipo de atividades/ formações seriam benéficas para as crianças do bairro?**

Para as crianças do bairro seriam muito benéficas a realização de atividades lúdicas e recreativas semanalmente, envolvendo a comunidade, atendimento e aconselhamento e acompanhamento periódico, visitas domiciliaries, formações nas áreas da educação pessoal e social, cidadania, empreendedorismo, costura, trabalhos manuais, etc.

**5. Conhece professores ou pessoas com competências adequadas, que tenham interesse e disponibilidade para fazerem parte deste projeto, ajudando em horário extracurricular esses alunos?**

Sim, eu própria estou disposta a fazer parte do projeto e posso convidar amigos e conhecidos que são licenciados e capazes de dar o seu contributo.

## Anexo XII

Entrevista à Dr.ª Emanuela Bonavolta, presidente da Associação *Dignity Non Profit People*

Projeto de Artesanato em Tete, Moçambique, apresentado ao *Harambee África Portugal*. Este projeto começou no mês de julho de 2018 e ainda está a ser acompanhado pela Associação *Dignity Non Profit People*, que terminará em julho de 2019.

- Formação profissional de 60 pessoas em Tete

**1. Antes de pensar no projeto, foi realizada uma análise SWOT com o objetivo de conhecer quais as necessidades da população e que tipo de projeto se adequaria melhor à localidade, tendo em conta também as características do ambiente envolvente, bem como os fatores culturais? Já tinha organizado projetos educativos ou detinha alguma relação com a área?**

O projeto de Artesanato, na cidade de Tete, Moçambique começou com 4 ateliers, um de cozinha, um de costura, um de carpintaria e outro de desenho e pintura, levado a cabo por um grupo de formadores moçambicanos que dão as formações aos jovens. Mais tarde, houve a possibilidade de desenvolver outros ateliers. Os jovens que estão envolvidos na formação começaram a abrir sozinhos, com o nosso apoio outros ateliers sempre ligados ao artesanato. A formação que estão a receber está também ligada a cursos de formação no âmbito da informática, marketing, comunicação e também de apresentação de desenvolvimento de projetos. Há 12 anos atrás fui a Moçambique e o primeiro projeto a ser desenvolvido foi a criação de um centro de acolhimento e formação de crianças órfãs. Enquanto lá estive tentei encontrar formadores moçambicanos capazes de formar estas crianças, no entanto, na área da educação não havia ninguém habilitado para isso. Assim, o primeiro passo foi formar as pessoas locais para depois poderem dar formação aos outros. Comecei a acompanhar esse centro de formação para crianças e quando as primeiras, eram sobretudo meninas, chegaram aos 18 anos, terminaram os estudos secundários. Algumas delas tomaram a decisão de ir para a universidade e outras começaram a ser envolvidas em atividades artesanais, por isso eu e a minha equipa começamos a pensar que era necessário que este grupo de raparigas se tornasse no grupo de jovens formadoras, acompanhadas por formadores séniores, formadores que já tinham cerca de 35/ 40 anos e que davam formação a 15 jovens, capacidade que cada atelier tem.

Neste momento já estão a dar um passo mais para a frente porque têm ateliers em muitos sítios e, entretanto, nasceu uma associação local que se chama *Dignity Moçambique* e foi muito bom, porque todas estas pessoas se juntaram e agora estão a conduzir este projeto. Um dos objetivos é alcançar a autonomia, projetos que têm que ir para a frente sozinhos, dando-lhes conta do papel que podem ter na sociedade. Neste momento compraram um terreno perto da cidade de Tete onde vão realizar uma praça de Artesanato, e daí têm a possibilidade de realizar algumas estruturas ligadas à instrução, à saúde, ao desporto e à produção no âmbito da agricultura e da criação dos animais, gerida totalmente pela associação local.

**2. Quanto tempo demorou a elaborar o projeto? Com que periodicidade realizava as reuniões de trabalho? De que modo as fazia? (presenciais, através de videoconferências, ...). Depois do projeto pensado, em que se baseou para formar a equipa que levaria avante o mesmo? Que fatores teve em consideração?**

Tudo começou em 2005 porque eu encontrei em Roma um sacerdote da diocese de Tete que estava preocupado com as condições em que se encontravam as raparigas da sua província. Não iam à escola, iam apenas para o mercado desde pequeninas e estavam envolvidas em trabalhos manuais ou iam para o campo. Quando cresciam e se tornavam adolescentes as famílias entregavam-nas para casamentos prematuros. Depois de ouvir isto não consegui ficar indiferente porque sempre tive a ideia de que receber uma instrução é a coisa mais importante, porque ajuda a enfrentar a vida de uma maneira diferente. Eu, a minha família e alguns amigos começamos a apoiar algumas raparigas para que elas pudessem ir à escola até acabarem os estudos secundários. Logo a seguir constituímos uma associação em Roma e começamos a promover o projeto, a juntar valores e nasceu a ideia de realizar um centro de acolhimento e formação para raparigas. Logo a seguir, quando elas cresceram constituímos em Roma outra associação, *Dignity Non Profit People* e alguns meses depois foi constituída a Associação *Dignity Moçambique* que é o nosso parceiro local, constituída por jovens e pelos formadores que foram envolvidos no projeto. A nossa associação tem cerca de 50 sócios e temos parcerias com outras organizações e associações e pessoas que individualmente ajudam e apoiam. O que nós promovemos é a autonomia local, fazendo com que cada um tenha uma vida digna e a possa fazer no seu país de origem. Ao início algumas pessoas eram conhecidas, outras não, algumas entraram em contacto connosco porque gostaram da ideia do projeto.



O projeto tem visibilidade e está na Internet, muitas vezes organizamos iniciativas, por isso há muitas maneiras para se entrar em contacto com este projeto.

Quando acompanhei o primeiro projeto viajava muito entre Moçambique e Portugal. Ficava lá 3 meses e depois voltava para Portugal por 3 meses e assim sucessivamente. Os moçambicanos diziam que eu era como uma ponte entre duas realidades distintas. Algumas reuniões estavam ligadas à vida da associação, às questões que fazem parte do dia a dia e das burocracias da mesma. Havia outras reuniões mais ligadas ao projeto, práticas que não envolviam todos os sócios e existiam também reuniões feitas a nível local ou através do *WhatsApp* e do *Skype* com os responsáveis do projeto em Moçambique para tomar certas decisões. A associação local também tinha e tem reuniões periódicas.

**3. Para quanto tempo foi pensada a duração do projeto? Durante esse tempo houve sempre um acompanhamento? Se sim, como é que este foi realizado?**

A implementação do projeto foi muito rápida. Depois de ter encontrado este sacerdote moçambicano que estava em Itália, eu, os meus amigos e familiares começamos, após 6 meses a apoiar algumas raparigas. Para desenvolver o primeiro projeto foram necessários cerca de 10 anos até chegar a ter a primeira geração de formadoras. Quando começamos a acolher as raparigas elas tinham 8/10 anos e quando as mesmas alcançaram a idade de 18/20 anos é que entraram neste projeto de formação profissional. O centro continua com o acolhimento e formação de raparigas órfãs, mas o objetivo mais importante era não só o de dar um sustento à população, mas sobretudo o de mudar uma mentalidade e ajudar as raparigas a começar atividades económicas de autossustento. Este projeto de Artesanato tem uma duração de 1 ano e terminado esse ano ele acabará porque já cresceu muito e os objetivos iniciais já foram ultrapassados.

Durante esse ano houve um acompanhamento da nossa parte à distância através do *WhatsApp*, ... onde trocávamos ideias e impressões, mas quem está a levar o projeto para a frente é a associação local moçambicana. Neste momento estamos a acompanhar de forma mais regular porque sempre que é necessário subir um degrau mais alto é preciso oferecer os recursos necessários. A gestão do projeto é feita a nível local pelos formadores e pelos sócios da Associação *Dignity Moçambique*. “Caminhamos de mãos juntos e cada um faz a sua parte.”

#### **4. De que modo foi realizada a promoção do projeto?**

A nossa associação juntou valores através da sensibilização de pessoas conhecidas, de iniciativas e da apresentação de projetos junto com *Harambee*, como a conferência Episcopal Italiana e outras instituições que de vez em quando dão a possibilidade de apresentar projetos e de entregar valores, sendo necessário apresentar relatórios, a parte contabilística, ... Para mim a melhor maneira de angariação de valores foi através da sensibilização das pessoas, contando experiências e histórias. Tentamos sempre dar valor a cada pessoa, estabelecendo uma relação pessoal, falando tanto das pessoas moçambicanas (beneficiárias do projeto), como daqueles que estão em Roma e que trabalham em prol do projeto. As pessoas gostam imenso da ideia da autonomia, não é só apoio e entregar, entregar, entregar, mas oferecer com um objetivo e com uma duração. Ao longo de alguns anos aquela pessoa tem que mostrar que realmente utiliza bem o apoio e tem a capacidade de seguir sozinha. Nunca tivemos dificuldade em ir para a frente por falta de meios.

#### **5. Foi fácil encontrar uma Instituição que estivesse disposta a acolher o projeto e a pô-lo em prática? Quais foram as maiores dificuldades que sentiu em relação à implementação do mesmo na localidade em questão?**

A associação moçambicana é constituída por 12 pessoas, das quais 10 são os sócios fundadores, os outros são formadores jovens que estão a entrar agora na associação. Foi uma escolha da associação local trabalhar apenas com um grupo pequeno. Considero que foi uma boa escolha porque eles ainda não têm a mentalidade que nós aqui temos de trabalhar juntos. Apesar de se ver muitas fotos de união e partilha, na área onde nós trabalhamos há muita inveja, as pessoas olham mais para o ganho próprio e não entendem que todos juntos podemos alcançar mais objetivos. Para mim foi uma boa escolha ter pessoas que já têm esta mentalidade e daqui a alguns anos, pode-se abrir mais a associação para aquelas que já adquiriram uma mentalidade diferente.

Nós estamos a trabalhar bem porque estamos a trabalhar com pessoas que já têm uma mentalidade um pouco mais aberta e também estamos a trabalhar com estas raparigas que cresceram num centro que as ajudou a formar e a pensar de uma forma diferente. A maior dificuldade que se encontra ali são as superstições, em África há muitas pessoas que estão ligadas a isto e então não fazem porque lhes mete medo. O desenvolvimento é travado

porque quem vai para a frente tem medo que o outro possa ir ao feiticeiro para lhe lançar algum mal.

**6. Foi realizado algum contacto com entidades locais ou internacionais, com vista à promoção do projeto e à criação de parcerias? Se sim, como foi feito esse contacto?**

As parcerias são mais na Itália, na Europa, em Moçambique não temos parcerias porque para isso era necessário ter uma mentalidade diferente. Há empresas brasileiras em Tete que cavam minas de carvão e prejudicam a saúde das crianças, no entanto, ligado à área da responsabilidade social entregam valores para se construir uma pista de atletismo, não faz sentido.

**7. Quais foram os maiores entraves que encontrou na fase da submissão da candidatura?**

A ideia do *Harambee* apareceu porque na pesquisa que geralmente nós fazemos para ver quais são as Instituições que podem ajudar projetos de desenvolvimento encontramos na Internet o *Haramabee* e vimos que têm um pouco a mesma visão que nós temos, quer dizer, não só aquele apoio que não dá desenvolvimento, mas apoiar para que haja realmente desenvolvimento. Oferecer meios para que as pessoas possam depois caminhar sozinhas, construir alguma coisa que possa ficar. Muitas vezes quando a ajuda é só apoiar, apoiar, apoiar, quando esse apoio termina as pessoas nem têm condições ou capacidades em ir para a frente sozinhas. Acho que *Harambee* tem a mesma visão que nós temos. Antes de tudo, entrei em contacto com *Harambee* Internacional aqui em Roma e depois, através do *Haramabee* em Roma entrei em contacto com *Harambee* Portugal e tomamos a decisão. Esta foi tomada entre a nossa associação e a associação local, de apresentar o projeto diretamente a *Harambee* Portugal, porque as raparigas podiam ser envolvidas diretamente na escritura do projeto. Falar a mesma língua ajuda porque assim elas mesmas podem estar em contacto e entender melhor as notícias dadas. Quando *Harambee* Portugal organizou um concerto de Natal, eu enviei a notícia para Moçambique e as raparigas logo compreenderam, que elas mesmas poderiam organizar alguma coisa para o Natal. A associação local, organizará dentro de poucos dias um lanche para 80 crianças. Na fase do projeto, geralmente quando temos que escrever um projeto em italiano e inglês, somos nós que escrevemos, mas neste caso foi uma escritura que envolveu todas as pessoas dali, porque cada uma participou na mesma. A formação começou já antes do projeto, com a aprendizagem de como se apresenta um projeto, como se fazem os relatórios. A única dificuldade que encontramos

ao início, mas não foi com o *Harambee*, foi sempre uma questão de mentalidades. As pessoas ao início, ali em Moçambique não entendiam o quanto era importante a documentação do projeto, quer dizer tirar fotografias, realizar vídeos, não é só fazer, mas também mostrar o que é que se faz, então esta parte da comunicação é muito importante.

**8. Depois do período de acompanhamento do projeto, de que forma é que o mesmo se tornou independente e autossuficiente?**

Neste momento o projeto já é autónomo, por isso, depois de 6 meses o objetivo foi cumprido. *Harambee* faz a distribuição de valores de um modo repartido. Ajuda inicialmente na primeira parte do projeto, mas depois este tem que caminhar sozinho. Só na fase final é que *Harambee* faz o reembolso do outro valor empregue no projeto.

A autonomia do projeto surgiu porque as pessoas compreenderam que aquilo que estão a fazer tem um valor, e começam a olhar para a possibilidade de vender aquilo que é produzido. Por exemplo, o grupo da costura começou a realizar uniformes escolares para as escolas, o grupo de culinária agora está a fazer bolos, bolinhos, bolachas e está a vender. Se alguém tem que organizar uma festa, eles fazem a comida e vendem-na. O grupo de pintura realizou pequenas pinturas e começou também a vender. O mesmo aconteceu com o grupo da carpintaria, eles começaram a fazer móveis e agora estão a vendê-los. Nasceram também outros ateliers como por exemplo, um que é gerido por uma rapariga de 18 anos que se chama Lúcia e ainda está na escola. Começou a fazer sandálias e a recuperar a parte de plástico de algumas delas, colocando missangas, fitas com muitas cores para depois vender. É preciso entender que é preciso produzir alguma coisa que as pessoas possam comprar, depois apresentar os produtos da maneira certa, ver quais são os desejos das pessoas e começar a vender.

**9. No caso do projeto que desenvolveu, a totalidade dos 10% foram conseguidos pela população local? Esse dinheiro foi depositado por eles na conta do *Harambee*? De que forma tiveram garantia de que o valor arrecadado foi utilizado nesse fim?**

A associação moçambicana alcançou mais do que os 10%. O valor total do projeto era de 15 000 euros e eles conseguiram juntar 6 000 euros. Uma parte foi conseguida através das doações que recebemos aqui, enquanto associação italiana que apoia também este projeto. Outra parte foi através da venda de produtos, como os uniformes para a escola, vestidos, fatos, etc. A carpintaria vendeu móveis, mesas, cadeiras e o grupo de cozinha vendeu bolos e biscoitos.

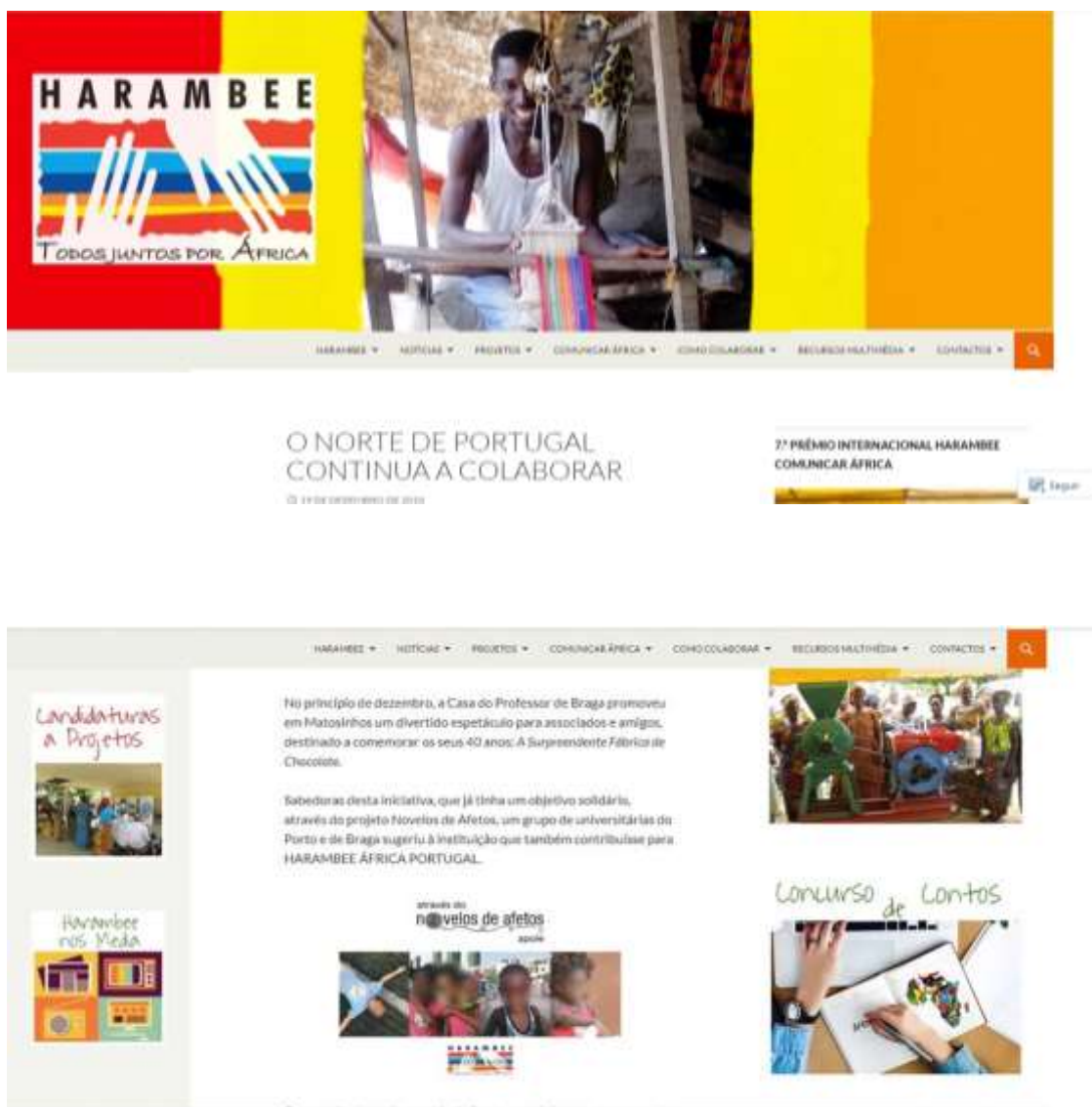
O *Harambee* participou de facto, no projeto de Artesanato, oferecendo um valor de 15 000 euros. Este valor foi dividido em 3 partes. A primeira parte de 4 500 euros foi enviada para a associação de moçambique no início do projeto. Numa segunda parte, foi enviado depois de algum tempo mais 4 500 euros, depois da *Associação Dignity Moçambique* ter apresentado um relatório com um balanço de todas as despesas. A última parte, 9 000 que ainda está nas mãos do *Harambee*, será entregue só quando o projeto terminar e quando a associação apresentar todas as despesas para testemunhar que, de facto, através dos recibos, das declarações, das faturas, aquele dinheiro foi realmente utilizado para implementar o projeto. Só 10% é que *Harambee* pede à associação local, para que haja realmente um desenvolvimento e compromisso da instituição local. Nós estamos a colocar todas as faturas, todos os recibos, toda a questão da contabilidade na Internet, onde tem um espaço do *Harambee* que foi pensado para isso, então, todas as despesas que estamos a fazer em moçambique, todas as justificações são assinadas pelas pessoas que recebem o dinheiro e também são relacionadas com as coisas que escrevemos no orçamento e apresentamos para pedir valores. O destino dos valores recebidos é sempre ligado ao projeto dividido em partes diferentes, no âmbito do pessoal, do equipamento, dos recursos, do transporte, do aluguer. Os 10% não vão ser colocados na conta *Harambee*, mas a garantia que vai ser um reembolso de despesas já enfrentadas, o que quer dizer que a associação local que está a dirigir o projeto tem que fazer as despesas e só depois de as ter feito, nesta parte final e ter recebido as faturas e os recibos pode apresentar a documentação toda e receber o reembolso.

## Anexo XIII

Notícia da iniciativa, em cooperação com a Casa do Professor, no site do *Harambee África Portugal*

Link da notícia:

<https://harambee-portugal.org/2018/12/19/o-norte-de-portugal-continua-a-colaborar/>



The image shows a screenshot of the website 'Harambee África Portugal'. At the top, there is a navigation menu with the following items: HARAMBEE, NOTÍCIAS, PROJETOS, COMUNICAR ÁFRICA, COMO COLABORAR, RECURSOS MULTIMÉDIA, and CONTACTOS. Below the navigation is a large banner image featuring a man in a white tank top working on a colorful textile. To the left of the man is the Harambee logo, which consists of several hands in various colors (red, yellow, blue, green) reaching upwards, with the text 'HARAMBEE' above and 'TODOS JUNTOS POR ÁFRICA' below. The main content area has a heading 'O NORTE DE PORTUGAL CONTINUA A COLABORAR' and a sub-heading '77.º PRÉMIO INTERNACIONAL HARAMBEE COMUNICAR ÁFRICA'. There is also a search bar on the right side of the page.

**HARAMBEE**  
TODOS JUNTOS POR ÁFRICA

HARAMBEE • NOTÍCIAS • PROJETOS • COMUNICAR ÁFRICA • COMO COLABORAR • RECURSOS MULTIMÉDIA • CONTACTOS

### O NORTE DE PORTUGAL CONTINUA A COLABORAR

77.º PRÉMIO INTERNACIONAL HARAMBEE COMUNICAR ÁFRICA

SEARCH

HARAMBEE • NOTÍCIAS • PROJETOS • COMUNICAR ÁFRICA • COMO COLABORAR • RECURSOS MULTIMÉDIA • CONTACTOS

#### Candidaturas a Projetos

No princípio de dezembro, a Casa do Professor de Braga promoveu em Matosinhos um divertido espetáculo para associados e amigos, destinado a comemorar os seus 40 anos: A Surpreendente Fábrica de Chocolate.

Sabedoras desta iniciativa, que já tinha um objetivo solidário, através do projeto *Novelas de Afetos*, um grupo de universitárias do Porto e de Braga sugeriu à instituição que também contribuisse para HARAMBEE ÁFRICA PORTUGAL.

#### Novelas de Afetos

#### Concurso de Contos



Porto e de Braga sugeriu à Instituição que também contribuisse para HARAMBEE ÁFRICA PORTUGAL.



através do **novelos de afetos** apoio



Concurso de Contos



Os organizadores do espetáculo foram especialmente generosos, o que permitiu a HARAMBEE ÁFRICA PORTUGAL angariar, com esta iniciativa mais 172,95 €. Obrigada à Maria João e à Casa do Professor de Braga!

## Anexo XIV

Página do Facebook do projeto *Surisu na Rôstu*, criada pelos membros da equipa *Intelectual Bridge*

Link: <https://www.facebook.com/Surisu-na-R%C3%B4stu-798954393791551/>

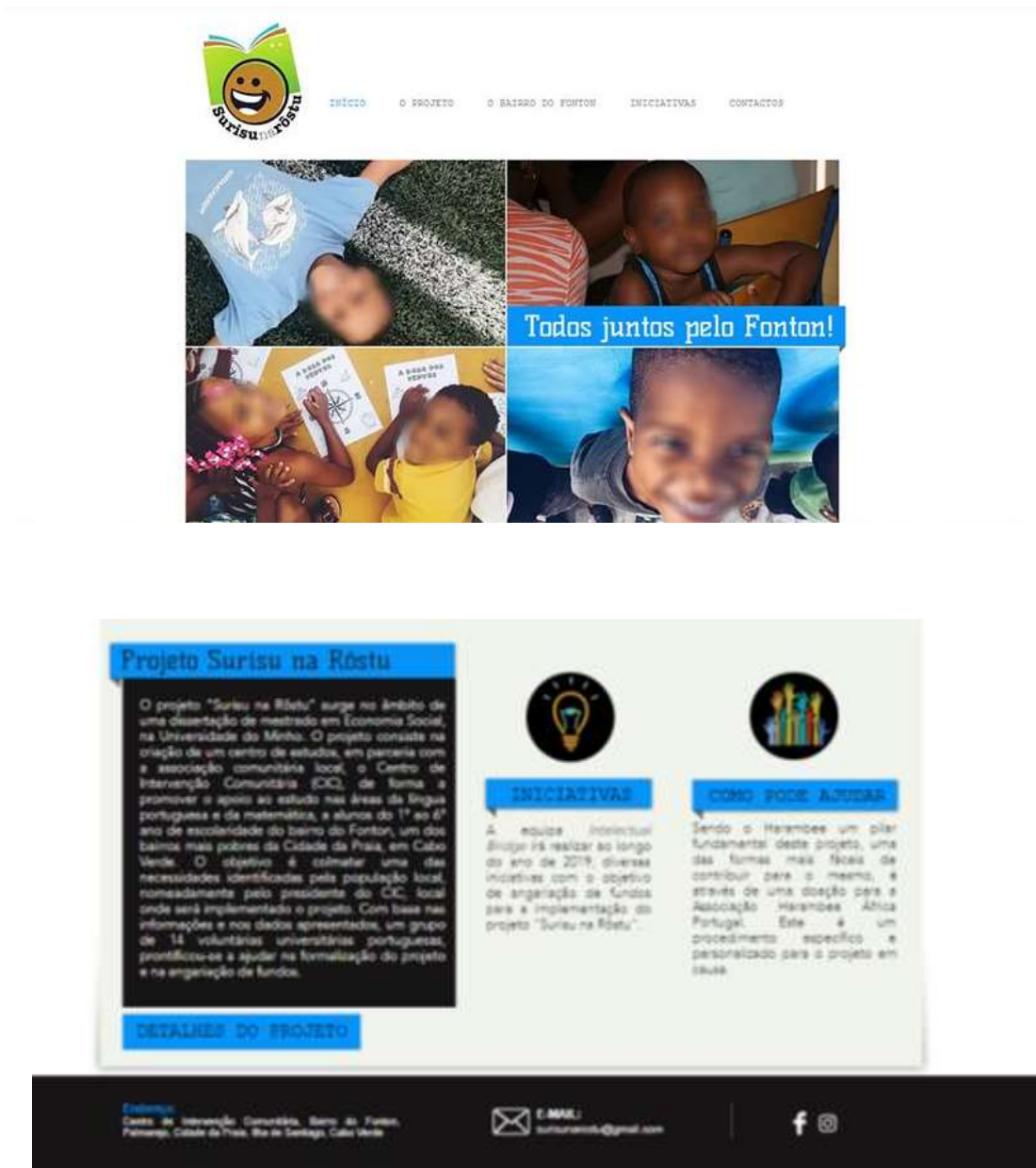




## Anexo XV

Site do projeto *Surisu na Rôstu*, construído pelos membros da equipa *Intellectual Bridge*

Link: <https://surisunarostu.wixsite.com/surisunarostu>



## Anexo XVI

Divulgação do projeto na rádio de Matosinhos online

Link da entrevista:

[https://www.facebook.com/elizabeth.souzavale/videos/2154025558017583/?hc\\_ref=ARSj1AWAdiHduTweh2m-UDHLW3es-yHB-dYhZRLACmdgC-Um3UxxJRJHlwdYfsyCw8](https://www.facebook.com/elizabeth.souzavale/videos/2154025558017583/?hc_ref=ARSj1AWAdiHduTweh2m-UDHLW3es-yHB-dYhZRLACmdgC-Um3UxxJRJHlwdYfsyCw8)



**RADIO MATOSINHOS ONLINE**

Radio Matosinhos Online - Página Principal

Página inicial

Sobre

Fotos

Gostei A seguir Partilhar

**Radio Matosinhos Online - Página Principal**

12 de março às 12:00

"MULHERES DE ATITUDE" COM ELIZABETH DE SOUZA

A ENTREVISTADA SERÁ: MARIA JOÃO LOPES.

Monitora de actividades com crianças e adolescentes  
Mestrado em Economia Social na Universidade do Minho.

Esta é a Mulher de Atitude que esta a frente de um Projeto Social na Africa.

O projeto consiste na criação de um centro de estudos, em parceria com a associação local, a Associação Comunitária de Fonton (ACF), de forma a promover o apoio ao estudo nas áreas da língua portuguesa e da matemática, a alunos do 1º ao 6º ano de escolaridade do bairro do Fonton, um dos bairros mais pobres da Cidade da Praia, em Cabo Verde.

## Anexo XVII

Notícia da tese no site do *Harambee África Portugal*

Link da notícia:

<https://harambee-portugal.org/2019/03/17/primeira-tese-de-mestrado-sobre-harambee/>

The screenshot shows the top navigation bar with links: HARAMBEE, NOTÍCIAS, PROJETOS, COMUNICAR ÁFRICA, COMO COLABORAR, RECURSOS MULTIMÉDIA, and CONTACTOS. The main heading is 'PRIMEIRA TESE DE Mestrado SOBRE HARAMBEE' by 'LÍDIA DE MANGUEIRA DEBY'. The text describes Maria João Lopes, a young graduate in Tourism Management from the Polytechnic Institute of Coimbra, who is completing a master's thesis in Social Economy at the University of Minho. She has worked as a volunteer in development projects, notably in Cabo Verde, where she lived in the Fontain neighborhood. She decided to bring this experience to her academic work, bridging it with Harambee. The text concludes with an invitation to interview her to improve the content of her research and work context. Below the text is a photograph of several colorful umbrellas. The footer includes 'HARAMBEE ÁFRICA PORTUGAL' and the URL 'Site by WordPress.com'.

The screenshot shows the top navigation bar with links: HARAMBEE, NOTÍCIAS, PROJETOS, COMUNICAR ÁFRICA, COMO COLABORAR, RECURSOS MULTIMÉDIA, and CONTACTOS. The main heading is 'HAP - Maria João, qual é o tema da tua tese, e o que pretendes estudar?'. The text explains that the thesis topic is 'O voluntariado universitário na elaboração de candidaturas de apoio social africano', focusing on the case of Cabo Verde. The objective is to explore the role of university volunteering in social projects, specifically the creation of a social center for studies with Portuguese and African support for the 1st to 6th grade of the Fontain neighborhood. The goal is not to provide material aid but to enhance individual capacities and knowledge for service to others. The author aims to provide theoretical and scientific support to the project, studying the importance of volunteering in PALOP as a social development factor, as well as the type of volunteering practiced, to address local needs and show that volunteering helps open horizons and makes a difference in people's lives. A 'Continue a ler >>>' link is provided. The footer includes 'HARAMBEE ÁFRICA PORTUGAL' and 'Site by WordPress.com' with a 'Seguir' button.

## Anexo XVIII

Lista das crianças beneficiárias do CIC Fonton, do 1º a 4º ano de escolaridade

Nº Agregado Familiar	Nome	Idade	Escolaridade
5	Adérito Gonçalves	10 anos	4º ano
4	Bruna de Pina	7 anos	2º ano
4	Luciana Sofia Ramos	7 anos	2º ano
9	Melissa Gonçalves	6 anos	1º ano
4	Márcia Medina	9 anos	4º ano
6	Mariana Gomes	9 anos	4º ano
9	Jéssica Correia	8 anos	4º ano
8	Gelson Varela	11 anos	4º ano
4	Bruno de Pina	10 anos	4º ano
7	Edimilson Sanches	9 anos	4º ano
6	Ciara Cardoso	6 anos	1º ano
6	Nelida Sofia	8 anos	3º ano
3	Joice Varela	6 anos	1º ano
5	Jaila do Conto	9 anos	4º ano
5	Dariama Patrícia	7 anos	2º ano
6	Fátima Gomes	7 anos	2º ano
4	Jeily Teixeira	6 anos	2º ano
4	Ruth Andrade	8 anos	4º ano
9	Walter Barros	9 anos	Não estuda/deficiente
7	Elaine Brito	7 anos	Deficiência motora
4	Gerson Polo Tavares Junior	9 anos/ Fonton baixo	3º ano
4	Alexandro Tavares Junior	11 anos/ Fonton baixo	3º ano

6	Helton Dias	11 anos	4° ano
8	Esmael Correia	10 anos	4° ano
9	Alex Silva	10 anos	4° ano
4	Erico Sanches	10 anos	4° ano
3	Marina Alves	8 anos	3° ano
10	Erickson Semedo	7 anos	2° ano
6	Maura de Pina	8 anos	3° ano
4	Paulo Tavares	10 anos	4° ano

## Anexo XIX

### Calendário de atividades na biblioteca do CIC Fonton



ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIO DE FONTON

### CALENDÁRIO DE ATIVIDADE – BIBLIOTECA CIC FONTON

Segunda-feira	
Manhã	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 09h00 à 10h30: Estudos Acompanhados</li> <li>• 10h30 à 11h00: Conhecimento Geral</li> </ul>
Tarde	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 14h30 à 16h30: Estudos Acompanhados</li> <li>• 16h30 à 17h00: Tabuada</li> </ul>
Terça-feira	
Manhã	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 09h00 à 11h00: Estudos Acompanhados - Tabuada</li> </ul>
Tarde	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 14h30 à 16h30: Estudos Acompanhados</li> <li>• 16h00 à 17h00: Conhecimento Geral</li> </ul>
Quarta-feira	
Manhã	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 09h00 à 11h00: Estudos Acompanhados - Tabuada</li> </ul>
Tarde	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 14h30 à 16h30: Estudos Acompanhados</li> <li>• 16h00 à 17h00: Tabuada</li> </ul>
Quinta-feira	
Manhã	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 09h00 à 11h00: Estudos Acompanhados – Conhecimento Geral</li> </ul>
Tarde	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 14h30 à 16h30: Estudos Acompanhados</li> </ul> <p><u>Público – alvo : Jovens e Adultos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 18h00 a 19h00: Tabuada</li> </ul>
Sexta-feira	
Manhã	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 09h00 à 10h30: Hora do Conto (Falando de emoções, Dinâmica dos Sonhos).</li> <li>• 11h30 à 11h30: Atividades lúdicas – (por equipas).</li> </ul>



ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIO DE FONTON

Tarde	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 14h30 à 16h00: Hora do Conto (Falando de emoções, Dinâmica dos Sonhos).</li><li>• 16h00 à 17h00: Atividades lúdicas – (por equipas).</li></ul>
<b>Sábado</b>	
Manhã	<p><u>Público-alvo: Criança</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 09h00 à 10h30: Construção dos Troféus, Partilhas de História, leitura</li><li>• 11h00 à 12h00: Atividade e exercícios de estimulação, jogos, danças, partilha de história com os voluntários e as crianças. <i>fitas, Gisele, Walter, Jovane, Jois</i></li></ul>
Tarde	<p><u>Público-alvo: Idosos</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 16h00 à 17h00: Construção dos Troféus</li><li>• 17h00 à 18h00: Atividade e exercícios de estimulação, jogos, danças, partilha de história com os voluntários e idosos.</li></ul> <p><u>Público-alvo: Criança e Jovens</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 15h00: "Cine CIC" Exibição de Filmes para crianças</li><li>• 18h00: "Cine CIC" Exibição de Filmes para Jovens e adultos.</li></ul>

## Anexo XX

Autorização do presidente da Associação Comunitária de Fonton para utilização de informação da associação na presente investigação

Boa Noite

Serve este email para autorizar a utilização de informação relativa a Associação Comunitária de Fonton, para fins académicos.

Atenciosamente,  
David Moreno  
Presidente da ACF

---